



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE CIÊNCIAS HUMANAS
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS**



LIUBOV TARASOVA

**CULTURA E DISCURSO NO CONTEXTO DO ENCONTRO COM
O OUTRO-ESTRANGEIRO**

**Porto Velho – RO
2016**

CULTURA E DISCURSO NO CONTEXTO DO ENCONTRO COM O OUTRO-ESTRANGEIRO

LIUBOV TARASOVA

Dissertação apresentada ao Mestrado Acadêmico em Letras da Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, como parte dos requisitos para obtenção do Título de Mestre em Letras.

Orientadora: Odete Burgeile

Linha de Pesquisa: Estudos de Cultura e diversidade cultural.

Porto Velho
2016

FICHA CATALOGRÁFICA

BIBLIOTECA PROF. ROBERTO DUARTE PIRES

Digite para introduzir texto

Tarasova, Liubov

Cultura e discurso no contexto do encontro com o outro-estrangeiro /
Liubov Tarasova. Porto Velho, Rondônia, 2016.

Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Federal de Rondônia
/ UNIR.

Orientadora: Profa. Dra. Odete Burgeile

1. Cultura. 2. Discurso. 3. Identidade. 4. Alteridade. 5. Estrangeiro. I. Burgeile, Odete II. Título.

Bibliotecária Responsável:

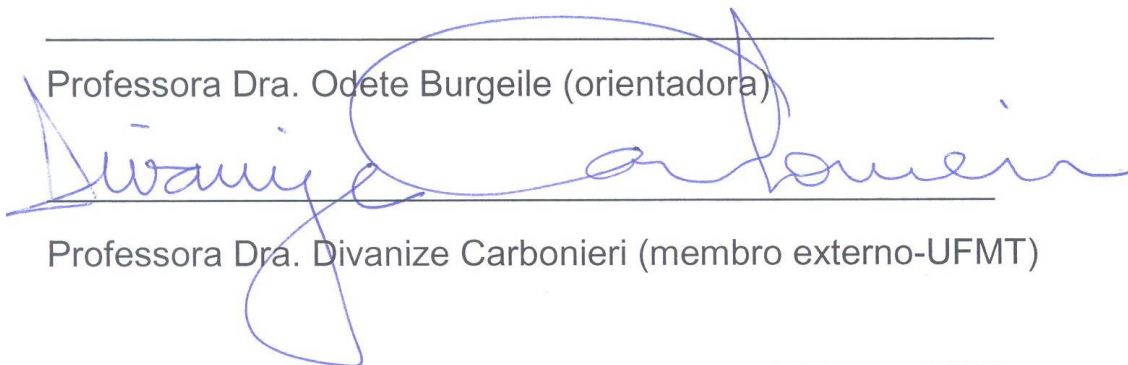
LIUBOV TARASOVA

**CULTURA E DISCURSO NO CONTEXTO DO ENCONTRO COM
O OUTRO-ESTRANGEIRO**

Dissertação apresentada ao Mestrado Acadêmico em Letras da Fundação Universidade Federal de Rondônia como parte dos requisitos para obtenção do Título de Mestre em Letras.

BANCA EXAMINADORA

Professora Dra. Odete Burgeile (orientadora)



Professora Dra. Divanize Carbonieri (membro externo-UFMT)

Professor Dr. Júlio César Barreto Rocha
(membro interno)

Professor Dr. Elcio Aloisio Fragoso
(membro suplente)

**PORTO VELHO – RO
2016**

Dedico este trabalho ao belo Estado de Rondônia que me acolheu no Brasil e onde eu aprendi a ver o mundo de uma nova forma.

AGRADECIMENTOS

À minha Orientadora Professora Doutora Odete Burgeile por sua paciência, por sua ajuda indispensável com a língua portuguesa, apoio e compreensão em situações de preocupação e angústia. Seu ensino e dedicação foram fundamentais para a concretização desta missão.

À Universidade Federal de Rondônia por ter dado a mim a oportunidade de revalidar meu diploma e de estudar no Mestrado Acadêmico em Letras.

Ao Mestrado Acadêmico em Letras e aos professores deste curso por compartilharem o conhecimento, generosamente, em suas aulas e atividades.

A todos os professores que me apoiaram no desejo de fazer este curso apesar das dificuldades por mim enfrentadas, tanto na aprendizagem da língua portuguesa, quanto na saudade da minha família e adaptação à nova cultura.

À minha mãe, por todas as orações que fez, por mim, nesse período. Ao meu irmão que acreditou nos meus objetivos e sempre me apoiou com bom humor.

Ao meu marido que me acolheu no Brasil e sempre me incentivou a estudar e a ir em frente.

À mãe do meu marido, Ana Maria, pela ajuda intelectual e incentivo emocional para realizar esta tarefa.

Ao Professor Doutor Júlio César Barreto Rocha, pela sabedoria e ideias criativas, que serviram para nortear meus estudos neste curso de mestrado.

Ao Professor Doutor Élcio Aloisio Fragoso, pelo apoio e atenção, que incentivaram o meu interesse na pesquisa.

À Professora Renata Ianesko, pelo carinho com que me acolheu no Brasil e à paciência ao ajudar a delimitar os caminhos que hoje percorro.

Aos colegas do curso de mestrado, grandes amigos e guerreiros, que sempre me serviram de exemplo.

À CAPES pela bolsa de estudos que muito contribuiu para que eu pudesse estudar.

Aos meus informantes, que contribuíram nas ideias para o desenvolvimento desta pesquisa, pela paciência com que responderam a todas as minhas perguntas.

Minha sincera gratidão!

Este é o trabalho da ideologia: produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência. Podemos começar por dizer que a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer.

Eni Puccinelli Orlandi

TARASOVA, Liubov. Cultura e discurso no contexto do encontro com o outro-estrangeiro. 2016. 117 p. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Letras, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, RO, 2016.

RESUMO

A partir de uma pesquisa de caráter descritivo com técnicos civis russos e técnicos militares brasileiros do projeto entre o governo brasileiro e a empresa estatal russa Rosoboronexport, este trabalho procura descrever o processo de convivência e trabalho nessa equipe internacional, que envolveu a resistência natural ao diferente, ao “outro”. Esta pesquisa, bibliográfica e de campo, com abordagem qualitativa, utilizou como instrumentos de coleta de dados a observação em campo e entrevistas gravadas, aplicadas com questionários fixos. Partindo das imagens captadas nas entrevistas e analisadas, que foram formadas acerca do outro-estrangeiro, discute-se sobre as condições e contextos em que foram produzidos os discursos dos participantes da pesquisa. Também, explicita-se a noção de cultura e de alteridade, no entrelaçamento com a ideologia que sempre se materializa na linguagem. Os objetivos específicos foram verificar qual a imagem que se formou sobre o estrangeiro russo e brasileiro; verificar quais discursos sobre o estrangeiro foram formados; deduzir quais as diferenças culturais que influenciaram na formação do relacionamento. O núcleo teórico que deu base para realizar tais propostas foi formado pelos estudos culturais e estudos discursivos, assim como o instrumental de análise. Para sustentar os argumentos, destaca-se as perspectivas de cultura (BAUMAN [1925] 2012; ELIOTT, 1988; GEERTZ, [1926], 2008; GUARESCHI, 2013); da identidade e diferença (SILVA, HALL, WOODWARD, 2014; TASSO, 2005); a alteridade na cultura, o “outro” na sociedade (BRAWERMAN-ALBINI, 2013; CHARAUDEAU, 2015; CORACINI, 2013; SKLIAR & DUSCHATZKY, 2000); de análise do discurso e ideologia (ALTHUSER, 1985; FERNANDES, 2005; GABLER, 2011; ORLANDI 2006, 2010, 2012a, 2013; PÊCHEUX, 2009, 1975, 1997b, 1988, [1969] 1997). A partir da análise das imagens e dos discursos que acompanharam a formação dessas imagens, confirmou-se que os dizeres dos participantes desta pesquisa estão carregados de conceitos pré-existentes, pré-estabelecidos na memória discursiva, influenciada pelos discursos circulantes na sociedade que formam, ideologicamente, o imaginário do sujeito. Além disso, os enunciados evidenciaram atitudes contraditórias de rejeição e admiração, avaliação positiva e negativa, identificação com o outro ou receio de assemelhar-se. Desse modo, com a comprovação da resistência ao contato com o outro, da falta de interesse para conhecer a cultura ou a língua do outro, português ou russo, confirmou-se a hipótese de vinculação dessa falta de interesse à dificuldade do encontro proporcionado no trabalho em conjunto no projeto, com o outro-estrangeiro.

Palavras-Chave: 1. Cultura. 2. Discurso. 3. Identidade. 4. Alteridade. 5. Estrangeiro.

TARASOVA, Liubov. Culture and discourse in the context of meeting with the other-foreigner. 2016. 117 p. Master Thesis – Language Department, Federal University of Rondonia, Porto Velho, RO, 2016.

ABSTRACT

This descriptive research with participation of Russian civil technicians and Brazilian military technicians, who took their part in the project between Brazilian government and Russian state enterprise Rosoboronexport, seeks to describe the process of co-existence and work in this international team, which involved a natural resistance to the different, to the “other”. The instruments for data collection for this bibliographic and field research with a qualitative approach involved observation and recorded interviews with fixed questions. The images about the other-foreigner were captured during the interviews and analyzed, and lead to the study of the conditions and contexts in which the discourses of the participants were produced. Herewith the research includes the notion of culture and otherness in connection with ideology that is always present in speech. Specific objectives were to verify which image was formulated about Russian and Brazilian foreigner; verify which discourses were formulated about a foreigner; investigate which cultural differences influenced their relationship. Theoretical base for the proposed objectives and the analysis included cultural studies and discourse studies. In order to support our arguments, we have highlighted the perspectives of culture (BAUMAN [1925] 2012; ELIOTT, 1988; GEERTZ, [1926], 2008; GUARESCHI, 2013); identity and difference (SILVA, HALL, WOODWARD, 2014; TASSO, 2005); otherness in the culture, the “other” in the society (BRAVERMAN-ALBINI, 2013; CHARAUDEAU, 2015; CORACINI, 2013; SKLIAR & DUSCHATZKY, 2000); discourse analysis and ideology (ALTHUSSER, 1985; FERNANDES, 2005; GABLER, 2011; ORLANDI 2006, 2010, 2012a, 2013; PÊCHEUX, 2009, 1975, 1997b, 1988, [1969] 1997). With the help of the analysis of the captured images and discourses that accompanied the formation of these images, it was confirmed that the speech of our research participants contain the pre-established concepts, which exist in their discursive memory and are influenced by the discourses circulating in the society, affecting the ideological formation of a subject's imaginary. Besides, the participants' statements have reflected contradictory attitudes of rejection and admiration, positive and negative evaluation, self-identification with the other and fear to assimilate. Herewith, by looking into the resistance to the contact with the other, lack of interest for the other's culture and language, Russian or Portuguese, the hypothesis has been confirmed that this lack of interest is connected to the difficulties of the meeting with the other-foreigner in the place of work in a project in focus.

Key-words: 1. Culture. 2. Discourse. 3. Identity. 4. Otherness. 5. Foreigner.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. CULTURA	22
1.1 A noção de cultura.....	22
1.2 Problemas culturais: abordagens e práticas sociais.....	34
1.3 Identificando as representações dos “outros”	37
2 RELAÇÃO: CULTURA E DISCURSO	45
2.1 Discurso e sentido	45
2.2 As condições de produção do discurso	50
2.3 As formações imaginárias.....	53
2.4 Formação discursiva, pré-construído e interdiscurso.....	56
2.5 O sujeito em análise do discurso.....	60
3. A IMAGEM DO OUTRO-ESTRANGEIRO.....	64
3.1 Imagens sobre o outro-estrangeiro russo.....	65
3.2 Imagens sobre o outro-estrangeiro brasileiro.....	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	108
REFERÊNCIAS.....	114

Introdução

O que produz o entendimento e o desentendimento entre os sujeitos de uma sociedade? Mais fundamentalmente, o que a constitui? Há uma efetiva compreensão entre seus membros por serem eles falantes de uma mesma língua e portadores de uma mesma cultura? Quais são os papéis desempenhados pela linguagem, pelas línguas, pelos discursos e pela cultura nos consensos e nos conflitos sociais? Essas e outras questões da mesma natureza acompanham o pensamento humano há milênios e voltam a nos frequentar, mais intensa e particularmente, em nosso mundo contemporâneo marcado, ao mesmo tempo mas não na mesma medida, por lutas necessárias e reivindicações justas e por hegemonias, radicalismos e intolerâncias.

Há mais consensos ou conflitos na história humana? Dispõem eles do mesmo peso e espaço na construção e no esgarçamento dos laços sociais? Ao falarem, os homens tendem a enxergar mais identidades ou mais diferenças entre si? E quanto a nós, estudiosos da linguagem, observamos antes as unidades discursivas, onde se cria à primeira vista uma mera diversidade de falas, de enunciados ou de textos, ou buscamos principalmente demonstrar a existência das distintas posições enunciativas e/ou ideológicas, onde se acreditava existir a simples unidade de uma instituição, de um campo ou de uma formação discursiva?

Em diversas tendências da linguagem parece ter ocorrido, inicialmente, o domínio da identificação das homogeneidades discursivas. Em seguida, por meio de seus desenvolvimentos e de seus diálogos com outras áreas do conhecimento – tais como a Teoria da Enunciação, os estudos do Círculo de Mikhail Bakhtin, a obra de Michel Foucault e a Nova História, entre outros – os analistas estabeleceram as distintas formas da heterogeneidade como prioridade. Numa ou noutra visão, a tarefa não é menos espinhosa: na diversidade das falas, o que deve ser entendido como um mesmo discurso? Como identificá-lo? Com que meios podemos estabelecer as fronteiras entre um e outro discurso? Por outro lado, o que é o “Outro” numa ou de uma formação discursiva? Quais são suas funções e seus diferentes graus de presença na constituição de um discurso?

Com o propósito de refletir sobre esses e outros fatos da produção discursiva e com vistas a compreender alguns aspectos que enredam a relação entre determinados grupos sociais é que propôs-se pesquisar por meio de enunciados o que não seria mais “uma vantagem” das diferenças culturais, senão um descompasso conti-

do na coexistência de várias e diferentes culturas. De fato, se existem certos desencontros entre membros de uma mesma sociedade, e ainda falantes de uma mesma língua, como poder-se-ia então pensar, *a priori*, na relação entre diferentes grupos sociais levando-se em conta suas diferenças culturais e identitárias? Isto constitui-se como uma das preocupações maiores, uma vez que entra justamente em cena a questão da cultura nas esferas sociais compartilhadas por determinados grupos sociais, cultura essa cada vez mais ancorada na produção de discursos. No intuito de entender este aspecto cultural voltado à afirmação da identidade como elemento intrínseco à formulação de enunciado, colocou-se o estudo numa linha que abrange os Estudos Culturais em consonância com os estudos da linguagem vistos, por sua vez, numa forma discursiva.

No ano de 2008, por meio de contrato firmado entre o governo brasileiro e a Rosoboronexport, empresa estatal russa, foi concretizada a compra dos primeiros helicópteros de ataque da Força Aérea Brasileira (FAB), os AH-2 SABRE. Conforme previsto no contrato, foi realizado treinamento teórico e prático de militares brasileiros no centro de treinamento da cidade de Torzhok, localizada 250 Km ao norte de Moscou, na Federação Russa. Ali, entre maio de 2009 e agosto de 2011, oficiais aviadores (pilotos) e técnicos (graduados) brasileiros tiveram a oportunidade de conhecer e experimentar os equipamentos da Força Aérea da Rússia, pilotando e efetuando a manutenção das aeronaves Mi-24 PN Hind (designação OTAN¹). Esse intercâmbio foi de grande proveito para os militares do Segundo Esquadrão do Oitavo Grupo de Aviação (2º/8º GAV), sediado na Base Aérea de Porto Velho (BAPV). Com a conclusão do curso na Rússia em meados de 2011, uma equipe de técnicos russos foi alocada para trabalhar, permanentemente, em Porto Velho, com o objetivo de prover apoio técnico, para a manutenção desses helicópteros utilizados pelos militares brasileiros em Rondônia, durante o período de garantia.

Foram designados, pela empresa fabricante do helicóptero AH2-SABRE, um grupo de 15 técnicos, falantes natos do idioma russo, especialistas nos diversos sistemas e equipamentos desse helicóptero de combate, para darem suporte na manutenção dessas aeronaves no 2º/8º GAV, sediado na Base Aérea de Porto Velho. A partir de agosto de 2011 e até o presente, especialistas russos e brasileiros trabalham juntos, em contato direto e diário, na unidade da Base Aérea de Porto Velho

¹ Organização do Tratado do Atlântico Norte.

(RO, Brasil), efetuando a manutenção dos helicópteros adquiridos pelo contrato acima mencionado.

No entanto, durante essa parceria entre as duas nações, cada qual com interesses e objetivos definidos segundo as demandas industriais, pareceu importante ressaltar a relação social que reinava entre brasileiros e russos no espaço profissional.

De fato, se a parceria entre os dois países correspondeu, em alguma medida, às expectativas desejadas, nem sempre a interação entre brasileiros e russos se efetuou de modo harmonioso e sem nenhum desentendimento. Acredita-se que tal situação possa, de certa forma, impactar a produtividade no seio empresarial.

É importante que eu, autora deste trabalho, coloque em foco minha trajetória pessoal e acadêmica no Brasil, posto que daí vieram algumas das influências que resultaram na escolha da temática desta pesquisa.

Meus pais, registrados nos documentos como *russos étnicos*², logo após o nascimento dos filhos, foram morar na República Soviética da Lituânia, na cidade de Vilnius (capital), na busca por melhores empregos. Ali permanecemos por dez anos, até 1998. Desde o início e, especialmente, após a queda da União Soviética e a proclamação da independência da Lituânia (1990) nós, como russos étnicos e falantes da língua russa, sofremos com o preconceito. Meus pais, na esfera de serviço e emprego; eu e meu irmão, naquele tempo crianças, na escola, nos supermercados e nos relacionamentos com outras crianças, devido à nossa origem sotaque russos. Paradoxalmente, voltando para a Rússia demorei alguns anos para voltar a ser “russa”, período em que sofri preconceito na escola, por parte dos outros alunos, por ser “lituana”. Assim, desde muito cedo, vivenciei a posição do outro-estrangeiro, a posição do diferente. A partir de 2004, depois de me formar na faculdade – no curso de Letras, Inglês e Alemão, na Rússia – iniciei carreira profissional de intérprete de russo/inglês. Neste contexto fui selecionada, ainda na Rússia, para realizar a tradução dos especialistas russos, do russo para o inglês, no Brasil. Com o objetivo inicial de realizar o trabalho neste país pelo período de um ano, recebi treinamento sobre os sistemas da aeronave para melhor atender à tradução técnica. Em janeiro de 2011, sem ter qualquer contato com a língua portuguesa, cheguei ao Brasil e assumi o posto de intérprete na unidade militar de Porto Velho, sendo uma mediadora das

² Nos passaportes da União Soviética, os cidadãos tinham registrada a origem étnica de seus pais.

relações profissionais de manutenção e logística entre russos e brasileiros. Uma vez que, tanto os russos quanto os brasileiros, não apresentaram a fluência na língua inglesa necessária às questões técnicas, comecei a estudar a língua portuguesa. Este fato, somado à imersão cultural, fizeram-me fluente o suficiente para realizar a tradução português/russo e vice-versa, com razoável segurança. Permaneci nesse emprego por quatro anos seguidos. Em 2014 fui aprovada no curso de Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Federal de Rondônia e assim iniciei os estudos em que comecei a achar respostas para várias perguntas que me torturavam há anos devido aos mencionados deslocamentos meus e da minha família.

A ideia da presente pesquisa foi motivada pela inquietação decorrente do testemunho de situações de conflito cultural entre as equipes estrangeiras, neste caso, a brasileira e a russa, que seria a resistência natural ao diferente, ao “outro”. Ela surgiu também a partir de minha experiência como intérprete de língua russa em vários projetos internacionais, entre eles, aquele firmado entre a Força Aérea Brasileira e empresa estatal russa. Neles tive oportunidade de vivenciar o processo de convivência e de trabalho em equipe internacional, com seus desafios, falhas e conquistas.

Entretanto, no decorrer dessa vivência, percebi que, embora no início do projeto os participantes se esforçassem por realizar um trabalho com qualidade, onde houvesse maior envolvimento e contato entre os membros de cada grupo, ocorreu, notadamente, desde o primeiro ano até hoje, uma diminuição e, enfim, falta de interesse por parte de ambos os grupos pela aproximação entre eles, mesmo trabalhando juntos, em contato direto, nos hangares da base aérea de Porto Velho.

Acreditei, no início, que esse problema poderia estar vinculado às questões de tradução ou falta de tempo e recursos apropriados para desenvolvimento de um relacionamento melhor entre os grupos. Porém, algo chamava a atenção quando presenciava e tinha de traduzir – ou impedir – os comentários e atitudes preconceituosos de uns sobre as pressupostas características nacionais do outro, seguidos de conflitos, estresses no campo de trabalho e resistência a efetuarem as tarefas em equipe ou resistência ao contato entre os membros dos grupos fora do trabalho.

Durante o acompanhamento desse projeto, realizado nos dois países mencionados, e o surgimento de intenso interesse por um estudo bibliográfico sobre a cultura brasileira, formas de relacionamento com o “outro” estrangeiro, importância da

identidade nacional no relacionamento entre nativos do país e estrangeiros, confirmei que esta realidade seria mais abrangente do que podia imaginar.

Foi possível perceber, por meio das observações dos representantes de ambos os grupos, no trabalho e fora dele, a demonstração de ideias estereotipadas e preconcebidas do comportamento do “outro” e, em seguida, falta de vontade pelo contato com o outro grupo, mesmo nas situações de necessidade de ajuda mútua. Então, resistência, afastamento, falta de vontade de contato entre os grupos no trabalho e fora de trabalho foram acontecimentos observados durante minha própria trajetória como intérprete.

Para melhor compreensão dos enunciados que se formam e dos discursos aos quais eles se filiam – e cuja produção e circulação ocorrem no seio de empresas que gozam em princípio de direitos de parcerias e grande influência no mercado de consumo – é que propôs-se analisar enunciados de funcionários brasileiros e russos quanto à convivência de uns com os outros.

Além da motivação pessoal que promove este trabalho – seja minha própria condição de russa, seja pelo meu interesse pela língua portuguesa ou ainda, seja pela minha curiosidade e respeito pelas contribuições internacionais em geral – acreditei que tal empreitada possuísse grande relevância acadêmica, tendo em vista que pode trazer à tona questões silenciadas nos dizeres que circulam na sociedade brasileira contemporânea e que colocam em xeque os desafios que representa a diversidade cultural para a ação humanitária. Com base na minha experiência enquanto intérprete, seja encarregada de dar a conhecer as vontades e intenções de uns para os outros, seja para traduzir a língua russa para a língua portuguesa falada no Brasil e vice-versa, acreditei ser relevante descrever as dificuldades de convivência encontradas por cada grupo.

A partir da minha experiência, uma forma de encontro entre o universal e o local, emergiu uma hipótese: mal concebia-se a cultura como um todo homogêneo, herdada do passado, imutável e fechada nas fronteiras de um Estado. O discurso sobre o choque das culturas desconsidera, de fato, o caráter evolutivo de culturas que se desterritorializam e que reforçam uma lógica de confronto ao invés de colocar em xeque a riqueza das diversidades. Mediante tal observação, a solução deveria passar, antes, por uma (re) aprendizagem da comunicação entre atores humanos, em plena era da globalização e da revolução tecnológica da informação, no intuito de pôr fim à desumanização do outro (inimigo?), à exclusão da diferença.

Procurou-se efetuar a pesquisa e levantar-se a razão da diminuição e falta de interesse no encontro cultural entre os especialistas russos e brasileiros; investigar os desafios da convivência entre os dois grupos. Daí os objetivos específicos: verificar qual a imagem que se formou sobre o estrangeiro russo e brasileiro. Verificar quais discursos sobre o estrangeiro foram formados. Deduzir quais as diferenças culturais que influenciaram na formação de relacionamento entre os especialistas brasileiros e os especialistas russos.

Todavia, importa ressaltar que um dos objetivos é, também, o de acompanhar, de acordo com levantamentos de diversos autores, a dinâmica que rege a convivência entre grupos sociais diferentes.

Para tentar responder a essas indagações e compreender a complexidade de convivência com o outro-estrangeiro, utilizou-se as perspectivas de cultura (BAUMAN [1925] 2012; EDGERTON, 2000; ELIOTT, 1988; GUARESCHI, 2013; HARRISON&HUNTINGTON 2000; MOREIRA, CANDAU (orgs.), 2013; MORIN,1990; da identidade e diferença (BURGEILE 2009; CHARAUDEAU, 2015; SILVA, HALL, WOODWARD, 2014; TASSO, 2005); a alteridade na cultura, o “outro” na sociedade (BRAWERMAN-ALBINI, 2013; CHARAUDEAU, 2015; CORACINI, 2013; SKLIAR, C. & DUSCHATZKY, 2000); de análise do discurso e ideologia (ALTHUSSER,1985; CHARAUDEAU, MAINGUENEAU, 2008; COURTINE, 2009; FERNANDES, 2005; GABLER, 2011; GULHAUMOU, 2008; HENRY, 2013; ORLANDI 1992, 1994, 2006, 2010, 2012a, 2012c, 2013; PÊCHEUX & FUCHS,1990; PÊCHEUX, 2009, 1975, 1997b, 1988, [1969] 1997; SCHIFFRIN, 1994). Os referidos autores seguem perspectivas distintas, e o propósito deste trabalho não consiste em conciliar as teorias por eles propostas, mas sim encontrar algumas noções e articulações que parecem relevantes e que contribuem, em certa medida, para o desenvolvimento desta pesquisa.

É sabido que inúmeras pesquisas foram desenvolvidas sobre a questão da cultura junto à problemática do multiculturalismo no Brasil, resultantes de encontros nacionais e internacionais de professores de diferentes áreas de conhecimento que possibilitaram a viabilização de projetos no quadro de intercâmbios acadêmicos no país e de diversos domínios. Dentre as inúmeras produções científicas, pode-se citar, *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*, organizado por Moreira e Candau (2013) em que os autores enfatizam as noções de cultura, multiculturalismo e mudanças demográficas, as quais são consideradas fatores que afe-

tam as sociedades contemporâneas, seja nas definições de novas metas, seja na constituição de identidades. Essas noções serão abordadas em profundidade, tendo em vista que não são conceitos privilegiados na perspectiva em que o trabalho foi orientado. Apenas fez-se questão de mencioná-los na medida em que o propósito também diz respeito à cultura. Em outra abordagem, o livro *Diversidade Cultural e Ensino de Língua Estrangeira*, organizado por Brawerman-Albini e Medeiros (2013) trata da noção de cultura e sua influência no aprendizado de línguas estrangeiras em contexto de intercâmbio acadêmico apoiado pelo Programa de Assistente de Ensino de Língua Inglesa em parceria entre a Comissão Fulbright, a CAPES e instituições de ensino superior de vários lugares do Brasil. Em *Ensaio sobre o conceito de cultura*, Bauman ([1925] 2012), analisa a história do conceito de cultura e apresenta suas propostas inovadoras sobre manifestações culturais.

Tendo em vista que a mencionada região de Rondônia mantém relações comerciais e socioculturais com países vizinhos no Norte do Brasil e outros além dos limites da América do Sul, não deixa a mínima dúvida sobre a relevância dessas pesquisas.

O dispositivo de análise, utilizado nesta pesquisa, possui sua base em estudos discursivos o que permite a particularização do material coletado pelo próprio pesquisador. É isso que Orlandi (2013, p. 62) propõe:

Não há análise de discurso sem a mediação teórica permanente, em todos os passos da análise, trabalhando a intermitência entre descrição e interpretação que constituem, ambas, o processo de compreensão do analista. É assim que o analista de discurso “encara” a linguagem. Tendo isso em conta, ele constrói finalmente seu dispositivo analítico, que ele particulariza, a partir da questão que ele coloca face aos materiais de análise que constituem seu corpus que ele visa compreender, em função do domínio científico a que ele vincula seu trabalho.

Durante o trabalho, elaborou-se o questionário endereçado a especialistas russos e brasileiros participantes do projeto entre a FAB (Força Aérea Brasileira) e a empresa estatal russa produtora de helicópteros, totalizando vinte e seis participantes, sendo treze brasileiros, nascidos e residentes no Brasil, e treze russos, nascidos e morando na Rússia. Todos os participantes da presente pesquisa conviveram no âmbito profissional por aproximadamente seis anos, seis meses dos quais na Rússia e o restante no Brasil, em Porto Velho/RO, havendo entre os especialistas russos uma certa rotatividade. Todos os especialistas brasileiros entrevistados foram para a Rússia para o curso educacional técnico e depois, consequentemente, passaram a

trabalhar junto com os russos presentes na unidade da Base Aérea de Porto Velho durante os anos de garantia dos helicópteros adquiridos.

Em primeiro lugar, foram organizadas conversas preliminares para poder-se perceber os comportamentos de ambos os lados. Qual seria o fator determinante que produziria um desentendimento entre os grupos de especialistas? A diferença linguística? Como cada lado apreende e compreende a experiência com a cultura do outro?

O questionário, estruturado em 20 (vinte) perguntas, visava conhecer a opinião dos participantes russos e brasileiros sobre a língua e barreira linguística no projeto, avaliação do nível de dificuldade de trabalhar e conviver com o outro-estrangeiro, avaliação geral do projeto em relação ao sucesso ou fracasso, a opinião dos participantes sobre as dificuldades causadas pela diferença cultural dos grupos.

Com essas perguntas teve-se a intenção de analisar a formação imaginária para captar as imagens dos participantes em relação ao outro-estrangeiro e à cultura do outro, no caso particular, em relação ao russo para os brasileiros e ao brasileiro para os russos. A presença dos russos no Brasil e dos brasileiros na Rússia está ficando cada vez mais frequente, inclusive devido à crise política nos relacionamentos da Rússia com EUA e Europa que resultou em embargo econômico da Rússia com esses países e aumentou, consideravelmente, a procura do mercado da América do Sul nos últimos anos. Vários contratos de compra e venda de produtos, trocas acadêmicas e culturais estão acontecendo entre Brasil e Rússia que, além disso, também fazem parte da união econômica de cinco países – BRICS³.

Entretanto, desses questionários foram escolhidas cinco perguntas para serem analisadas que constituem o *corpus* analítico na medida em que foram suficientes para atender à proposta desta pesquisa.

Para captar a imagem sobre o outro-estrangeiro e de que maneira, positiva ou negativa, essas imagens podem influenciar o contato e trabalho com o *outro estrangeiro*, as perguntas utilizadas foram:

1. É difícil ou fácil conviver/trabalhar com especialistas russos/brasileiros?

³ Os BRICS não foram originalmente criados por si mesmo, ainda assim, Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul se articularam e desenvolveram uma cultura de cúpulas anuais. Em 2001, ainda sem a África do Sul, Jim O'Neill, economista do Goldman-Sachs, criou o acrônimo BRIC para chamar a atenção de investidores por todo o mundo para a importância desses países para a economia global. Alguns anos depois, no contexto da crise financeira de 2008, os BRIC passaram a agir para a consolidação do grupo. Como resultado, deu-se a primeira cúpula, de 2009, na Rússia. Dois anos depois, na cúpula de Sanya, China, a África do Sul se juntou ao grupo e o que era BRIC se tornou BRICS. Disponível em: <http://bricspolicycenter.org/homolog/sobre_os_brics> Acesso em 29 jun. 2016.

2. Você acha que os russos/brasileiros são abertos ou fechados para se comunicar e ajudar o estrangeiro?
3. Quais características no caráter nacional russo/brasileiro você considera positivas?
4. Quais características no caráter nacional russo/brasileiro você considera negativas?
5. Como você pode avaliar, em geral, o relacionamento dos especialistas russos e brasileiros – como sucesso ou fracasso?

Neste sentido, o questionário foi elaborado com base nas informações, isto é, foi focado no tema sobre a experiência com o outro-estrangeiro dos participantes do projeto. Para a efetiva execução desse passo, providenciou-se permissões e autorizações orais (gravadas) e por escrito dos chefes dos grupos russo e brasileiro, para proceder às entrevistas individualmente.

Para poder aplicar o questionário com os especialistas brasileiros, foi recebida, com antecedência, permissão do comandante da Base para entrada na Base Aérea de Porto Velho, com acompanhante militar brasileiro.

Os participantes da pesquisa – escolhidos pelo Chefe de Manutenção e chamados individualmente para responder às perguntas – foram os brasileiros que tiveram contato direto com os especialistas russos durante o curso de seis meses na Rússia e na continuação do projeto no Brasil. As gravações da aplicação do questionário para os participantes brasileiros aconteceram durante o horário de expediente, na parte de manhã, na sala do Chefe de Manutenção e em sua presença. A maioria dos participantes russos foram entrevistados após o expediente, à noite, no hotel em que estavam hospedados em Porto Velho e em restaurantes. Todas as entrevistas foram individuais e sem o controle do Chefe do grupo.

Para os participantes brasileiros, o questionário foi aplicado em português e para os russos em língua russa, com exceção de dois participantes que conseguiram responder em português.

A partir dessas informações, foi possível observar, descrever, explicar e interpretar o modo de funcionamento das sequências linguísticas em discursos.

Iniciou-se o *primeiro capítulo* deste trabalho tendendo para uma dimensão contextual das reflexões, na tentativa de verificar certos pontos que darão elementos suficientes para contradizer ou confirmar a hipótese proposta. Acredita-se ser importante trabalhar a noção de cultura no que concerne às suas afinidades com o campo

em que se pretende inseri-la, isto é, na AD. Levando-se em conta os diferentes aspectos discursivos que a enredam e, em princípio, suas relações com a ideologia.

Neste sentido, discute-se a noção de cultura enquanto lugar ideologicamente constituído. Para tanto busca-se, em linhas gerais, pressupostos que forneçam elementos fundamentais para o entendimento do que pode ser uma cultura e dos aspectos determinantes que lhe são constitutivos. Pretende-se desta maneira apresentar ao leitor alguns dos diversos dizeres que enfatizam, de distintos modos, o entrelaçamento entre ideologia, cultura e sociedade.

Para isto, tratar-se-á especificamente da cultura dentro do seu contexto cultural e histórico. A reflexão sobre as relações entre cultura e ideologia permitirá apreender as formulações discursivas acerca das diversidades culturais enquanto lugar de confronto social, o qual pode ser visto como uma rejeição ou, em certa medida, gerador de hostilidades. Além disso, as reflexões orientar-se-ão para o aspecto histórico posto que, sem um retorno ao passado certos questionamentos acerca da cultura, tanto os de outrora quanto aqueles que frequentam nosso cotidiano, permanecem “tabus” e tornam-se difíceis de serem abordados.

No *segundo capítulo*, lançar-se-á mão de alguns conceitos fundamentais da AD os quais servirão de apoio para a análise dos enunciados recolhidos durante as entrevistas com os funcionários, brasileiros e russos. Nesta perspectiva serão apresentados, num primeiro momento e ainda que brevemente, a gestação da AD de filiação francesa⁴ para, em seguida, expor esses conceitos com base nos pressupostos de Michel Pêcheux e seu grupo segundo os quais as ideologias se materializam privilegiadamente em discursos, ao passo que estes últimos se materializam em enunciados, cuja pertença a dadas formações discursivas é a responsável pela construção de seus efeitos de sentidos entre seus interlocutores.

Para tanto, buscar-se-á em Pêcheux e seus comentadores, assim como em alguns outros autores dedicados aos estudos de linguagem, subsídios para cumprir

⁴ A Análise do Discurso (AD), no que concerne a sua proposição e prática iniciada a partir do final da década de 1960, pelo filósofo francês Michel Pêcheux e por outros membros de seu grupo e, posteriormente, desde os anos de 1970, introduzida e desenvolvida no Brasil, sempre na articulação entre teorias da história e da sociedade e teoria e análise linguística, tendo em vista que o discurso é pensado como conjunção de relações de força e de sentido. Compreendido também como efeitos de sentido que se produzem entre sujeitos inseridos na história, o discurso desloca a língua enquanto sistema homogêneo e transparente, descobrindo nela suas rupturas, suas falhas e seu caráter ideológico. Ao pensarmos o discurso enquanto materialidade privilegiada das práticas ideológicas, temos condições para considerar a língua como uma sua materialidade específica (ORLANDI; LAGAZZI-RODRIGUES, 2006).

tal intento. Trazer-se-á, com esta finalidade, algumas noções básicas e bastante consolidadas na AD, no intuito de nortear e facilitar a compreensão do trajeto a ser percorrido na seção da análise de dados. Notadamente, serão expostas e definidas as noções de discurso, condições de produção, formação discursiva, memória discursiva, interdiscurso e intradiscurso, entre outras.

No *terceiro capítulo* far-se-á a observação e a efetiva análise dos enunciados do *corpus*, levando-se em conta a caracterização do universo em que os dizeres sobre a estadia e convivência entre funcionários brasileiros e russos têm espaço e circulação. O objetivo, nesse capítulo, foi o de perceber os traços ideológicos que se materializam nos discursos sobre a não aceitação da cultura do outro, em geral, e sobre os impactos disto no desempenho profissional, em particular, sem descurar o fato de que tais discursos provém especificamente dos próprios atores (funcionários), ou seja, que envolvem a própria fala dos indivíduos entrevistados.

Posto isso, adentra-se no primeiro capítulo em que a cultura é vista a partir de um ângulo em que o consenso a define, de modo geral, como diferenças nas ações humanas, ou seja, a cultura enquanto formas distintas de representar o próprio ser ou de fazer uma mesma coisa entre diversos grupos sociais. E, em seguida, voltar-se-á o olhar para uma visada discursiva em que a cultura apresenta algumas características conflituosas quando entra em cena o fator ideológico.

1. CULTURA: UM OLHAR PANORÂMICO

A natureza dos homens é a mesma, são os seus hábitos que os mantêm separados (CONFÚCIO, em LARAIA, 2006).

1.1 A noção de cultura

A “causa” do pensamento é requisição de radicalidade, a “coisa” do pensamento é reivindicação de originalidade nas peripécias da representação. Com esta tarefa de radicalidade, com este ofício de originalidade a causa e a coisa do pensamento é o que sempre de novo nos provoca e mais nos leva a pensar representações. Já Aristóteles (384-322 a.C.) afirmava que a filosofia tinha como impulso inicial o espanto, a admiração. Este espanto, segundo o filósofo francês Morin (1990), desapareceu na esterilidade da filosofia porque o homem aprendeu a compartimentalizar, a separar, a fragmentar e esqueceu que está inserido no cosmos do qual, é verdade, é ínfima partícula, mas de capital importância, porquanto capaz de agir sobre este universo. Subsumido sob as informações sobre ele despejadas, automatizado em suas funções mentais, o homem foi reduzido a um ser corpóreo, intramundano, quase incapaz de selecionar, racionalmente e por si só, o verdadeiro do falso, o valor intrínseco do valor atribuído.

Dessa forma, o arcabouço conceptual, intelectualmente gerado, é esvaziado de sua essencialidade na medida em que o próprio homem é destituído (ou se auto-destitui) de valores que transcendem a pura materialidade, condicionamento a que está condenado como um ser da espécie animal. Efetivamente, do ponto de vista físico, o homem é um animal que nasce, cresce, reproduz-se e morre, assim como todo e qualquer ser vivo. Porém, o homem é considerado possuidor do dom, quase sobrenatural, de dominar a tudo e a todos e alçado à posição de todo poderoso na escala dos seres. Porque superou, em muitos sentidos, o determinismo biológico animal, tomou consciência de si, desenvolveu ideias, alimentou a vida do espírito, criou culturas. E é isso que o coloca no topo das espécies, diferenciando-o, essencialmente, do reino animal. A ideia de homem que aqui se pretende adotar liga-se ao

conceito aristotélico do homem corpo e espírito, dualidade intrínseca que se reifica na pessoa como totalidade. Jaspers (1993), filósofo alemão, afirma que o homem é o único ser que fala diante de uma natureza muda e que só com seus semelhantes ele se transforma, deixa de ser solitário, dialoga, se encontra. Outro filósofo alemão, Cassirer (1997), pensa que a linguagem é a primeira participação do indivíduo com a comunidade e que por meio dela ele chega à visão de uma realidade objetiva. Arendt (1991), pensadora política, afirma que o mundo feito pelo homem não é idêntico à terra e à natureza como um espaço limitado para dar condição à vida orgânica. Ele tem relação mais direta com o produto das mãos humanas, criando seu espaço de vida.

Hoje presencia-se o culto da cultura. A palavra é o mote que desencadeia reflexões nas mais diferentes áreas. Ao se falar em cultura, de imediato surgem problemas que Morin (1990) se referiria ao avançar que é temerário falar em cultura? O termo é polissêmico. Tal polissemia distorce e transforma o conceito originário de cultivo da terra, impossibilitando a clareza do dito, oportunizando o surgimento de uma nebulosa indefinição sobre sua compreensão, deteriorando-o em enunciados que pouco dizem, apenas direcionam a uma determinada intenção. Quando se começa a ler sobre o assunto, não é apenas a clássica divisão entre cultura popular e cultura erudita que salta aos olhos e à mente. A palavra cultura é continuamente adjetivada com um sem-número de complementos, que visam informar a concepção e o campo de atuação do autor. Portanto, fala-se de vários tipos de manifestações culturais.

Quando o mundo tinha como limites o *olhar humano*, quando o longe representava a distância máxima a que as pernas podiam conduzir o indivíduo, a cultura não era colocada em questão, porque a tradição, a herança recebida dos antepassados era cultuada como um tesouro que, venerado e guardado, deveria ser entregue intato às novas gerações. No entanto, à medida que o homem foi capaz de ir bem mais além do que as pernas o levavam, à medida que, olhando a criatividade da natureza, foi capaz de imitá-la e expandir horizontes – e hoje é capaz de libertar-se de sua cápsula de sobrevivência – sua vida passou a ser um cadinho em que se amalgamaram centenas e centenas de heranças, influências exógenas e xenófilas. As heranças biofamiliares feneceram, os fechamentos geográficos se esboroaram, a aldeia expandiu as fronteiras até os limites do universo.

A história demonstra que não há povo sem cultura. Ela é aderente ao homem a ponto de se poder afirmar que cada um é um mundo de cultura.

As reflexões sobre a cultura apresentam resultados claros ou obscuros, conforme a profundidade a que se submerge. Muitas vezes o abordado é só o resultado parcial de alguma forma de manifestação cultural, ignorando-se o fundamento ou, como na maioria das vezes sói acontecer, tomando-o como pressuposto já suficientemente definido ou esclarecido. É esta uma atitude ingênua que alimenta o senso comum, mas que não deixa de estar presente em muitos pesquisadores. Cassirer diz: "A filosofia não pode contentar-se em analisar as formas individuais da cultura humana. Busca uma visão sintética universal, que inclui todas as formas individuais." (CASSIRER, 1977, p. 119). Sendo os homens seres de cultura, possuem uma antevisão do que ela é, sem com isso, significar que haja na realidade um verdadeiro conhecimento prévio do que é tratado.

O termo cultura, não raras vezes, constitui-se apenas como expressão verbal, não implicando a conotação essencial da ideia. Como expressão do homem, os humanistas – e eles são muitos e de várias tendências – não hesitam em identificar o início da cultura ocidental entre os gregos. Se for buscado um fundamento na filosofia aristotélica, pode-se identificar a questão da cultura na ideia do homem como ser racional. Nesta racionalidade, o homem se vê impelido à contemplação, à ação, à fabricação. Nestes elementos está abarcada a ideia de cultura como um todo, como uma manifestação da humanidade do homem. Pela contemplação e pelo agir finalístico ele produz o que é necessário para a vida material e o que lhe traz satisfação interior. A antropologia cultural, a sociologia da cultura, a história cultural, quando elaboram alguma definição de cultura, já partem de um pressuposto dado, apodítico, ou seja, demonstrativo e evidente. Sem questionar o conteúdo da expressão "cultura", reúnem elementos vários que são manifestações do homem em seu agir, em seu pensar. Definem-na, mas não se aprofundam em investigar a essência humana, para nela identificar a cultura.

A antropologia filosófica se propõe referenciar imagens do homem, definindo-o segundo teorias, modos de ver e interpretar, ideologias, aspirando à possibilidade de desvendá-lo essencial e universalmente e mergulha, não poucas vezes, em crises epistemológicas incapazes de aclarar os elementos obscuros e dirimir as divergências sobre o objeto em questão.

Vê-se dessa maneira que a questão de cultura não parece ser uma tarefa fácil de se abordar com certa clareza e unanimidade. Conceito amplo que representa vários aspectos e não definível em algumas palavras e ao mesmo tempo, podendo agrupar o conjunto de traços de qualquer natureza possíveis de serem transmitidos, compartilhados e aprendidos por determinados grupos sociais facilitando, dessa forma, a união e a coesão destes. Também não se pode perder de vista que a cultura neste sentido permite a caracterização destes grupos sociais, distinguindo-os de outras comunidades, algo que pressuporia ou pretenderia reforçar e alimentar os encontros e convivência entre diferentes comunidades. Mediante tais considerações, obriga-se a refletir sobre o aspecto da diversidade cultural, já que é sabido que a cultura singulariza um grupo social de outro.

Ao considerar-se a cultura como uma diversidade de práticas e formas específicas de representação não seria, portanto, equivocado avançar que a cultura configura-se como as visões que se tem do mundo, atitudes e valores compartilhados, podendo-se produzir um efeito de “programação mental” adquirida desde a infância e que acompanha o movimento das transformações sociais. Essa programação mental, então, se apresenta como a conduta de nossas ações, e várias vezes sem a intervenção do nosso “eu” consciente. Nestas condições se está exposto a opinar diferentemente, a ver de outros ângulos à medida que se ocupa, ou seja, compartilha-se, espaços com diferentes indivíduos ou simplesmente pessoas de outras gerações; enfim acredita-se que se está constantemente imbuído em certos contextos de diversidade cultural em que a coexistência com o “outro” exige certas apreensões.

Encaminhando tais reflexões neste sentido, é importante tocar, em especial, na questão dessas apreensões, ou seja, no que gera alguns conflitos culturais no contexto de coexistência entre diferentes orientações culturais. O assunto não passa despercebido nos estudos em diversas áreas tais como a Sociologia, as Ciências Políticas, os Estudos Culturais, entre outras. A isso soma-se a aceleração do desenvolvimento social no mundo, vários conflitos na interação das culturas, povos e nações, especialmente aqueles que estão em processo da profunda transformação social, gerou a necessidade de realizar os estudos para tentar identificar as causas, a natureza, as formas e tipos de conflitos que surgem nos diferentes contextos sócio culturais.

Os estudos culturais nos processos sociais e políticos contemporâneos, que estão acelerados sob a influência da globalização, permitem o entendimento desses conflitos de valores que poderiam ser uma das causas dos conflitos políticos em larga escala, tornar-se uma luta por um novo projeto de orientação social e cultural das sociedades individuais e da comunidade mundial. Assim, na opinião geral de muitos pesquisadores ocidentais, as mudanças dos valores culturais poderiam desempenhar um papel dominante na transformação das sociedades modernas no século XXI (HARRISON; HUNTINGTON, 2000, pp. 92-96).

Hall (1997) se refere à importância da cultura na atualidade, principalmente devido ao seu papel constitutivo em todos os aspectos da vida da sociedade. Toda a ação social passa a ser cultural, todas as práticas sociais comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação. Os sistemas de significado produzem os sentidos das nossas ações, nos permitem a interpretar significativamente os atos que nos são alheios - eles constituem nossas culturas (HALL, 1997, p. 15-46).

Em busca da definição dessa noção, sem dúvida bem complexa, propôs-se fazer uma breve apresentação e análise das definições atribuídas ao termo *cultura* em alguns dicionários científicos.

Investigou-se o desenvolvimento das significações de *cultura* no Dicionário de Oxford (www.oxforddictionaries.com) disponível *on-line*. De acordo com o mencionado dicionário, a palavra “cultura” deriva do francês *culture* ou diretamente do latim *cultura* “crescimento”, “cultivação”, do verbo em francês *culturer* ou do latim medieval *culturare*, ambos baseados na palavra latina *colere*, “tender”, “cultivar”. Do Inglês Médio o significado do referido termo era “cultivação da terra”, que se desenvolveu durante o século XVI em ‘cultivação de mente, habilidades, maneiras’. No início de século XIX o termo começou a se referir às artes e outros exemplos das realizações humanas⁵.

Tem-se como definição de cultura no Dicionário Geral das Ciências Humanas:

Cultura. (Ant.) Noção que, desde os inícios da antropologia, procura designar aquilo que constitui uma sociedade enquanto entidade coerente e que a caracteriza por relação a outras. Esta noção está, desde logo, estreitamente ligada à de *totalidade integrada*. Uma sociedade não se compreende senão no seu conjunto e tudo nela concorre para a constituição desse conjunto. A cultura é, no entanto, concebida de maneiras bastante diferentes, as quais

⁵ Dicionário de Oxford. Disponível em:

<http://www.oxforddictionaries.com/us/definition/american_english/culture_s.d.>. Acesso 02 jun. 2016.

podem ser reduzidas a duas tendências, uma mais pragmática e quantitativa e a outra mais qualitativa e simbólica. A primeira, com o evolucionismo e, sobretudo, o difusionismo (nomeadamente americano), traçou inventários extremamente ricos de todos os traços culturais observáveis nas sociedades estudadas. A própria massa destes dados tornou finalmente a sua integração muito difícil, mesmo impossível, de modo que a noção de cultura se transformou numa espécie de entidade superior (*superorgânica*), indefinível na sua realidade e no seu modo de ação concretos. [...]. Segundo E. Sapir (1942), a cultura é feita dos sentimentos vividos, a maior parte das vezes inconscientes, atribuídos pelos membros de um grupo aos meios natural, humano e social. Nesta perspectiva, a civilização, e mais particularmente o social, tornam-se eles próprios símbolos da cultura. (Dicionário Geral das Ciências Humanas, 1984, p.231).

Segundo essa definição, a cultura no sentido antropológico, estudada em sua natureza multiforme, tem funcionado numa sociedade correlata enquanto interconectividade, entre outros elementos. Desta forma, tece um laço com a noção de integridade, ou totalidade integrada, na qual os indivíduos caracterizados por ideias ou figuras, concorrem para a constituição de um conjunto originado por orgânico, referindo-se a uma estrutura biológica. As tendências, sejam elas pragmáticas e quantitativas ou qualitativas e simbólicas, sejam elas com o evolucionismo ou difusionismo, marcam os traços culturais definidos no bioma de ideias e figuras. A constituição da massa de dados e informações, definidos como traços culturais, torna a integração complexa, até de certa forma impossível devido a sua pluralidade. Retoma-se neste momento a ideia do bioma, na figura superorgânica, como entidade superior incapaz de ser definida, devido à ação de objetos concretos. A caracterização da cultura como a mescla de elementos vividos, por vezes inconsistentes, delegados aos grupos pela natureza cultural, sob a perspectiva da civilização social, representando de uma forma análoga símbolos da cultura.

Segundo o Dicionário da Sociologia (1967)⁶, cultura se define como um conjunto elementar de ideias, conhecimentos e padrões, reforça a ideia da natureza social ao invés da formação biológica que foi apresentada no Dicionário Geral das Ciências Humanas, pois desta forma a noção de cultura remeteria aos termos *herança social*. No entanto, não se distancia completamente da ideia biológica, pois relaciona a herança social à satisfação de necessidades humanas. Pode-se descrever a cultura como o sistema de fatores sociais e intelectuais que tornam a vida digna de ser vivida. Unifica, finalmente, a linguagem como fator cultural.

⁶ Dicionário de Sociologia. Organizado pela seção especializada do Departamento Editorial da Editora GLOBO, com base, principalmente, nos Dicionários de E. Willems, H.P. Fairchild, W. Bernsdorf-F. Bullock e A. Weber. Porto Alegre: Editora Globo, 1967, p. 88.

Assim, tem-se como definição de cultura no Dicionário da Sociologia (1967):

Cultura. Sistema de ideias, conhecimentos, técnicas e artefatos, de padrões de comportamento e atitudes que caracteriza uma sociedade. A perpetuação ou aquisição da cultura é um processo social e não biológico, razão pela qual se usa, às vezes, o termo *herança social* (v.) em lugar de cultura. A existência da cultura liga-se à satisfação de necessidades especificamente humanas. O fato fundamental de toda cultura é a linguagem [...] (Dicionário de Sociologia, 1967, p.88).

Segundo o Dicionário do SESC (2003)⁷, a noção de cultura parece se escorar no entendimento divino, através da natureza da criação celestial, por ter dado origem à formação cultural de uma entidade superior, e pela humanidade herdada, alheio à vontade humana. Também ela explora o princípio da universalidade, admite a influência social na qual se aplica o Dicionário de Sociologia, mas abdica, ou tenta, de uma forma singela, que o homem não se submeta à Natureza, acreditando nesta forma na influência determinante da Entidade superior.

Cultura. [...] O entendimento de cultura vem sendo estabelecido por oposição ao de Natureza, podendo-se entender essa última como um princípio ativo e permanente de criação, espontânea ou divina, substância comum de todos os seres ou como qualquer fenômeno não gerado pela vontade humana. De início, portanto, há um componente universal e natural do ser humano – sua animalidade, configuração e estrutura biológicas, sua libido e pulsões inatas. No entanto, a cultura só é possível pelo fato de o Homem não se comportar inteiramente submetido à Natureza [...] (Dicionário SESC: a linguagem da cultura, 2003, p. 195).

Segundo o Dicionário Larousse (2004)⁸, cultura é definida, de modo geral, apoiando-se em todas as teorias, social, natural, uma visão ampla e mais abrangente.

Cultura¹ s.f. 1. Ação ou maneira de cultivar a terra ou certos vegetais, ou de explorar certas produções minerais. 2. Terreno cultivado. 3. Conjunto de uma ou mais espécies cultivadas. 4. Criação de certos animais, como abelhas, ou de leveduras, bactérias e outros microrganismos. 5. Conjunto de valores, símbolos e rituais praticados em uma organização [...].

Cultura² s.f. 1. Acervo intelectual e espiritual. 2. Conjunto de conhecimentos adquiridos; instrução, saber. 3. Conhecimentos em um domínio particular. 4. Conjunto de estruturas sociais, religiosas etc., de manifestações intelectuais, artísticas etc., que caracterizam uma sociedade (Dicionário Larousse, 2004, p.124).

⁷ Dicionário SESC: a linguagem da cultura. Newton Cunha. São Paulo: Perspectiva, 2003, p. 195.

⁸ Dicionário Larousse ilustrado da língua portuguesa. Diego Rodrigues. Fernando Nuno. Naiara Raggiotti (coordenação editorial). São Paulo: Larousse do Brasil, 2004, p. 124.

Uma definição muito próxima a essa se encontra no Cambridge Dictionary online⁹, em que se adiciona também a interpretação da cultura em termos de cultura de negócios, cultura no trabalho:

Culture (British)¹: the way of life, especially the general customs and beliefs, of a particular group of people at a particular time.

Culture (American)²: the way of life of a particular people, esp. as shown in their ordinary behavior and habits, their attitudes toward each other, and their moral and religious beliefs.

Culture (business)³: the ideas and ways of working that are typical for an organization, and that affect how it does business and how its employees behave (Cambridge Dictionary online).

Nota-se a repetição das palavras “conjunto”, “sistema”, “conhecimento”, “sociedade” e do particípio passado “adquiridos”, por meio das quais pode-se entrever a interiorização de um sistema preestabelecido de significações e de símbolos a partir dos quais os indivíduos definem, percebem e apreendem o universo no qual eles se filiam. Os comportamentos de um referido grupo social, de maneira explícita, podem ser considerados atitudes racionais, vistos dessa forma no interior de um determinado sistema de significação cultural. Como no caso dos hábitos sociais no Brasil, qual seja na maneira de se cumprimentar, abraço e beijo entre amigos ou colegas parecem ser o comportamento social natural para os brasileiros, na medida em que estes gestos demonstram os traços culturais típicos do Brasil em relação a formas diferentes de cumprimentar predominantes em outros países. Nos países do ocidente costuma-se utilizar o aperto de mão; já o abraço ou beijo acontece de forma menos frequente, restrito entre colegas ou amigos que se conhecem há algum tempo. Por outro lado, nos países muçulmanos os indivíduos geralmente se cumprimentam colocando as mãos no peito e de modo verbal cumprem esse ato, próximo à expressão cristã “que a paz do Senhor esteja convosco”; além disso, o cumprimento com as mãos não acontece entre indivíduos de sexo oposto.

Emprestando as palavras dos professores-coordenadores de um projeto de intercâmbio¹⁰, pode-se dizer que

⁹ Dicionário “Cambridge Dictionary online”. Disponível em:

<<http://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/culture>>. Acesso 02 jun 2016.

¹⁰ Programa de Assistente de Ensino de Língua Inglesa para Projetos Institucionais em parceria entre a Comissão Fulbright, a CAPES e instituições de ensino superior em várias partes do Brasil (<http://fulbright.org.br/>)

as pessoas veem, interpretam e avaliam as coisas e situações de maneiras diferentes. O que é considerado um comportamento adequado em uma cultura possivelmente será inadequado em outra. Mal-entendidos ocorrem quando usamos os nossos sentidos para dar sentido à realidade do outro. Ao projetarmos semelhanças onde provavelmente não há, corremos o risco de agir de maneira inadequada, por isso é mais seguro assumirmos nossas diferenças até que as similaridades sejam comprovadas (BRAWERMAN-ALBINI 2013, p. 102-103).

Nas suas reflexões sobre a complexidade do conceito da cultura, Geertz, entre outros cientistas, cita as palavras do Wittgenstein sobre o estranhamento no outro país, observando que não foi a questão da língua, mas as tradições inteiramente estranhas do país que impediram o entendimento:

Falamos de algumas pessoas que são transparentes para nós. Todavia, é importante no tocante a essa observação que um ser humano possa ser um enigma completo para outro ser humano. Aprendemos isso quando chegamos a um país estranho, com tradições inteiramente estranhas e, o que é mais, mesmo que se tenha um domínio total do idioma do país. Nós não compreendemos o povo (e não por não compreender o que eles falam entre si). Não nos podemos situar entre eles (GEERTZ, [1926], 2008, p. 10).

De modo abrangente, pode-se supor que o homem não se limita ao mundo natural; ele o transcende e o transforma, humanizando e produzindo seu mundo, gerando sua marca cultural ou as diferentes manifestações culturais. Ou seja, diferentemente de outros seres, o humano se autoproduz recriando e multiplicando o meio que o envolve, desenvolvendo e modificando sempre o significado e formas de aproveitamento das práticas e realidades já existentes. A cultura é a base da especificidade humana, definida como signos e significados que modelam os sujeitos como seres únicos em um determinado grupo social, como mecanismo que permite ao homem se identificar e se diferenciar em cada contexto específico. Adotando ideia de Max Weber, para Geertz o homem seria “um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu” e “a cultura como sendo essas teias (GEERTZ, [1926], 2008, p.4) se construindo sempre em relação com o outro. Assim, o homem se constrói por meio da cultura na qual ele está inserido, empregando manifestações culturais tais como a maneira de falar, o modo de se comunicar, os modos de viver, etc. que o diferenciam do outro. Assim, cada manifestação expressa uma determinada identidade, uma determinada cultura, um modo próprio de ser, que ganha seu sentido na experiência, na (con) vivência cotidiana.

O termo “cultura” pode lembrar significados diferentes, sobre um grupo ou classe, ou sobre uma sociedade inteira. Portanto, segundo Eliot (1988) é o significado da cultura da sociedade inteira – e não do indivíduo – que deve ser focada primeiro, pois é a cultura da sociedade que é fundamental para a cultura dos grupos e dos indivíduos:

Sabemos que boas maneiras sem educação, inteligência ou sensibilidade para as artes, tendem a ser mero automatismo; que erudição sem boas maneiras ou sensibilidade é pedantismo; que a capacidade intelectual sem os atributos mais humanos é tão admirável quanto o brilho de uma criança-prodígio em xadrez; e que as artes sem o contexto intelectual é vaidade. E se não encontramos cultura em qualquer dessas perfeições isoladamente, não devemos esperar que alguma pessoa seja perfeita em todas elas; podemos até inferir que o indivíduo totalmente culto é uma ilusão; e iremos buscar cultura, não em algum indivíduo ou em algum grupo de indivíduos, mas num espaço cada vez mais amplo; e somos levados, afinal, a achá-la no padrão de toda sociedade (ELIOTT 1988, p. 18).

Seguindo o pensamento do autor, é certo que não é que não tenha sentido falar da cultura de um indivíduo ou de um grupo ou classe, mas precisa ser enfatizado que não se pode abstrair a cultura de um indivíduo ou um grupo da sociedade inteira a que eles pertençam. Assim, também, a partir dessa perspectiva, não se pode entender ou definir a cultura de uma dada sociedade pela cultura de algum indivíduo representante dessa sociedade ou cultura de algum grupo ou classe. Como exemplo, pode-se encontrar indivíduos ou até mesmo grupos numa dada sociedade que vivem de roubo ou cometem regularmente outros crimes para adquirir bens materiais mas não se pode dizer que essa sociedade *seja criminosa*, pois nessa mesma sociedade tem outros indivíduos e grupos que, ao contrário, são muito honestos, trabalhadores, etc. Ao definir ou julgar a cultura de uma dada sociedade, ou de um dado país, a partir dos atos dos indivíduos ou grupos, poder-se-ia correr o risco de criar estereótipos baseados nas observações individuais, por exemplo, “todos os brasileiros sabem sambar” ou “todos os alemães trabalham bem”, “todos os russos gostam de frio”, etc.

Considera-se relevante também apresentar a visão de alguns antropólogos, tais como Robert Edgerton (1992), Lawrence E. Harrison e Samuel P. Huntington (2000), opostos ao relativismo, que considera todas as culturas de igual valor, que veem a cultura de forma bem diferente do padrão geral. Podem julgá-la, avaliar seus

valores e vincular o sucesso econômico e social à cultura da sociedade, que favorece ou desfavorece o crescimento econômico, sendo então necessário, para algumas nações, modificar seus valores culturais de acordo com modelos de culturas que garantam o sucesso para poderem chegar até esse *sucesso*, “porque desempenho cultural e econômico são ligados, e mudanças da cultura podem trazer mudanças econômicas” (HARRISON and HUNTINGTON 2000, p.3). Isto é, reconhecer a diferença cultural, aliás, não aceitar essa diferença de forma igualitária, mas reconhecer a possibilidade de uma cultura ser mais positiva e eficiente para o bem estar de um povo do que a cultura nativa desse povo.

How could this extraordinary difference in development be explained? Undoubtedly, many factors played a role, but it seemed to me that culture had to be a large part of the explanation. (...) The central conservative truth is that it is culture, not politics that determines the success of a society. The central liberal truth is that politics can change a culture and save it from itself¹¹ (HARRISON and HUNTINGTON 2000, p. 13).

Pode-se perceber as dificuldades em se atribuir uma definição estável à noção de cultura. Há, no entanto, necessidade dessa definição para quem a utiliza em suas pesquisas; quando se emprega a noção de cultura a dificuldade aumenta pois se trata de um campo de estudos que não pretende ser rígido e fixo e que se propõe a abrir as questões e não a fechá-las. Começa-se por um breve histórico sobre a chamada *virada cultural* e a mudança no conceito da cultura.

Com base nos trabalhos de Lévi-Strauss e Roland Barthes, na França, e de Raymond Williams e Richard Hoggart, no Reino Unido, Hall aponta o impacto maior da *virada cultural* na vida intelectual e acadêmica, a partir dos anos de 1960 (HALL, 1997, p. 15-46). Em 1964 foi organizado um novo campo de estudo interdisciplinar em torno da cultura como conceito central – os *Estudos Culturais*. O processo foi em parte estimulado pela fundação de um centro de pesquisas de pós-graduação, o Centro de Estudos Culturais Contemporâneos, na Universidade de Birmingham. Stuart Hall foi diretor do referido centro no período de 1969-1979. No

¹¹ Como essa diferença extraordinária no desenvolvimento pode ser explicada? Sem dúvida, diversos fatores tomaram parte, mas me parece que a cultura constitui uma grande parte da explicação. [...] O centro conservativo da verdade é que a cultura, e não a política, determina o sucesso da sociedade. O centro liberal da verdade é que a política pode mudar a cultura, e salvá-la de si mesma (HARRISON and HUNTINGTON 2000, p. 13) (tradução nossa).

decorrer desses anos, muitas outras aproximações teóricas têm sido feitas. Dentre elas, ressalta-se o trabalho de Foucault que, nos anos de 1970 e de 1980, foi de uma influência crucial para a *virada cultural*. O ponto de referência intelectual a partir do qual os Estudos Culturais se lançaram foi o de “forçar-nos a repensar radicalmente a centralidade do cultural e a articulação entre os fatores materiais e culturais ou simbólicos na análise social” (HALL, 1997, p. 32).

A virada cultural diz respeito à mudança de paradigma nas ciências sociais e nas ciências humanas, onde a cultura passou a ser vista como uma condição constitutiva da vida social. Esse movimento teve início através de uma revolução em relação à linguagem que sofreu um redimensionamento do conceito, passando a ter uma posição privilegiada na construção e circulação do significado. A linguagem não é apenas uma forma de relatar ou transmitir com neutralidade os significados que pretende-se expressar: a linguagem também os constitui. Desta forma, aquilo que estamos acostumados a considerar como fatos naturais – enquanto uma realidade – são também fenômenos discursivos. Seus significados surgem a partir de jogos de linguagem e dos sistemas de classificação nos quais estão inseridos (GUARESCHI 2013, p. 38-39).

Sugere-se refletir sobre a cultura na realidade do grupo de trabalho dos estrangeiros (russos) no Brasil, que importam e mantêm suas tradições no ambiente brasileiro. Isto leva a questionamentos tais como: será que as tradições da cultura organizacional estrangeira (russa) são as mesmas dos brasileiros? Porque e o que se faz diferente no outro país (na Rússia) e no Brasil? Será que deve-se comparar ou buscar um meio comum para uma contribuição mais produtiva? De que forma a diversidade cultural influencia nas relações de trabalho?

Caracterizando de certa forma a cultura de um grupo como sendo uma unidade que gera empatia e compreensão perante os seus semelhantes, mas que também gera aversão a uma cultura de grupo alheio, pode-se supor que cria-se um relacionamento interpessoal supostamente contra produtivo. Verificar-se-á mais adiante o conceito de cultura aplicado no contexto do *conflito cultural*: conflito de valores, significados, tradições, comportamentos sociais, jeitos de viver e trabalhar, crenças.

É importante refletir pois, dentro do Brasil, existe a problemática do multiculturalismo entre regiões. Pode-se citar, por exemplo, nordestino ou carioca ou paulista ou baiano etc., vão, com paixão, explicar o jeito deles de fazer certas coisas como

música, culinária, sotaque, cultura organizacional de trabalho, entre outros. Por sua vez grupos dentro das regiões, tão unidos na hora de explicar para um *carioca* que, por exemplo, no *nordeste* não se faz assim, entre si se dividem em vários outros grupos, tais como urbano-rural, pobre-rico, homem-mulher, adolescente-adulto, e assim por diante. Agora, estando um grupo de brasileiros na frente de um grupo de estrangeiros, esse grupo se torna “brasileiro” e as pessoas se sentem como brasileiras, esquecendo-se das outras divisões internas, tornando-se um grupo com identidade mais unida. Da mesma forma acontece com os russos – dentro do próprio país os russos disputam o título de serem “pessoas mais cultas” porque são de São Petersburgo, ou pessoas “mais à frente” por serem de Moscou, ou pessoas “mais alegres e felizes” por serem da região de Rostov, “mais fortes de caráter” por serem da região siberiana. Assim, num grupo de intercâmbio, chegando ao Brasil ou recebendo o grupo de brasileiros na Rússia, os russos sentem-se, simplesmente, “somos russos”, já se esquecendo de suas diferenças, que ficaram para trás na hora de enfrentar o “outro de verdade”.

1.2 Problemas culturais: abordagens e práticas sociais

Os desentendimentos culturais dizem respeito à multitude de culturas existentes na vida humana; outras abordagens teóricas – que não serão tratadas – falam do multiculturalismo que se refere às intensas mudanças culturais e demográficas que afetam as sociedades contemporâneas, tornando-as mais complexas. Desta forma, os efeitos provocados são significativos (positivos e negativos), para a sociedade de hoje, e se evidenciam de forma ampla em todos os espaços sociais, exprimindo as diferenças culminadas em raça, etnia, gênero, sexualidade, cultura, religião, classe social, idade, deficiências e características marcantes dos seres individuais dentro de um contexto e grupo social.

No campo de trabalho, as diversidades culturais influenciam o ambiente em que são inseridos os sujeitos em questão e isto pode expressar-se pelos conflitos e/ou uniões entre os colegas. Portanto, segue como objetivo socializar discussões, estudos e princípios norteadores em torno de ambiente de trabalho multicultural, que envolve as questões referentes à identidade, ao gênero, à sexualidade, à religião, à

cultura e aos saberes sobre o outro que circulam na sociedade. Desta forma, busca-se trazer, através deste capítulo, os possíveis aspectos que podem auxiliar para depreender e compreender situações geradas pela conjunção de vários hábitos no ambiente do trabalho.

As relações entre convivência harmoniosa e culturas diferentes, no mesmo ambiente, levam a pensar nas questões colocadas pelo multiculturalismo no mundo e em cada uma das realidades nacionais e locais em que se vive. As configurações desta problemática são diversas – conforme o contexto em que situa-se o indivíduo – e evocam muitas discussões e polêmicas no momento de hoje.

A questão da pluralidade cultural no Brasil tem um perfil próprio, segundo Candau (2013):

Na América Latina e, particularmente, no Brasil a questão multicultural apresenta uma configuração própria. Nosso continente é um continente construído com uma base multicultural muito forte, onde as relações interétnicas têm sido uma constante através de toda sua história, uma história dolorosa e trágica principalmente no que se diz respeito aos grupos indígenas e afrodescendentes (MOREIRA, CANDAU, 2013, p. 17).

Historicamente o povo brasileiro tem uma formação social marcada pela escravização do “outro”, que é uma forma violenta de negação de sua alteridade, ou por sua eliminação física. Os processos e mecanismos de negação do “outro” também se dão no plano das representações e no imaginário social. Neste sentido, o debate multicultural na América Latina e no Brasil tem desafio diante da própria formação histórica. Surgem as questões sobre a construção sociocultural: O que foi negado e silenciado? O que foi afirmado, valorizado e integrado na cultura hegemônica? Essa especificidade da problemática multicultural coloca os brasileiros modernos, de modo privilegiado, diante dos sujeitos históricos que foram negados, que tinham que resistir e continuam hoje afirmando suas identidades e lutando por sua integração na cultura, enfrentando relações de poder assimétricas, de subordinação e exclusão.

Pela primeira vez o tema da pluralidade cultural no Brasil foi introduzido oficialmente no currículo escolar em 1997 (MOREIRA, CANDAU, 2013, p. 18):

É sabido que, apresentando heterogeneidade notável em sua composição populacional, o Brasil desconhece a si mesmo. Na relação do país consigo

mesmo é comum prevalecerem vários estereótipos, tanto regionais quanto em relação a grupos étnicos, sociais e culturais. Historicamente, registra-se dificuldade para se lidar com a temática do preconceito e da discriminação racial/étnica. O país evitou o tema por muito tempo, sendo marcado por “mitos” que veicularam uma imagem de um Brasil homogêneo, sem diferenças, ou, em outra hipótese, promotor de uma suposta “democracia racial” (Parâmetros Curriculares Nacionais, vol. 10:22, apud. MOREIRA, CANDAU, 2013, p. 18).

Uma das características importantes das questões multiculturais seria o fato de estarem atravessadas pelo conflito dos grupos sociais, que foram discriminados ou excluídos, principalmente no que diz respeito aos grupos indígenas e afrodescendentes. Pode-se apresentar, como exemplo, a discriminação de algumas comunidades afrodescendentes que imigraram para a região amazônica e que, segundo Burgeile (2009) descreve em sua pesquisa, passaram por situação de preconceito que acabou em sua segregação:

O mesmo ocorreu com os barbadianos em Porto Velho que sofreram muitos preconceitos. Até mesmo o fato de terem um bairro específico situado em um morro acabou por causar sua segregação. [...]. A segregação desse grupo ocorreu também pelo racismo da sociedade local [...] (BURGEILE, 2009, p. 362).

Assim, voltando à questão do multiculturalismo, esse não entrou naturalmente no âmbito acadêmico, mas sim pela luta, que ganhou seu espaço recentemente. Existe uma certa dificuldade para entrar na problemática do multiculturalismo devido à polissemia do termo. O multiculturalismo adquire uma polissemia de significados, segundo Candau (2013, p. 19), “a necessidade de adjetivá-lo evidencia esta realidade”, adjetivações tais como “multiculturalismo conservador, liberal, celebratório, crítico, emancipador, revolucionário” podem ser encontradas na produção científica sobre o tema, entre muitos outros, sendo concepções diversas multiculturais.

Neste contexto, considera-se relevante escolher a concepção do multiculturalismo diante de outras direções. De modo geral, compreende-se que ele diz respeito à existência de muitas culturas numa dada localidade, cidade, país, espaço de estudo ou trabalho, tendo por objetivo a apreensão e o aprendizado de cada cultura no interior dessas localidades a fim de evitar mal-entendidos e conflitos entre grupos sociais criando, ao mesmo tempo, um relacionamento equilibrado entre esses grupos ou comunidades.

Pode-se entender que as identidades não se constroem de uma só vez e para sempre mas se fragmentam, se multiplicam e se fazem móveis. “Multi” em multiculturalismo remete à ideia de heterogeneidade e a “cultura” abre espaço para a análise e a prática.

1.3 Identificando as representações dos “Outros”

Boaventura Sousa Santos (1995) aponta “o multiculturalismo como uma nova forma de globalização” e o mundo como “arco-íris de culturas”, que nem todas as pessoas conseguem enxergar, sofrendo de “daltonismo cultural”. Esta é uma expressão utilizada pelos autores Stephen Stoer e Luiza Cortesão (1999, p.56), que assim a justificam:

Ora, partindo deste conceito para uma (eventualmente arriscada) analogia, e admitindo que é importante ser capaz de “ver” este e outros conjuntos de cores, poderemos recordar que algumas pessoas, apesar de disporem de um aparelho visual morfológicamente bem constituído, não são capazes de discernir toda a gama de tonalidades que compõem o arco-íris. Alguns ficam com uma capacidade reduzida de identificação de tons cinzentos: são os daltônicos. A analogia proposta aqui é a de que nos rodeia em múltiplas situações constituiria uma espécie de “daltonismo cultural” (MOREIRA, CANDAU, (orgs.) 2013, p. 27).

O daltonismo cultural tende a não reconhecer as diferenças étnicas, de gênero, de diversas origens regionais e comunitárias, com tendência a centrar-se no grupo “padrão” que, às vezes, mesmo não estando presente fisicamente no espaço do conflito, prevalece como ponto de “razão”, “detentor da verdade” em casos de discussão ou avaliação de outro grupo. Por exemplo, no caso de uma contraposição cultural entre brasileiros e russos no âmbito do trabalho, quando os sujeitos são afetados por influências culturais hegemônicas norte-americanas e, frequentemente, se comparam e comparam os outros, utilizando os exemplos de “como se faz isso nos EUA” nas situações de dúvidas ou discussões, não reconhecendo, não aceitando como importante, então, nem o seu ritmo ou organização de trabalho, nem da outra cultura presente no campo. Por exemplo, observe-se nos enunciados (1) e (2) dos informantes brasileiros a presença da referência para “cultura-padrão”.

Enunciado (1):

E é diferente de nós que viemos de uma cultura mais americanizada, americano escreve tudo. Então a gente veio do americano, a nossa cultura toda desse lado aqui veio da cultura americana, a gente gosta de escrever e o russo não gosta. E isso foi o que me incomodou mais um pouco, um jeito russo de fazer as coisas que eu acho que é um jeito não tão certinho de fazer as coisas (p.1, inf. 11, m., br.).

Enunciado (2):

Nós temos uma formação de manutenção de trabalho no padrão americano. Essa parte escrita é bem escrita, bem detalhada, o manual russo é mais superficial, mais simples. Você entende? Isso eu acho um pouco diferente (p.1, inf. 12, m., br.).

Na situação do reconhecimento da própria identidade cultural acontece o rompimento com o “daltonismo cultural”, e o outro elemento a ser destacado se associa às imagens que construímos sobre os “outros”, aqueles que concebemos como diferentes. As relações entre “nós” e os “outros” geralmente são repletas de estereótipos, clichês e confusões. Em sociedades em que a consciência das diferenças passa a ser cada vez mais vivida, as questões de quem está incluído na categoria “nós” e de quem está na categoria “outros” ganham importância especial. Além disso, torna-se muito importante a questão de como se deve construir o relacionamento equilibrado e produtivo entre “nós” e os “outros”, evitando conflitos que parecem inevitáveis, adaptando as relações de poder existentes para que a sociedade esteja cada vez mais harmoniosa nos espaços de convivência, estudo ou trabalho, tanto do grupo nacional, quanto do internacional.

A forma de posicionamento de um indivíduo em relação aos outros, especialmente aos estrangeiros, tende naturalmente a ser etnocêntrica, isto é, o comportamento social constrói-se a partir de uma perspectiva etnocêntrica. Então, em geral, são incluídos na categoria “nós”, as pessoas e grupos sociais que têm critérios culturais e sociais semelhantes aos do grupo, que têm estilos de vida, valores, crenças, visões do mundo que se aproximam ao máximo dos do grupo e os ampliam ou reforçam. Os “outros”, nesse caso, seriam os que se contrastam com estas maneiras de situarem-se no mundo, seja por sua etnia, classe social, estilo de convivência social, crenças e costumes de organização de estudo ou trabalho.

Skliar e Duschatzky (2000, pp.165-176), incluindo no decorrer de sua análise as reflexões de autores tais como Bhabha (1994), Geertz (1996), McLaren (1997), Silva (1995), Zizek (1998), discutem três versões em que a diversidade tem sido enunciada, configurando os imaginários sociais sobre a alteridade: “o outro como

fonte de todo mal”, “o outro como sujeito pleno de um grupo cultural” e “o outro como alguém a ser tolerado”.

Versão I: O outro como fonte de todo mal.

Segundo esses autores, no primeiro modo assume-se uma visão binária sobre uns como “bons”, “civilizados”, “certos” e os outros como “maus”, “bárbaros”, “errados”. Nessa visão dicotômica, não tem jeito harmônico de convivência com o outro, seja esse outro de grupo diferente – dentro do seu próprio país – seja esse outro estrangeiro. Esse é o caminho para o conflito pois o sujeito, dominado por esse pensamento, pode assumir o papel de “bom” e agir contra o “mal”, tentando demonizar, silenciar, dominar ou subjugar e até eliminar o outro; do lado contrário, posicionando-se num papel de “mal”, aceitando esse papel de “errado” o grupo-sujeito pode deixar de se “salvar” concordando, com seu silenciamento, subjugando-se ao grupo de poder dominante ou, ao invés disso, confrontá-lo violentamente, defendendo seu direito de alteridade, seu próprio jeito de ser, viver e agir.

A modernidade construiu, nesse sentido, várias estratégias de regulação e de controle da alteridade que, no começo, podem aparecer como sutis variações dentro de uma mesma narrativa. Entre elas: a demonização do outro; sua transformação em sujeito “ausente”, isto é, a ausência das diferenças ao pensar a cultura; a delimitação e limitação de suas perturbações; sua invenção, para que dependa das traduções “oficiais”; sua permanente e perversa localização do lado de fora e do lado de dentro dos discursos e práticas institucionais estabelecidas, vigiando permanentemente as fronteiras; sua oposição a totalidades de normalidade através da lógica binária; sua imersão no estereótipo; sua fabricação e sua utilização, para assegurar e garantir as identidades fixas, centradas, homogêneas, estáveis. (SKLIAR & DUSCHATZKY, 2000, p.165).

Ausência de diferenças ao pensar a cultura, limitação de suas transformações, sua invenção e tradução oficial, estereotipização, seriam então instrumentos sócio-políticos bem reconhecíveis que poderiam servir para manter a sociedade com identidades fixas e homogêneas que, na lógica binária mencionada anteriormente, pressupunha a existência do grupo-padrão dominante e “civilizado”, “bom”, “certo” e grupo/s dos “outros”, assumindo papel de responsáveis pelas desordens da sociedade.

O outro, diferente nessa lógica, é visto como o guardião de todos os males, como o portador das “falhas” na sociedade. Este tipo de pensamento pressupõe que a pobreza é culpa dos próprios pobres, o fracasso escolar dos alunos, a deficiência do deficiente, etc. Seguindo esse raciocínio, pode-se lembrar um exemplo trágico da

história da humanidade – quando um grupo foi denominado como o “outro mal” em contraste com os “bons” – que levou à negação do próprio direito da existência desse grupo. As infelicidades da época, a crise econômica, a desintegração social foram explicadas e colocadas como culpa do grupo étnico judaico, por Hitler. Naquele tempo, o judeu, o estrangeiro, o deficiente, o homossexual, o pobre, a feminista, o muçulmano, o refugiado, etc. aparecem encarnando a maior causa da impossibilidade estrutural da sociedade. De fato, o problema é que, o que impede a sociedade de alcançar sua plena identidade, teoricamente perfeita e “boa”, não são alguns grupos específicos dos “outros”, mas a sua própria natureza conflitiva.

Versão II: O outro como sujeito pleno de um grupo cultural.

Segundo este ângulo, as culturas representam comunidades homogêneas de crenças e modos de vida fixados para cada grupo em acordo com o seu mito do arquétipo cultural. Assim esses estilos de vida são independentes de fatores da hierarquia ou relações de poder em dada sociedade.

O estudo das culturas primitivas deu origem ao mito do arquétipo cultural, que sustenta que cada cultura se funda em um padrão que outorga sentido pleno à vida de todos seus membros, como se se tratasse de redes perfeitamente tecidas que tudo apanham. Este mito da consistência cultural supõe que todos os negros vivem a negritude do mesmo modo, que os muçulmanos experimentam uma única forma cultural, que as mulheres vivem o gênero de maneira idêntica. Em poucas palavras, que cada sujeito alcança identidades plenas a partir de únicas marcas de identificação, como se as culturas tivessem sido estruturadas independentemente das relações de poder e hierarquia (SKLIAR & DUSCHATZKY, 2000, p.168).

Assim, cada cultura entende-se como auto consistente e equilibrada em si. Esta ideia se baseia na presunção de que as diferenças são absolutas, plenas e que as identidades se constroem em referentes únicos, sejam eles de gênero, de raça, de religião, étnicos etc. Neste cenário, a diversidade cultural passa a ser um objeto epistemológico, estudado a partir do conhecimento proposicional e, assim, supõe a constatação de conteúdos e visões culturais preestabelecidas, sem mistura. O problema é que, ao mesmo tempo que são proclamadas as diferenças com os outros, acontece o silenciamento das distinções e conflitos internos. A radicalização desta postura levaria a exagerar a alteridade ou a encerrá-la em pura diferença. Deste modo, permaneceriam invisíveis as relações de poder e conflito e se dissolveriam os laços vinculantes entre sujeitos e grupos sociais (SKLIAR & DUSCHATZKY, 2000,

p.168-170).

Refletindo sobre questões problemáticas da afirmação do “outro” como sujeito pleno de uma marca cultural, os autores se preocupam com surgimento do discurso multiculturalista conservador,

que abusa do termo diversidade para encobrir uma ideologia de assimilação. Assim, os grupos que compõem esse bálsamo tranquilizante que é a cultura são geralmente considerados como agregados ou como exemplos que matizam, dão cor à cultura dominante. Entendido dessa forma, o multiculturalismo pode ser definido, simplesmente, como a autorização para que os outros continuem sendo “esses outros”, porém em um espaço de legalidade, de oficialidade, uma convivência “sem remédio” (SKLIAR & DUSCHATZKY, 2000, p.170).

Os autores consideram problemático quando as diferenças são consideradas como entidades fechadas, essencialmente constituídas pois, neste caso, impossibilita-se o diálogo cultural no cenário de disputa e se dissolvem os cenários de constituição de identidades plurais.

A radicalização dessa visão levaria, então, a encerrar a alteridade nas diferenças essencializadas. Atuando na área da educação, a ideia do multiculturalismo conservador pode ser resumida em duas principais manifestações, que seriam “uma entrada folclórica, caracterizada por um percurso turístico de costumes” e outra “escolarizada, que converte a diversidade cultural em um almanaque que engrossa a lista dos festejos escolares ” (SKLIAR & DUSCHATZKY, 2000, p.171). Seguindo essa aproximação da problemática do multiculturalismo, nessa versão II da relação com o outro,

a sociedade multiétnica é apresentada, elencada, “estetizada” em um formato folclórico, ao mesmo tempo que engessada e fixada no currículo escolar. Trata-se de “aprender” sobre os grupos culturais, seu exotismo, despojando-lhes de narrativas, de relato de experiência. Trata-se de apreciar a diversidade, aceitá-la, enfim, de concluir que no mundo não estamos, lamentavelmente, sós (SKLIAR & DUSCHATZKY, 2000, p.172).

De acordo com Semprini (1998), “existe uma perversão manifesta nestas formas de educação multicultural, quando elas estão sustentadas somente a partir do politicamente correto, das ações afirmativas e da apresentação da alteridade em termos exóticos” (SKLIAR & DUSCHATZKY, 2000, p.173), tornando, assim o outro num sujeito pleno de um grupo cultural, que está se “integrando” numa cultura hospedeira e dominante. Essa situação de falsa aceitação gera os conflitos entre a mai-

oria e as minorias, entre a língua oficial e as outras variedades dessa língua, entre “alta” e “baixa” cultura, etc.

Versão III: “O outro como alguém a tolerar”.

Essa versão convida a admitir a existência de diferenças mas “nessa admisão reside um paradoxo, já que ao aceitar o diferente como princípio também se deveria aceitar os grupos cujas marcas são os comportamentos antissociais ou opressivos” (SKLIAR & DUSCHATZKY, 2000, p.174).

Segundo Ricardo Forster (1999), a tolerância enfraquece as diferenças discursivas e mascara as desigualdades, tendo, assim, um forte ar familiar com a indiferença. A situação de tolerância apresenta o risco certo de tornar-se num mecanismo de esquecimento e levar seus portadores a ignorar e apagar as memórias do sofrimento do outro de uma só vez.

O discurso da tolerância corre o risco de transformar-se em um pensamento da desmemória, da conciliação com o passado, em um pensamento frágil, light, que não convoca à interrogação e que tenta evitar todo mal-estar. Um pensamento que não deixa pegadas, desapaixonado, descomprometido. Um pensamento desprovido de toda negatividade, que subestima a confrontação, por ineficiência. A tolerância pode materializar a morte de todo diálogo e, portanto, a morte do vínculo social, sempre conflitivo. A tolerância, sem mais, despoja os sujeitos da responsabilidade ética frente ao social e ao Estado, da responsabilidade institucional de assumir a realização dos direitos sociais. O discurso da tolerância, na mão das políticas públicas, bem poderia ser o discurso da delegação das responsabilidades, à disponibilidade das boas vontades individuais ou locais (FORSTER (1999), apud. SKLIAR & DUSCHATZKY, 2000, p.175).

Michel Walzer (1998) interroga a chamada política da tolerância, pondo em destaque as ambiguidades dos diferentes regimes de tolerância que a humanidade tem construído, destacando as duas formas de tolerância: “a assimilação individual e o reconhecimento do grupo”. Walzer adiciona que, na história da tolerância, existe ou o privilégio do indivíduo, em detrimento do reconhecimento de grupos ou, ao contrário, o privilégio do grupo, com prejuízo à questão da liberdade individual.

Segundo Clifford Geertz (1996), o conceito de tolerância – baseado no relativismo – tem certas ambiguidades paradoxais que questionam essa utopia de profundo reconhecimento da alteridade:

a ideia de que todo julgamento remete a um modelo particular de entender as coisas tem desagradáveis consequências: o fato de pôr limites à possibilidade de examinar de um modo crítico as obras humanas nos desarma, de-

sumaniza, nos incapacita para tomar parte numa interação comunicativa, torna impossível a crítica de cultura para cultura, e de cultura ou subcultura aí interior dela mesma (Geertz (1996) apud. SKLIAR & DUSCHATZKY, 2000, p.174).

Geertz (1996) ainda assinala, com clareza, que as culturas não podem ser tratadas como essências, identidades fechadas e fixas através da história, mas sim que as culturas são lugares de sentido e controle que podem interagir entre si, permitindo, assim, alterações e ampliações. Para Geertz (1996), na questão da relação entre os sujeitos de culturas diferentes, seria errado tanto aceitar quanto julgar ou avaliar a cultura do outro sem qualquer interrogação, sem adicionar ao seu juízo um exame dos contextos e situações concretas.

Resumindo, as ideias principais sobre as três versões dos tipos de relacionamento com o “outro” podem ser configuradas nos imaginários sociais.

- I. “O outro como fonte de todo mal” pode levar à xenofobia (à homofobia, inclusive homofobia nacional, ao racismo, ao sexismo, etc.).
- II. A segunda versão, “o outro como sujeito pleno de um grupo cultural”, ou o chamado discurso multiculturalista¹², por sua vez, corre o perigo de instalar os sujeitos às âncoras de identidade fixa, que seria igual a obrigá-los a não ser diferente do que já se é e desistir a pretensão do todo coletivo.
- III. A última, a terceira versão, “o outro como alguém a ser tolerado” constitui dentro de si o risco do apagamento das diferenças discursivas e da mascaração das desigualdades. Quanto mais polarizado se apresenta o mundo e mais prolifera todo tipo de grupos individuais, tolerados por mais que sejam destrutivos, mais ressoa o discurso da tolerância e mais se toleram formas inumanas de vida.

Assim, junto com os vários pesquisadores da problemática de como relacionar-se com o outro e com a diversidade de seus enunciados, pode-se questionar: Será impossível a tarefa de harmonizar a sociedade na diferença? A única coisa que está clara é de que será impossível caso se continue a tentar formatar o outro completamente, ou regular, sem crítica alguma, o pensamento de resistência e da sensibilidade à diferença.

Assim adentra-se ao segundo capítulo em que objetiva-se apresentar alguns

¹² Multiculturalismo do jeito que é visto por autores, nas ideias de quem foi apoiado a reflexão representada no artigo de Skliar e Duschatzky (2000, pp.165-176).

conceitos principais da Análise do Discurso os quais servirão de base para a compreensão da imbricação de cultura e discurso, de forma que se possa depreender e compreender certos dizeres silenciados e, ao mesmo tempo, manifestados, que circulam a seu respeito.

2 RELAÇÃO: CULTURA E DISCURSO

2.1 Discurso e sentido

Os estudos discursivos contribuem para a base teórica desta pesquisa, então, pensou-se ser necessário destacar as noções mais importantes dessa área de conhecimento. A noção do discurso pode ser encontrada de maneira polivalente: como substantivo não contável e contável, permitindo, assim, a referência aos objetos empíricos como algo que transcende todo ato de comunicação particular (o homem é submetido ao discurso). Isto favorece uma dupla apropriação da noção: por teorias de ordem filosófica e por pesquisas empíricas sobre o funcionamento dos textos. Assim, o discurso fica definido de “duas maneiras: um tipo particular de unidade linguística (além da frase) e uma focalização sobre o uso da língua” (SCHIFFRIN 1994, p. 20).

Tendo por base as ideias de Pêcheux (1983), publicadas em “Por uma análise automática do discurso”, considerou-se importante destacar as três fases da AD, como são apresentados na “Análise do Discurso: três enfoques” (GABLER 2011, p. 24-25):

- a) a primeira fase sugere o *discurso como um conjunto de enunciados* que compõem um discurso diferente de outros e idêntico a si mesmo. Na enunciação, quem fala de fato é uma ideologia, uma instituição, ou uma teoria; em relação ao sujeito, adota-se a teoria do sujeito assujeitado.
- b) a segunda fase vem mostrar, considerando os trabalhos de Foucault, que um discurso uniforme, surgido de uma única fonte, não existe. Foucault descobre que uma formação discursiva é uma *dispersão de enunciados*. Em relação à subjetividade, afirma-se que o sujeito é uma função, e que ele pode ocupar mais de uma.
- c) a terceira fase é a que trabalha sob o signo da heterogeneidade, a partir de Foucault, Bakhtin e Lacan. Percebe-se, então, a existência da *polifonia* como marca característica dos discursos: todos os ingredientes linguísticos dos discursos são atravessados por muitos discursos. Tanto o discurso como o sujeito são concebidos como heterogêneos.

O discurso compreendido na perspectiva da AD da *escola francesa*,

conforme aponta Orlandi (ORLANDI 2013, p. 21), na esteira de Pêcheux (PÊCHEUX 2010 [1969]), é efeito de sentidos entre interlocutores, isto é, “as relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentidos entre locutores.”

Na AD, o discurso é um conceito central, pois nem é a língua, nem a fala, mas o lugar de significar de um sujeito (ORLANDI, 2013), embora sejam esses elementos linguísticos (língua, fala, textos etc.,) que lhe permitem ter materialidade.

A Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando (ORLANDI, 2013, p. 15).

“Com isso, dizemos que discurso implica uma exterioridade à língua, encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente linguística” (FERNANDES 2005, p. 20), e é responsável por determinar o que se diz. De modo abrangente o discurso, tal como concebido para responder às exigências da AD, é o lugar de produção de sentidos.

Orlandi (2013) traz aportes importantes para os estudos discursivos no Brasil e, segundo ela, o discurso é a materialidade específica da ideologia e a língua é a materialidade específica do discurso:

Partindo da idéia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, trabalha a relação língua-discurso-ideologia. (...) Consequentemente, o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos (ORLANDI 2013, p. 17).

Logo, pode-se deduzir que os sentidos produzidos dentro do discurso são de ordens ideológicas. A se valer desse apontamento, pode-se pressupor que a língua perde seu aspecto transparente ao intervirem fatores socio-históricos na produção de enunciados, colocando a interpretação em questão. Os dizeres podem ser considerados como efeitos de sentido que circulam entre sujeitos inseridos na história, logo, o discurso cria o deslocamento deste sistema homogêneo e fluído que

é a língua, rompendo com sua nitidez e descobrindo nela seus “defeitos” e seu aspecto ideológico, “visando a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos. Essa compreensão, por sua vez, implica em explicitar como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido” (ORLANDI 2013, p. 26-27).

No momento do surgimento da Análise do Discurso, ainda não se trata de uma definição direta da *identidade discursiva*. O sujeito é estudado a partir de representações imaginárias dos lugares sociais que os interlocutores ocupam nas situações. Esse imaginário inclui, também, o “ponto de vista dos sujeitos” quanto ao contexto do discurso (TASSO 2005, p. 1-2).

Pêcheux (1997, p. 61-105) enfatiza que o sentido é algo produzido em meio às relações de forças específicas a dada situação. Foi contrário a qualquer consideração de um sujeito psicológico que esteja livre de determinações e, também, contrário à concepção da língua abstraída da história. Pêcheux afirma, que o “discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas”. (Pêcheux, 1997, p.77). Para o pesquisador o discurso não seria a parole ou extensão da frase e o sujeito não seria a “fonte” individual de seu dizer, e assim os sentidos seriam produzidos no processo sócio histórico determinado.

No livro “Papel da Memória”, Orlandi raciocina sobre discursos construídos durante período da resistência política no Brasil de 1968:

Eu vi, em meu silencio, muitos de meus colegas com suas fotos afichadas como perigosos guerrilheiros em pilares da rodoviária de São Paulo toda vez que ia tomar ônibus. Eram lidos, vistos, pensados como perigosos terroristas. Por onde passam os sentidos do terrorismo? Por onde passam os sentidos da resistência política de 68? Os sentidos de liberdade? (ORLANDI, 2010, p. 66).

Outro exemplo da criação dos sentidos discursivos diferentes a partir do mesmo enunciado pode ser a noção de “liberdade” que, segundo Orlandi, “sem determinações concretas, agora generalizada, pode ser reivindicada, individualizando-se, até pelos neo-nazistas que, em nome dela, exigem o direito de usar a suástica em suas roupas opressivas”. (ORLANDI, 1999, p.64)

Para que uma palavra faça sentido é preciso que ela já tenha sentido. Essa impressão do significar deriva do interdiscurso – o domínio da memória discursiva, aquele que sustenta o dizer na estratificação de formulações já feitas, mas “esqueci-

das”, e que vão construindo uma história dos sentidos. Orlandi (2013, p.31) define interdiscurso como “aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente” e a memória discursiva como “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pre-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra”. Toda fala resulta assim de um efeito de sustentação no já dito.

A Linguística constitui-se pela afirmação da não transparência da linguagem: ela tem seu próprio objeto, a língua, e esta tem sua ordem própria. Esta afirmação é fundamental para a Análise do discurso, que procura mostrar que a relação linguagem/pensamento/mundo não é unívoca, não é uma relação direta que se faz termo a termo, isto é, não se passa diretamente de um a outro. (ORLANDI, 2013, p.19)

Literalmente, não se é proprietário das próprias palavras, pois elas se significam pela história e pela língua, ou seja, o indivíduo está sob controle e não no controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem na fala. Todo enunciado, assim, se encontra no ponto de encontro dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação).

Sendo o objeto do estudo, o discurso pode ser compreendido na busca dos sentidos, tendo a língua como materialidade não transparente, e que está sempre em movimento, não como um sistema estático e fechado em si mesmo. Segundo essa linhagem, a língua é o lugar da imprecisão, que admite contradições e deslizamentos.

Orlandi (2013, p. 30) refere-se sobre a exterioridade da língua e do sujeito discursivo, falando sobre “efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz”, ou seja, como sentido ou sentidos em jogo dentro de um quadro político datado sócio historicamente. “Ao introduzir a noção de sujeito e de situação (contexto, exterioridade), a Análise de Discurso afirma o descentramento do sujeito” (ORLANDI, 1994, p. 53-59).

Esse importante pressuposto ajuda a analisar e buscar compreender o modo como o discurso dos informantes russos e brasileiros sobre o “outro-estrangeiro” pode ter efeito sobre a construção da imagem do outro e relacionamento entre os grupos.

M. Pêcheux (1975) (apud. ORLANDI, 2013, p.17) diz que “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela

ideologia e é assim que a língua faz sentido”. Então, todo discurso seria ideológico, mesmo parecendo ser neutro.

Essa afirmação é de fundamental importância para este trabalho porque o que interessa é verificar os sentidos produzidos pelos especialistas russos e brasileiros em seu imaginário, buscando-se colocar em evidência a ideologia nas condições da produção desses discursos.

Segundo Orlandi (2013, p.17), o discurso é a materialidade específica da ideologia e a língua é a materialidade específica do discurso. Pode-se deduzir que os sentidos produzidos dentro do discurso são sempre ideológicos. Diante de qualquer informação, o homem é levado a interpretar, a buscar o sentido. Ora, não há sentido sem interpretação, portanto, sem ideologia. “Assim considerada, a ideologia não é ocultação, mas função da relação necessária entre linguagem e mundo” (ORLANDI, 1999, p.47).

Assim, resumindo a Análise de Discurso, segundo Orlandi (2013):

- a. A língua tem sua ordem própria, mas só é relativamente autônoma;
- b. A história tem seu real afetado pelo simbólico (os fatos reclamam sentidos);
- c. O sujeito de linguagem é descentrado, pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo controle sobre o modo como elas o afetam, assim, o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia.

Para analisar o sentido do discurso, tem-se que aceitar que não existe sentido “em si”, mas que o sentido é sempre construído “em relação a”, segundo Canguilhem (1980, apud. ORLANDI, 2013, p.25).

O discurso, que coloca como base a noção de materialidade, seja linguística, seja histórica, ligando de modo particular linguagem e exterioridade. Esse objeto, o discurso, trabalhando esse espaço disciplinar, faz aparecer uma outra noção de ideologia, passível de explicitação a partir da noção mesma de discurso e que não separa linguagem e sociedade na história. É no discurso que se pode apreender a relação entre linguagem e ideologia, tendo a noção de sujeito como mediadora: não há discurso sem sujeito nem sujeito sem ideologia. O efeito ideológico elementar é o que institui o sujeito [...] (ORLANDI, 1994, p. 53-59).

A Análise do Discurso reúne três regiões de conhecimento para trabalhar o sentido: a teoria da sintaxe e da enunciação, a teoria da ideologia e a teoria da de-

terminação histórica dos processos de significação, isto é discurso. (Orlandi, 2013, p. 25). Destacando a especificidade da AD em relação com as outras disciplinas,

podemos dizer que também a relação da Análise de Discurso com as outras disciplinas supõe uma transformação de suas práticas. Não se trata só de uma instrumentalização, no sentido utilitário, da Análise de Discurso por estas outras disciplinas. Nem se trata de uma mera "aplicação". É uma relação entre teoria, objeto e prática científica, em que o discurso entra como um campo de questões posto para essas disciplinas. E esse campo de questões acarreta deslocamentos em relação à compreensão do que seja história, sujeito, linguagem e ideologia (ORLANDI, 1994, 53-59.)

É importante notar que, para a Análise do Discurso não há uma verdade oculta atrás do texto, não se procura um sentido verdadeiro através de uma chave de interpretação. A interpretação é o sentido pensando-se o co-texto e o contexto imediato. (Orlandi, 2013, p. 26). Então, para pessoas em contextos diferentes a interpretação do sentido pode resultar em construção de sentidos diferentes e até de sentidos opostos.

2.2 As condições de produção do discurso

Considera-se necessário discutir sobre as condições em que os discursos, analisados neste trabalho, foram produzidos, bem como refletir sobre o que é entendido por condições de produção.

Considerando as *condições de produção*, a análise do discurso pensa a situação de interioridade/exterioridade do discurso em relação a seu contexto sócio histórico. Assim, o sujeito seria determinado na estrutura de uma formação social, por meio do modo de produção que a domina e por um estado determinado pela relação de classes que a compõe. Segundo Orlandi, para Pêcheux foi importante o fato de que “como nossa sociedade é dividida, há uma divisão nos sentidos, eles não significam a mesma coisa para todos, mas, sim, na diferença”¹³.

Por fim, sob essa noção de condições de produção, pode-se afirmar que o processo discursivo remete conjuntamente a um exterior específico.

Um exterior específico: o aparelho hegemônico corresponde às posições ideológicas de classe e à base linguística constitutiva da reprodu-

¹³“Eni Orlandi fala sobre análise do discurso e linguagem em entrevista”, 28/02/2013, por Tatiana Fávoro, São Paulo. Disponível em <<http://redeglobo.globo.com/globouniversidade/noticia/2012/11/eni-orlandi-fala-sobre-analise-do-discurso-e-linguagem-em-entrevista.html>>. Acesso em 02 out 2015.

ção/trans formação de uma formação social; a um interior específico: os mecanismos reais/imaginários que mobilizam, por refração, o referente ideológico no interior do complexo dominado por formações sociais/discursivas. (GULHAUMOU 2008, p. 62)

A interpelação ideológica converte sujeitos em sujeitos ideológicos, que se pronunciam e, assim, produzem sentidos conforme o lugar que são chamados a ocupar em dado aparelho ideológico ou uma relação de classes (TASSO, 2005, p. 2).

Orlandi (2013) explica que as condições de produção – que funcionam na formação dos discursos – agem conforme alguns princípios. Um deles é o princípio de relação de sentidos, segundo o qual não existe discurso isolado que não se relacione com outros discursos.

Os sentidos resultam de relações: um discurso aponta outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros. Todo discurso é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo, contínuo. Não há, desse modo, começo absoluto nem ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis (ORLANDI 2013, p. 39).

Outro fator que funciona nas condições de produção é o mecanismo da antecipação, que refere-se à capacidade que o sujeito tem de colocar-se no lugar do seu interlocutor, antecipando desse modo o sentido que suas palavras produzem. Esse mecanismo conduz o processo de argumentação, precipitando seus efeitos sobre o interlocutor, regulando a argumentação de tal modo que “o sujeito dirá de um modo, ou de outro, segundo o efeito que pensa produzir em seu ouvinte” (ORLANDI 2013, p. 39).

Mais um fator importante é a chamada relação de forças. Conforme esse fator é a posição de força, a partir da qual o sujeito fala, que é constitutiva do que ele diz e quais sentidos produz. Assim, se o sujeito fala a partir da posição do cliente, seu enunciado significa de outro modo do que se falasse do lugar do vendedor do serviço. O capitão do time e os outros membros do time, o professor e os alunos, o padre e os fiéis, a mãe e os filhos, etc. A sociedade é constituída por relações de força que resultam em que as palavras de um determinado sujeito signifiquem mais do que as do outro.

Resumindo, pode-se considerar as condições nas quais se produz o discurso como as circunstâncias da enunciação no momento e conforme a qualidade de contexto imediato, que inclui contexto social, histórico e ideológico.

No caso desta pesquisa o contexto imediato – no qual se produz o discurso dos especialistas russos e brasileiros sobre o outro-estrangeiro – é constituído pela instituição militar, nativa para uns e estrangeira para outros, um espaço de materialização da ideologia, política, relações de força e de vários conflitos.

As instituições militares geralmente são vistas na sociedade como instituições unificadas e unificadoras, com seus próprios valores, diferentes dos civis; conservadoras e pouco simpáticas, fechadas e secretas, de difícil acesso e que preparam os indivíduos para obedecer aos comandos dos superiores sem a mínima discussão e a ter uma vida devotada à defesa do seu país, até a morte se for necessário.

A presença da instituição como lugar de ideologia na constituição do sujeito foi alegada por Althusser (1974) no seu livro “Aparelhos Ideológicos de Estado”, onde o autor afirma que “a ideologia é uma “representação” da *relação imaginária* dos indivíduos com suas condições reais de existência” e que “a ideologia tem uma existência material”:

Não são as suas condições reais de existência, seu mundo real que os “homens” “se representam” na ideologia, o que é nelas representado é, antes de mais nada, a sua *relação* com as suas condições reais de existência. É esta relação que está no centro de toda representação ideológica, e, portanto, *imaginária* do mundo real. É nesta relação que está a “causa” que deve dar conta da deformação imaginária da representação ideológica do mundo real (ALTHUSSER 1985, p.85-90).

Althusser ainda indica que a classe dominante gera mecanismos de continuidade das condições de produção ideológica, material e política de controle e exploração.

Desta forma, a instituição militar seria um espaço onde os militares brasileiros são a classe dominante, frente ao grupo de estrangeiros, e onde a ideologia hegemônica se impõe e se materializa nos rituais da instituição. Desta maneira, é um espaço de conflito entre os sujeitos que nela atuam, predominantemente de ordem ideológica.

É a luta pela sustentação da ideologia hegemônica do grupo dominante e de resistência a essa imposição e busca da implantação de uma nova hegemonia. Os estrangeiros, entrando nesse ambiente, representam um grupo com ideologia diferente e revolucionária e, portanto, indesejável, representando um perigo imaginário para a ordem e ideologia estabelecidas.

2.3 As formações imaginárias

As considerações acima são de grande importância, porque as imagens sobre o “outro-estrangeiro”, que foram destacadas nos enunciados dos especialistas russos e brasileiros, constituem o objeto desta pesquisa. Por isso, é necessário esclarecer em que consistem as imagens e a formação imaginária do sujeito.

Utilize-se o conceito de imagem de acordo com Orlandi (2013), que descreve as condições de produção do discurso e, em seguida, chega ao entendimento das imagens construídas dentro dos discursos produzidos.

Segundo Orlandi (2013), todos os mecanismos de produção e funcionamento do discurso se baseiam “no que chamamos formações imaginárias” (ORLANDI 2013, p. 40).

Assim não são os sujeitos físicos nem os seus lugares empíricos como tal, isto é, como estão inscritos na sociedade, e que poderiam ser sociologicamente descritos, que funcionam no discurso, mas suas imagens que resultam de projeções. São essas projeções que permitem passar das situações empíricas – os lugares dos sujeitos – para as posições dos sujeitos no discurso. Essa é a distinção entre lugar e posição. (ORLANDI 2013, p. 40).

Assim o sujeito, durante o processo de projeção – de acordo com as regras da sua língua e cultura – passa da situação empírica para a posição discursiva. São essas posições que significam no discurso, dentro do contexto sócio histórico e o já-dito (memória discursiva).

Dentro do mecanismo imaginário se produzem imagens dos sujeitos do discurso, bem como dos objetos do discurso, em acordo com o contexto sócio histórico. Desse jeito, pode-se distinguir as imagens das seguintes posições: do sujeito-locutor (quem sou eu para dizer isso), do sujeito-interlocutor (quem é ele para dizer isso ou quem sou eu para responder a isso), e a imagem do objeto do discurso (do que es-

tou falando, do que o locutor fala). Então, um jogo imaginário orienta o processo da produção do discurso. Esse jogo imaginário é bem complexo, pois consiste das várias imagens que o locutor e o interlocutor produzem um sobre o outro, sobre si mesmos e sobre o objeto.

Na relação discursiva, são as imagens que constituem as diferentes posições. E isto se faz de tal modo que o que funciona no discurso não é o operário visto empiricamente, mas o operário enquanto posição discursiva produzida pelas formações imaginárias. Daí que, na análise, podemos encontrar, por exemplo, o operário falando no lugar do patrão (ORLANDI 2013, p. 40-41).

As pessoas sempre ajustam seus dizeres, trabalhando o jogo das imagens, de acordo com as relações de forças, de sentidos e com a sua antecipação da situação: a imagem que um falante tem do outro e de si mesmo, etc. Lembrando o famoso exemplo de jogo de xadrez, “é melhor orador aquele que consegue antecipar o maior número de “jogadas”, ou seja, aquele que mobiliza melhor o jogo de imagens na constituição dos sujeitos” (Orlandi, 2013, p. 41-42) e assim consegue utilizar as frases que os ouvintes prefeririam ouvir.

Segundo Orlandi (1994), observa-se que a ideologia continua sendo um componente importante dos estudos de AD, não só para o processo discursivo no geral mas também, especificamente, para a criação da imagem discursiva do objeto.

A ideologia é vista como o imaginário que medeia a relação do sujeito com suas condições de existência. No discurso, o mundo é apreendido, trabalhado pela linguagem e cabe ao analista procurar apreender a construção discursiva dos referentes. A ideologia é, pois, constitutiva da relação do mundo com a linguagem, ou melhor, ela é condição para essa relação (ORLANDI, 1994, p. 56).

Orlandi destaca a importância de se compreender a diferença entre a *posição empírica* (professor, aluno, chefe, operário) que compõe os traços sociais empíricos (profissão, idade, sexo, classe social, entre outros). A *formação imaginária*, afetada pela ideologia, sugerida pelas imagens que foram construídas a partir de algumas relações sociais que funcionam no discurso: a imagem que se faz de um professor, de um aluno, de um operário, etc. “Há em toda língua mecanismos de projeção que permitem passar da situação sociologicamente descritível para a posição dos sujeitos discursivamente significativa” (ORLANDI, 1994, p. 56).

Não existe relação direta entre a linguagem e o mundo. A relação não é direta mas funciona como se fosse, por causa do imaginário. Ou, como diz Sercovich (1977), a dimensão imaginária de um discurso é sua capacidade para a remissão de forma direta à realidade. Daí seu efeito de evidência, sua ilusão referencial. Por outro lado, a transformação do signo em imagem resulta justamente da perda do seu significado, do seu apagamento enquanto unidade cultural ou histórica, o que produz sua "transparência". Dito de outra forma, se se tira a história, a palavra vira imagem pura. Essa relação com a história mostra a eficácia do imaginário, capaz de determinar transformações nas relações sociais e de constituir práticas. Mas, em seu funcionamento ideológico, as palavras se apresentam com sua transparência que poderíamos atravessar para atingir seus "conteúdos" (ORLANDI, 1994, p. 57).

Nesse trecho, Orlandi demonstra que não se consegue transformar as próprias experiências empíricas com o mundo das palavras de forma pura ou *verdadeira* pois sempre passam pelos efeitos do imaginário que, por sua vez, ocorre em consonância com a realidade cultural, histórica e ideológica. Ou seja, nas sociedades diferentes um mesmo gesto da pessoa ou ação do grupo pode criar uma imagem diferente dessa pessoa ou grupo.

Tome-se um exemplo da experiência do contato entre brasileiros e russos, gravado nas entrevistas, para a pergunta 1, "É difícil ou fácil conviver/trabalhar com especialistas russos? ".

Enunciado (3):

Foi difícil. Dois problemas que vi. Um quando eu estive na Rússia e outro aqui. São mais agressivos com palavras, com gestos, eles enxergam isso como normal, mas na nossa cultura isso é um pouco agressivo. (...) (p. 1, inf. 10, m., br).

Algumas das imagens que foram destacadas durante a análise das entrevistas, foram: "o russo é agressivo", "o russo é muito direto e rude". Então, pelo informante brasileiro foi criada a imagem de "um russo agressivo/direto/rude", que pode ter acontecido porque a imagem de "pessoa agressiva/direta/rude" na sociedade russa e brasileira é diferente. Ou seja, como relatou o informante, para os russos certas atitudes na relação interpessoal pertencem à imagem da "pessoa não agressiva/direta/rude" e as mesmas atitudes, para os brasileiros, pertencem à imagem da "pessoa agressiva/direta/rude".

Nesse exemplo, destacam-se as reflexões de Orlandi (1994) e Sercovich (1977), expostas acima, de que "não existe relação direta entre a linguagem e o

mundo” e que “a dimensão imaginária de um discurso é sua capacidade para a remissão de forma direta à realidade. Assim,

não é no dizer em si mesmo que o sentido é de esquerda ou de direita, nem tampouco pelas intenções de quem diz. É preciso referi-lo às suas condições de produção, estabelecer as relações que ele mantém com sua memória e também remetê-lo a uma formação discursiva – e não outra – para compreendermos o processo discursivo que indica se ele é de esquerda ou de direita. Os sentidos não estão nas palavras elas mesmo. Estão aquém e além delas (ORLANDI 2013, p. 42).

Daí seu efeito de evidência, sua ilusão referencial. É esse efeito de falsa transparência da relação entre o mundo e a língua que a AD põe em causa ao considerar o imaginário como produtor desse efeito. Por isso a análise é importante; com ela seria possível atravessar o imaginário que condiciona os sujeitos do discurso e, analisando o modo como os sentidos foram produzidos, compreender da melhor forma o que foi dito e por quê.

2.4 Formação discursiva, pré-construído e interdiscurso

A noção de formação discursiva é importante na AD, pois ajuda a entender o mecanismo de produção dos sentidos e a sua relação com a ideologia permite, ao analista, observar as regularidades nos discursos. “O sentido não existe em si mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico” (Orlandi, 2013, p.42), assim, a formação discursiva se define a partir de dada posição e à ideologia que acompanha essa posição numa determinada situação socio-histórica.

Pêcheux ([1975], 1988 p. 160), apresenta a formação discursiva em sua relação com a formação ideológica:

As palavras, expressões, proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas [...] nas quais essas posições se inscrevem. Chamaremos, então, formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc. (PÊCHEUX [1975], 1988, p.160).

Pêcheux e Fuchs ([1975], 1988, p. 177) apresentam a relação da formação discursiva com o exterior heterogêneo, isto é, com o interdiscurso, explicando que “uma formação discursiva é constituída-margeada pelo que lhe é exterior, logo por aquilo que aí é estritamente não-formulável, já que a determina”.

O conceito de interdiscurso foi delimitado por Pêcheux como “o exterior específico de uma formação discursiva enquanto este irrompe nesta formação discursiva para constituí-la” (2010 [1983c], p. 310; aspas do autor). Com essa inserção complementar de noções, “a formação discursiva aparece, então, inseparável do interdiscurso, lugar em que se constituem os objetos e a coerência dos enunciados que se proveem de uma formação discursiva” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008, p. 241). Apesar de que, nos momentos iniciais da AD, Pêcheux (2010 [1969]) alega a exterioridade do discurso como o atravessamento do “já-dito” ou “já-lá”, numa linha de raciocínio que anunciava o conceito de pré-construído e o de interdiscurso. Cl. Haroche, P. Henry e M. Pêcheux, reformulando a noção de enunciação, escrevem que se trata de processos pelos quais o “sujeito falante” toma posição no que toca às representações de que é o suporte, representações estas que se encontram realizadas como aquilo que é “pré-construído”, “linguisticamente analisável” (em: ROBIN, 1977, p. 118).

Desse modo, o pré-construído manifesta-se em certas particularidades linguísticas e sintáticas de encadeamento gramatical, ou seja, o que pode ser linguisticamente analisável, tal como orações relativas, que recuperam fragmentos de discursos anteriores. “Assim (percebe-se o pré-construído como discurso que se construiu em outro lugar), a construção permite que o que funciona como pré-construído “passe” sem discussão como uma base sobre a qual repousa o consenso” (*ibidem*, grifo da autora). Portanto, o pré-construído é o traço, no nível sintático, dessas construções exteriores ao enunciado, daí o efeito de evidência que ele produz (como já estando lá), em relação de contraste ao que é construído no enunciado. Como meio de exemplificação do efeito de pré-construído, pode-se citar os enunciados (4), (5), (6), (7).

[...] o russo em si é complicado [...] (p. 4, inf. 2, m., br.)

[...] 60 a 70% dos russos são rude [...] (p. 4, inf. 7, m., br.)

[...] o russo tava sendo agressivo [...] (p. 4, inf. 10, m., br.)

[...] o russo tem o jeito dele de fazer as coisas [...] (p.5, inf. 13, m., br.)

Os quatro enunciados acima têm como núcleo frasal o sintagma nominal definido “o russo” que, por sua vez, é determinado por um artigo definido masculino, evocando uma “ausência presente” no intradiscurso. Desse modo, a retomada do russo de outros discursos é evidenciada na medida em que não é qualquer nacionalidade, mas, isto sim, o russo já dado, já - lá. Pode-se dizer, então, que com o custo metonímico fala-se do todo pela parte, já que o russo, qual a ponta de um iceberg, mostra apenas uma fração de uma grande parte submersa a qual é ‘subentendida’ pelo pico. Em outros termos, “o russo” aparece nos enunciados acima remontando ao interdiscurso do povo russo em geral.

Ao interdiscurso se liga o pré-construído, de acordo com Pêcheux (2009, [1975], p. 149), no sentido de que “o efeito de encadeamento do pré-construído [...] é determinado materialmente na própria estrutura do interdiscurso”. Portanto, é nessa instância interdiscursiva que se constrói o sentido, não obstante seja inerente de toda formação discursiva, dissimular sua dependência do interdiscurso, como se os sentidos nascessem sempre no momento da enunciação.

Porém, observa Pêcheux (*ibid.*), o funcionamento do interdiscurso como instância que determina o sentido não implica existência de um real além do exterior que é o interdiscurso. Numa palavra, o interdiscurso é o real (exterior).

O interdiscurso é responsável por veicular os processos discursivos à memória, chegando a ser definido por Orlandi (1992) como a “memória do dizer”. Orlandi continua retomando Pêcheux:

O interdiscurso é o conjunto do dizível, histórica e linguisticamente definido. Pelo conceito de interdiscurso, Pêcheux nos indica que sempre já há discurso, ou seja, que o enunciável (o dizível) já está aí e é exterior ao sujeito enunciator. Ele se apresenta como séries de formulações que derivam de enunciações distintas e dispersas que formam em seu conjunto o domínio da memória. Esse domínio constitui a exterioridade discursiva para o sujeito do discurso” (ORLANDI 1992, p. 89-90).

Desse modo, ao retomar para Pêcheux, diz-se que o interdiscurso é o conjunto do dizível, histórica e linguisticamente definido. Pelo conceito de interdiscurso, Pêcheux indica que sempre já existem discursos, ou seja, que o enunciável (o dizível) já está aí e é exterior ao sujeito enunciator. Ele se apresenta como séries de formulações que derivam de enunciações distintas e dispersas que formam, em seu

conjunto, o domínio da memória. Esse domínio constitui a exterioridade discursiva para o sujeito do discurso (cf. *ibid.*, p. 88-89).

Em relação ao interdiscurso, conforme explicitado acima, pode-se designar o intradiscurso, “isto é, o funcionamento do discurso com relação a si mesmo” (PÊCHEUX, 2009 [1975], p. 153), como o “fio do discurso do sujeito” (*ibidem*) daquilo que é dito no acontecimento enunciativo e que, pelo efeito de interpelação do sujeito pela ideologia, surge-lhe como lócus de produção do sentido. Na verdade, opera através do funcionamento do interdiscurso o “esquecimento” constitutivo do dizer, dado que “o sujeito se constitui pelo “esquecimento” (*ibid.*, p. 150).

Todavia, cabe aqui notar que o domínio do dizível e, por conseguinte, do repetível, não deve ser compreendido, nem um nem outro, como aquilo que condena o sujeito a simplesmente repetir o já-dito, mas como sustentação do dizer e infinitas possibilidades de escolhas de enunciar.

Nesse sentido, para se entender a relação do sujeito com o interdiscurso, é necessário atentar-se para o lembrete de Orlandi (cf. 1992, p. 88): “é preciso entender essa relação do enunciável com o sujeito em sua duplicidade. O que despossui o sujeito é o que, ao mesmo tempo, torna seu dizer possível; é recorrendo ao já-dito que o sujeito (res) significa e se significa”. Assim, tendo em vista o que foi exposto, elucida-se “o primado teórico do outro sobre o mesmo” (PÊCHEUX, 2010 [1983c], p. 311) na Análise do Discurso, a partir dos desdobramentos teóricos e metodológicos da AAD-69. Mais precisamente, o primado da alteridade sobre o mesmo é o primado do interdiscurso sobre o discurso, uma vez que a compleição desse é iminentemente histórico-material; há o primado do interdiscurso – a memória do dizer – de tal modo que os sentidos são sempre referidos a outros sentidos. É a ideologia que produz o efeito de evidência e de unidade, sustentando sobre o já-dito os sentidos institucionalizados, admitidos como “naturais”. Há uma parte do dizer, inacessível ao sujeito, e que fala em sua fala. Mais ainda: “o sujeito toma como suas as palavras da voz anônima produzida pelo interdiscurso (a memória discursiva)” (ORLANDI, 2012c, p. 31). Com efeito, todo o aparato conceitual até então revisitado deságua em uma concepção fundamental para AD, qual seja, o sujeito. Esse está necessariamente implicado, ainda que tacitamente, no funcionamento do discurso, quer dizer, é na produção de (efeitos de) sentidos que ao mesmo tempo surge o sujeito. Portanto, pensando na importância do sujeito para o desenvolvimento desta pesquisa, é dele que o próximo item se encarregará de tratar.

2.5 O sujeito em análise do discurso

Na compreensão de Pêcheux (2010 [1975]), o lugar do sujeito está apenas aparentemente vazio porquanto, para ele, tal posição está preenchida pelo sujeito do saber de uma formação discursiva específica. Quer dizer, em toda formulação (enunciado) o sujeito enunciator reencontra o sujeito do saber através da relação entre ambos. Esse vínculo entre o sujeito enunciator e o sujeito do saber da formação discursiva produz-se pela identificação que o primeiro estabelece com o segundo e que passa a ser designada por posição de sujeito. Em outras palavras, diferentes sujeitos, ao se relacionarem com o sujeito do saber de uma mesma formação discursiva, podem estabelecer diferentes efeitos-sujeitos no discurso de cada um.

A descrição das diferentes posições de sujeito, geradas no interior de uma formação discursiva, e os efeitos-sujeitos que aí são produzidos permitem a descrição do sujeito de saber da formação discursiva, sujeito esse que é designado por Pêcheux de forma-sujeito. E o filósofo ainda elucida que “tomada de posição não é de modo algum, concebível como um ato original do sujeito do discurso, mas um efeito-sujeito em relação à forma-sujeito” (ibid., p. 159-160; grifo do autor).

As distintas posições de sujeito mostram, pois, as modalidades particulares de identificação de diversos sujeitos do discurso com a forma-sujeito de uma formação discursiva. Nesse sentido, portanto, o saber predominante de uma formação discursiva se materializa nas produções discursivas dela derivadas; as formações discursivas cujo núcleo discursivo é o sucesso (re) produzem efeitos-sujeitos (do sucesso) que, por sua vez, refletem certo posicionamento do sujeito do discurso diante do complexo com dominante do sucesso.

Courtine (2009) retoma, de maneira análoga a Pêcheux, a reflexão sobre o sujeito: o sujeito do discurso decorre da relação que se institui entre o discurso, a língua e a ideologia, sendo, concomitantemente, *sujeito ideológico*. De maneira geral, tem-se nessa configuração teórica “(...) o plano em que se desenrola o imaginário no discurso, isto é, onde a forma-sujeito realiza a incorporação e dissimulação de elementos pré-construídos a partir de uma estrutura de enunciado determinada no interdiscurso” (ibid., p. 211).

Dizendo de outra forma, esse lugar imaginário ocupado pelo sujeito enunciator em certa formação discursiva é onde o sujeito enunciator se produz na enunci-

ação como interiorização da exterioridade do enunciável. Considerado isso, vê-se um sujeito concebido de tal forma que dá uma melhor compreensão do funcionamento de reconfiguração da formação discursiva. Assim, ao identificar-se com efeito-sujeito da forma sujeito, ao saber de uma formação discursiva, o sujeito “se articula por correferência” (PÊCHEUX, 2009 [1975], p. 154) no mesmo movimento de incorporar o pré-construído proveniente do exterior e anterior ao seu discurso aí aparecendo como um “já-dito”. Nesse diapasão, Pêcheux adiciona: o efeito da forma-sujeito do discurso é, pois, sobretudo, o de mascarar o objeto daquilo que chamamos o esquecimento nº 1 [ser a fonte/origem do discurso], pelo viés do funcionamento do esquecimento nº 2 [ser quem seleciona, determina o que será dito].

Assim, o espaço de reformulação da paráfrase que caracteriza uma dada formação discursiva aparece como o lugar de constituição do que se denomina o imaginário linguístico (*ibid.*, p. 165). Tendo isso em vista, o traço que define a função-sujeito é, então, a ilusão constitutiva de ser fundamentalmente a origem do que diz pelo mascaramento ideológico de que seu dizer irremediavelmente sempre remete a um “outro”. Assim, tem-se o efeito ideológico elementar, dado que o modo pelo qual o indivíduo é constituído não lhe é acessível.

De acordo com Orlandi (2012c, p. 49), “esse sujeito que se define como “posição” é um sujeito que se produz entre diferentes discursos, numa relação regrada com a memória do dizer (o interdiscurso), definindo-se em função de uma formação discursiva na relação com as demais”. Sob esse prisma, pode-se distinguir um universo exterior ao discurso e ao sujeito que é da ordem do essencialmente não-formulável, de um “espaço subjetivo da enunciação, espaço imaginário que assegura ao sujeito falante seus deslocamentos no interior do formulável” (PÊCHEUX; FUCHS, 2010 [1975], p. 177-178).

Nessa perspectiva, o analista de discurso vai então trabalhar com os movimentos (gestos) de interpretação do sujeito (sua posição), na determinação da história, tomando o discurso como efeito de sentido entre interlocutores (ORLANDI, 2012c, p. 49). Assim, a Análise do Discurso é uma teoria não-subjetivista da subjetividade, pois, como foi apresentado acima, nela existe a abrangência do exterior no interior de um mecanismo de produção de sentidos.

Não obstante, o assujeitamento a uma estrutura sobre determinante, nas primeiras fases, tenha resultado num conceito de sujeito como efeito-sujeito – quer dizer, a forma-sujeito qual puro efeito ideológico – tal perspectiva passa por reformu-

lações até chegar na terceira fase da Análise do Discurso, em função do enfoque sobre o entrecruzamento da estrutura com o acontecimento. Concebendo enquanto síntese, portanto, tal como assinalam Orlandi e Guimarães (1988), o sujeito para a Análise do Discurso como caracterizado pela divisão e dispersão, uma vez que é produzido na relação com o interdiscurso, mas que se apresenta com a aparência (ilusão) de unidade, precisamente porque nele atua o esquecimento nº 1; ora, o sujeito é dividido por desconhecer as determinações de seu dizer, ao passo que se coloca como origem desse dizer. Por conseguinte, estando o sujeito implicado na produção de seu discurso, de uma dada formação discursiva, necessariamente está na produção de sentidos.

De maneira diametralmente oposta – embora guardadas as devidas semelhanças – ao pensamento bakhtiniano para o qual “todo fenômeno ideológico, ao longo do processo de sua criação, passa pelo psiquismo, como por uma instância obrigatória” (cf. BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1981, p. 57) da produção dos sentidos e, por conseguinte, dos sujeitos (re) construídos e dispersos pelo(s) discurso(s), os enunciados sobre os funcionários brasileiros e russos se imprimem através das entrevistas, e circulam de muitos modos.

Pode-se notar que há uma certa “imagem” sobre o russo e o brasileiro, funcionando em grande escala. São incontáveis os pronunciamentos que pretendem ensinar ao sujeito-ouvinte como apreender o “outro” para o sucesso nas empresas (lucro), sucesso profissional, sucesso na imagem pública, na imagem social.

Esta seria, pois, a promessa a ser obtida ao preço da obediência a novas leis, que têm seu nome também já reconhecido: são as “leis de mercado” (PAYER, 2005, p. 18). “Um certo discurso sobre o outro” fabrica (efeitos de) sentidos e, consequentemente, sujeitos. Assim, é no exame das entrevistas que o funcionamento do discurso sobre cada nacionalidade – funcionários brasileiros e russos – (re) produz sentidos e sujeitos pelos quais pode-se compreender quais são os sentidos e os sujeitos contemplados por esses discursos. Assim, posto que a relação do sujeito com a linguagem e a história, que é a base teórica da Análise do Discurso, se coloca pela maneira particular com que ela explicita o fato de que “sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo por um processo que tem como fundamento a ideologia” (ORLANDI, 2012a, p. 47).

Este é o trabalho da ideologia: produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência. Podemos começar por dizer que a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer. Partindo da afirmação de que a ideologia e o inconsciente são estruturas-funcionamentos, M. Pêcheux diz que sua característica comum é a de dissimular sua existência no interior de seu funcionamento, produzindo um tecido de evidências “subjetivas”, entendendo-se “subjetivas” não como “que afetam o sujeito”, mas, mais fortemente, como “nas quais se constitui o sujeito”. Daí a necessidade de uma teoria materialista do discurso – uma teoria não subjetivista da subjetividade – em que se possa trabalhar esse efeito de evidência dos sujeitos e também a dos sentidos (ORLANDI 2013, p. 46).

Portanto, investigar um dado discurso numa conjuntura social é ressaltar “esse verdadeiro ponto de partida, já se sabe, que não é o homem, o sujeito, a atividade humana etc., mas, ainda uma vez, as condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção” (PÊCHEUX, 2009 [1975], p. 168). Dito isso, investigar a opinião de cada nacionalidade como uma constante discursiva na sociedade dos dias de hoje é necessariamente reconhecer as condições de produção dos sentidos sobre os brasileiros e sobre os russos e, entre outras coisas, entender o impacto disso na fabricação do sujeito.

Assim adentra-se no terceiro capítulo, onde são apresentadas as análises das entrevistas. Todavia, importa ressaltar que, desde o início, teve-se a intenção de acompanhar, de acordo com levantamentos de diversos autores, a dinâmica que rege a convivência entre os grupos pesquisados.

3 A IMAGEM DO OUTRO-ESTRANGEIRO

As imagens que foram construídas, com regularidade, pelos discursos dos especialistas russos e brasileiros, estão sendo apresentadas e analisadas neste trabalho, na tentativa de rastrear e comparar as representações sobre o Brasil e o povo brasileiro com as que tratam sobre a Rússia e o povo russo.

Assim, este capítulo trata da análise realizada para detectar as imagens formadas pelos especialistas participantes do projeto objeto do contrato firmado entre a FAB e a empresa produtora dos helicópteros russos, em relação ao contato com o outro-estrangeiro, no campo do trabalho. Essa análise procurou evidenciar o interdiscurso e as formações discursivas, contrapondo-os com as condições de produção do discurso. Esses procedimentos constituíram a segunda etapa na parte da análise.

Para tanto, é importante destacar que essa análise baseou-se, teoricamente, nos estudos discursivos propostos por Orlandi (1994; 2013), descritos no segundo capítulo deste trabalho.

As perguntas do questionário foram formuladas com base nas observações efetuadas pela pesquisadora enquanto parte da comunidade pesquisada e procuravam verificar as imagens que os participantes tinham a respeito do outro-estrangeiro ou seja como, imaginariamente, o outro-estrangeiro era visto. Para tanto, foram analisadas as respostas dadas às seguintes perguntas:

1. É difícil ou fácil conviver/trabalhar com especialistas russos/brasileiros?
2. Você acha que os russos/brasileiros são abertos ou fechados para se comunicar e ajudar o estrangeiro?
3. Quais características no caráter nacional russo/brasileiro você considera positivas?
4. Quais características no caráter nacional russo/brasileiro você considera negativas?
5. Como você pode avaliar, no geral, o relacionamento dos especialistas russos e brasileiros? Como sucesso ou fracasso?

Acredita-se que as imagens formadas pelos participantes da pesquisa influenciam, de forma direta, na conduta do trabalho conjunto, no qual eles entram em contato com o outro-estrangeiro, pois não há relações sociais que não estejam marcadas por relações de influência.

Para apresentar a análise, as respostas dos participantes foram mostradas como enunciados indicados com números cardinais, para marcar sua ordem. O uso dos parênteses, no final de cada enunciado, corresponde às informações sobre o participante, conforme as indicações: I (informante) 1 (número de ordem do participante), m ou f (gênero do participante), Ru (especialista russo), Br (especialista brasileiro).

3.1 Imagens sobre o outro-estrangeiro russo

Ao proceder-se a análise dos enunciados, as imagens que os especialistas brasileiros formaram a respeito do colega outro-estrangeiro russo foram as seguintes:

- a) o russo é fechado para a comunicação
- b) o trabalho com o russo é difícil
- c) o russo mantém distância do estrangeiro
- d) o russo é determinado
- e) o russo é guerreiro e fortemente patriótico
- f) o russo é esforçado
- g) o russo tem independência cultural bem própria
- h) o russo é frio e fechado para outras culturas, igual ao país
- i) o russo é agressivo
- j) o russo é muito direto e rude
- k) o russo é orgulhoso
- l) o russo é parecido com o brasileiro porque costuma dar “jeitinho”
- m) o trabalho com os russos foi um sucesso
- n) o trabalho com os russos foi um fracasso
- o) o projeto com os russos foi em alguns pontos um sucesso, em outros um fracasso

Ao visualizar a manifestação dessas imagens, pode-se conectá-las a outros discursos para entender sua relação com a ideologia, o que permite entender como se formam os sentidos desses enunciados. Sobre isso, Orlandi (1999, p.32) afirma: “O fato de que há um já dito que sustenta a possibilidade mesma de todo dizer, é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso, a sua relação com os sujeitos e com a ideologia”.

Essa relação com outros discursos diz respeito ao interdiscurso, em que tudo o que já foi dito sobre o assunto (no caso desta pesquisa, a imagem do estrangeiro russo ou brasileiro) está, de certo modo, significando nos discursos dos participantes da pesquisa. Todos os sentidos já ditos, principalmente pelo discurso coletivo, têm efeito sobre o que esses especialistas dizem (ORLANDI, 1999).

Os atravessamentos discursivos e a imagem que a eles correspondem:

a) Discurso publicitário dos estereótipos:

- o russo é frio e fechado para outras culturas; assim como seu país, é frio;
- o russo é guerreiro e fortemente patriótico.

b) Discurso da diferença cultural:

- o russo tem independência cultural bem própria;
- o russo mantém distância do estrangeiro.

c) Discurso subjetivo-afetivo de rejeição:

- o trabalho com o russo é difícil;
- o russo é fechado para a comunicação;
- o russo é agressivo.

d) Discurso subjetivo-afetivo de aprovação:

- o russo é determinado;
- o russo é esforçado.

e) Discurso do preconceito – avaliação negativa do comportamento do outro-estrangeiro que pode estar vinculada à visão de outra cultura:

- o russo é muito direto e rude;
- o russo é orgulhoso.

f) Discurso do preconceito por si, por sua própria cultura, projetado na visão do outro:

- o russo é parecido com brasileiro porque costuma dar “jeitinho”.

g) Discurso de avaliação:

- o trabalho com os russos foi um sucesso;
- o trabalho com os russos foi um fracasso;
- o projeto com os russos foi em alguns pontos um sucesso, em outros um fracasso.

Conforme percebe-se, as imagens que o sujeito forma a respeito da realidade estão influenciadas pelos discursos que circulam naquela sociedade. A parte das imagens encontra relação com diferentes discursos, que apontam para uma construção de estereótipos, que foram reproduzidos a partir de discursos veiculados na sociedade a respeito do estrangeiro e do país dele.

Desta forma, as imagens que os participantes formaram a respeito do outro-estrangeiro estão vinculadas a um discurso coletivo, ou seja, encontram relação direta com os ideários neoliberais de individualismo e consumo, presentes nos discursos de avaliação, aprovação ou rejeição, preconceito por si próprio e para com os outros. Esses discursos também demonstram atitudes individuais de comparação de si com o outro, com atitude de rejeição que aponta para a resistência ao contato com o outro-estrangeiro.

Como foi apontado no capítulo 1 deste trabalho, segundo Skliar e Duschatzky (2000, pp.165-176), que incluíram no decorrer da sua análise as reflexões de autores como Bhabha (1994), Geertz (1996), McLaren (1997), Silva (1995), Zizek (1998), existem três versões dos tipos de relacionamento com o “outro” que podem ser configurados nos imaginários sociais: “o outro como fonte de todo mal”, “o outro como sujeito pleno de um grupo cultural” e “o outro como alguém a ser tolerado”. Assim, seguindo o raciocínio desses autores, existem várias formas do relacionamento com o outro, isto é, o outro-diferente ou, como no caso desta pesquisa, o outro-estrangeiro. Esses tipos de relacionamento diferem entre si pelo grau de intensidade da rejeição, mas sempre são de estranhamento. Este estranhamento é considerado completamente normal pois faz parte, necessária, da construção do nosso mundo, que consiste de “nós” e “outros”, ou seja, sem o outro, não existe eu. Essas posições são interdependentes.

É fácil compreender, entretanto, que identidade e diferença estão em uma relação de estreita dependência. A forma afirmativa como expressamos a identidade tende a esconder essa relação. Quando digo “sou brasileiro” parece que estou fazendo referência a uma identidade que se esgota em si mesma. “Sou brasileiro” – ponto. Entretanto, eu só preciso fazer essa afirmação porque existem outros seres humanos que *não* são brasileiros. Em um mundo imaginário totalmente homogêneo, no qual todas as pessoas partilhassem a mesma identidade, as afirmações de identidade não fariam sentido. De certa forma, é exatamente isto que ocorre com nossa identidade de “humanos”. É apenas em circunstâncias muito raras e especiais que precisamos afirmar que “somos humanos” (Silva 2014, p. 74-75).

Então, como é quase impossível falar sobre o outro sem falar de si e vice-versa, nos enunciados analisados, ao falar sobre os estrangeiros, surgem representações sobre si próprios e sobre sua cultura. Pode-se achar as representações de si mesmos nos enunciados redigidos por brasileiros sobre os russos, tomando uns e outros como ponto de referência de seu próprio universo, já que é inevitável avaliar o outro a partir das próprias referências ideológico-culturais.

Seria necessário notar que os enunciados analisados abaixo apontam para imagens que, muitas vezes, constituem verdadeiros estereótipos da sua cultura e da do outro e que, com frequência, são confundidos com as verdades sobre si e sobre o outro.

Quando esse julgamento se consolida e se generaliza, ele se torna o que chamamos tradicionalmente de *estereótipo*, clichê, preconceito. Convém não desprezar os estereótipos; eles são uma necessidade. Eles constituem, em primeiro lugar, uma proteção, uma arma de defesa contra a ameaça representada pelo outro na sua diferença e, além disso, eles nos são úteis para estudar os imaginários dos grupos sociais (CHARAUDEAU 2015, p.19, grifo do autor).

Seguem, então, as representações que foram mais recorrentes nos enunciados gravados durante as entrevistas, seguindo a ordem das perguntas.

Respondendo à primeira pergunta, se foi difícil ou fácil trabalhar com os especialistas russos, os brasileiros, na sua grande maioria, responderam que foi difícil. Dos 13 especialistas brasileiros, 9 pessoas responderam, de forma direta, que foi difícil e 4 pessoas responderam, indiretamente, que foi difícil. Explicando a sua resposta, os participantes argumentaram que a maior dificuldade na convivência foi causada pela diferença cultural e pela barreira linguística.

Neste momento vale registrar que durante o projeto foram contratados tradutores do russo para o inglês, sendo um tradutor por grupo de 15 especialistas russos. A dificuldade linguística no campo de trabalho agravou-se também porque, apesar de a língua inglesa ter sido anunciada como a língua de comunicação entre os participantes do projeto, a grande maioria dos especialistas, russos e brasileiros, não a dominam o suficiente para possibilitar uma comunicação efetiva. Assim, a função comunicativa, tanto nas questões de trabalho quanto pessoais, ficou quase que inteiramente, para o tradutor, que teve, inclusive, que começar a aprender português direto no campo de trabalho para poder responder às necessidades reais de ambos

os lados. Alguns dos enunciados (8), (9) ilustram a situação linguística complicada que virou rotina para muitos especialistas no campo de trabalho.

Enunciado 8:

Eu acho difícil principalmente pela dificuldade de comunicação, a questão de se fazer entender. Mas não por ser russo, mas por ser difícil o entendimento. Muitas vezes você precisa resolver uma coisa rápida e não consegue porque o tradutor não tá perto. Aí, fica tentando com mímica, tentando se entender e nem sempre consegue atingir o objetivo (...). Na época a resposta que nós recebemos é que o inglês era a língua universal da aviação então todos tinham que saber inglês, só que isso não é realidade nossa. Pois o nosso pessoal não tem domínio do inglês e nem o russo. Dificulta bastante (p.1, inf.6, m, br).

Enunciado 9:

Bom, eu achei bastante difícil. Nem todos falam inglês, achei bastante difícil (p.1, inf.3, m, br).

A comunicação entre os grupos foi dificultada pela questão linguística, além de outros fatores. Nos enunciados acima (8), (9), passa-se o discurso do inglês como a língua universal; nos outros enunciados passa-se o discurso do inglês como sendo língua de prestígio e quem o domina são pessoas mais categorizadas. Esse discurso foi recorrente, mas como ele não faz parte do foco desta pesquisa, deixemo-lo como simples apontamento.

Em alguns enunciados (10), (11), (12) foi relatado ser difícil o convívio com o outro-estrangeiro.

Enunciado (10):

Inicialmente foi muito difícil por conta dessa barreira, desse choque cultural. Depois que a gente conhece e entende até mesmo o raciocínio, e acho que foi igual para os russos para com os brasileiros, aí melhorou (p.1, inf.8, m, br).

O informante descreveu a sua experiência como difícil e enfatiza o efeito com o advérbio “muito”; o uso da palavra “barreira” sugeriu que o informante sentiu de forma intensa a diferença cultural entre os grupos. A frase “entende até mesmo o raciocínio” pode mostrar que o jeito de agir dos representantes do grupo dos outros-estrangeiros, em algumas situações, foi bastante estranho para o informante, levando à generalização de que “nós temos esse raciocínio” e “eles têm o outro”. O informante, na tentativa de amenizar o efeito da avaliação negativa da experiência com o

outro, adiciona que, provavelmente, “foi igual para os russos”. No final do enunciado a palavra “melhorou” pressupõe os possíveis não-ditos: deixa a desejar; era ruim; melhorou, mas ainda está ruim; era ruim, mas agora está bom. As frases “choque cultural” ou “barreira cultural” viraram, hoje em dia, quase que expressões idiomáticas, pelas inúmeras repetições na mídia e literatura sobre viagens em guias de viagens. Elas sempre avisam o viajante sobre o perigo do choque cultural que está, necessariamente, esperando por ele no exterior – ou até em outra região do próprio país dele – dando receitas de bom comportamento e dicas de como estranhar menos e se adaptar melhor no encontro com vários estrangeiros. Assim, supõe-se que no enunciado (10) essas frases revelam a presença do discurso da diferença cultural, esperada e até vivida no inconsciente, antecipadamente, seguindo um cenário ideológico de como deveria acontecer o encontro com o outro-estrangeiro de forma harmoniosa e quais etapas deveria ter: estranhar, conhecer, entender, se adaptar, estabelecer um relacionamento melhor.

Enunciado (11):

Foi difícil [...]. E mais a diferença cultural, na parte como trabalhar na manutenção, o russo não gosta de escrever e passa de pai para filho. O velho passa para o mais novo e não escreve, e aqui a gente faz o que tá escrito [...] (p.1, inf.11, m, br).

Mais um informante descreve a sua experiência no projeto como difícil e explica a dificuldade pela diferença cultural. Assim, o informante nomeia a dificuldade técnica na manutenção que, na realidade, ocorreu devido à novidade de equipamento e documentação técnica em inglês em vez de português e que também não era suficientemente detalhada ou adaptada para os técnicos-novatos na manutenção desse equipamento específico. A frase “o russo não gosta de escrever e passa de pai para filho” procura descrever uma situação de campo de trabalho, quando o técnico russo, querendo ajudar a fazer alguma tarefa pouco explicada no livro, estava mostrando para os técnicos brasileiros o jeito de fazer essa tarefa, em vez de pedir oficialmente à fábrica a expansão ou mudanças no manual, como deveria proceder, segundo o informante. Suspeita-se que essa atitude gerou mais confusão do que esclarecimento para o técnico, sendo ele novato nesse equipamento, mas dificilmente pode ser classificado como algo cultural.

Assim, pode-se supor a presença do discurso da diferença cultural nesse enunciado também, pois revela a tendência dos informantes em explicar vários acontecimentos no relacionamento com o outro-estrangeiro pela diferença cultural, como foi no caso do enunciado acima descrito (10). Note-se também o uso da generalização “o russo”, que se refere ao povo inteiro em vez de “o(s) técnico(s) russo(s) com quem eu trabalhei”. Isso também parece bem comum quando se trata de alguma história sobre o estrangeiro. Seria muito estranho, sendo um brasileiro, falar algo sobre o seu vizinho, colega ou amigo, sempre se referindo a ele como “o brasileiro” pois, nesse momento, a pessoa já saberia de qual país era e iria referir-se a ele mais especificamente como, por exemplo, “o vizinho da esquina não pagou a conta” e “o vizinho da frente já pagou todas as contas”. A generalização, muito provavelmente, acontece onde falta o conhecimento sobre o outro; a pessoa procura na sua memória as possíveis explicações, levantando os discursos que circulam sobre o tópico desconhecido, juntando suas experiências pessoais em generalizações.

Enunciado (12):

Eu achei difícil trabalhar com especialistas russos porque eles, eles parecem que gostam dos conflitos. Eles gostam de entrar em conflito com a gente, se acham os professores, e ficam querendo nos ensinar como fazer as tarefas que a gente sabe fazer. E nós somos, nossos técnicos brasileiros são muito bons. E muitas vezes eles fazem besteira, então... Como eles acabam fazendo besteira, e a gente fica, poxa, esse cara aqui se acha. Então, não é fácil trabalhar com os russos (p.1, inf.13, m, br).

O informante brasileiro descreve a sua experiência do encontro com o outro-estrangeiro russo como difícil e “não é fácil” e enfatiza a presença do conflito nesse relacionamento, assim pode-se registrar a presença do discurso subjetivo-afetivo de rejeição. As frases “se acham os professores” e “ficam querendo nos ensinar” abriram espaço para mais uma interpretação da natureza da dificuldade relatada. O dito “nossos técnicos brasileiros são muito bons” conduz a algumas possibilidades de interpretação, tais como: a) quando os outros querem “ensinar”, “se acham os professores”, pode significar para o informante que eles não reconhecem que os “técnicos brasileiros são muito bons”, ou seja, o informante sente que o status “muito bom” do técnico brasileiro está sendo ameaçado por estrangeiros, que “muitas vezes fazem besteira”, “se acham” e por isso não tem legitimidade de “ensinar como fazer as tarefas que a gente sabe fazer”. b) conhecendo o contexto situacional e condições

da produção de tal discurso que afirma que “nós somos muito bons” e, assim, os outros então não são tão bons, pode-se supor, que esse discurso tem como objetivo defender-se e disputar quem – “nós” ou “outros” – iria assumir a responsabilidade por sucessos ou falhas no projeto de trabalho conjunto.

Nesse caso, é bom lembrar o artigo de Charaudeau (2015, p.19), em que fala sobre os movimentos de rejeição e que, “ao julgar o outro negativamente, protegemos nossa identidade, mas também caricaturamos a do outro”. Então, muitas vezes, falando negativamente sobre o outro, o sujeito tem a intenção de defender do seu status ou sua identidade como especialista, brasileiro ou russo, (pois, como se verá, o julgamento acontece vice-versa também).

Explicando as suas respostas e desenvolvendo o tema, os informantes evidenciaram algumas imagens, sobre o outro-estrangeiro, que foram formadas durante o trabalho conjunto e relatadas no início deste capítulo.

Outros enunciados, que além de demonstrar alguns estereótipos típicos sobre si e sobre o outro, evidenciando o discurso publicitário dos estereótipos, revelaram mais faces da dificuldade no encontro com o outro-estrangeiro, relatada por informantes.

Enunciado (13):

Justamente pela diferença de cultura. Uns tem um tipo de educação, outros tem outra educação. Então para gente brasileiro, que é muito extrovertido, brinca muito e os russos já não gostam de brincadeiras, são mais conservadores e às vezes isso acaba atrapalhando o ambiente de contato entre os dois né (p.1, inf.7, m, br.).

Muito já se falou sobre o discurso-generalizador que se pronuncia frequentemente sobre o povo do Brasil que, se você é brasileiro, tem que ser “extrovertido”, e se você é do outro país “frio”, você deve ser “frio” também. Tal exemplo pode ser visto nos enunciados do corpo deste trabalho e também nos outros trabalhos consultados. Do trabalho de Coracini (2013, p. 71), no artigo sobre a constituição da identidade do brasileiro, obteve-se um exemplo nos textos analisados onde diz que “O brasileiro gosta de se imaginar cordial, camarada, emotivo. Quando está no exterior, reclama da “frieza” do americano e do europeu”. Explicando a dificuldade na relação com o outro-estrangeiro, o sujeito escolhe apoiar a sua argumentação num “fato conhecido”, ou seja, em um estereótipo bem conhecido sobre o povo brasileiro e sobre

outros povos estrangeiros, para atingir um certo efeito de veracidade da sua conclusão, de que é a atitude do outro que “acaba atrapalhando o ambiente de contato entre os dois”. No enunciado pode-se ver também uma outra generalização, a de que “os russos já não gostam de brincadeiras, são mais conservadores”, que foi utilizada em oposição a “gente brasileiro, que é muito extrovertido, brinca muito”, o que mais uma vez mostrou que, no discurso sobre o outro, é bem comum utilizar a tal visão binária, apresentada no capítulo 1, onde uns são “certos” e outros “errados”, “bons” e “maus”, etc.

Enunciado (14)

É o temperamento diferente. Eu entendo que isso é cultural. [...] o jeito as vezes de falar alto, gritar, como se tivesse brigando. Aqui no Brasil se discutir e falar alto fica um problema. Mas eu vejo isso como uma questão cultural (p.1, inf. 12, m., br.).

O enunciado (14) foi apresentado como meramente ilustrativo, porém curioso, onde o informante brasileiro descreve a sua observação sobre o jeito de comunicação interpessoal no grupo dos estrangeiros, que se comunicam “como se tivesse brigando”, e compara com a sua experiência social brasileira, onde, segundo ele, “se discutir e falar alto fica um problema”. Pode-se acrescentar que foram vários os informantes que relataram observações parecidas, seguidas das hipóteses deles de que isso acontece devido à cultura de comunicação diferente ou devido à questão fonética da língua russa, que alguns informantes compararam com a língua alemã, ou fonética da oralidade em geral, mímica diferente durante a comunicação, etc.

Enunciado (15):

E é diferente de nós que viemos de uma cultura mais americanizada, americano escreve tudo. Então a gente veio do americano, a nossa cultura toda desse lado aqui veio da cultura americana, a gente gosta de escrever e o russo não gosta. E isso foi o que me incomodou mais um pouco, um jeito russo de fazer as coisas que eu acho que é um jeito não tão certinho de fazer as coisas. É sem exatidão, é um negócio mais pelo jeito russo de fazer as coisas, tipo coisa que dura mais, na verdade que vem do comunismo, você pega uma jaqueta de couro do russo, que dura 100 anos e uma jaqueta americana não dura nem 10. É uma coisa que vem lá de trás da União Soviética, do comunismo (p.1, inf. 11, m., br., grifo nosso).

No enunciado (15) acima pode-se observar uma oposição estereotipada: dos EUA com a sua cultura americana¹⁴ e da União Soviética com seu jeito russo que vem do comunismo. Acredita-se que esse discurso de competição entre a União Soviética e os EUA tem suas raízes fortes na história da guerra fria, com sua famosa corrida de armamentos, e a corrida espacial. E também em uma guerra ideológica, que foi ricamente representada pela *mass mídia* ocidental no Brasil, criando vários estereótipos sobre os povos da União Soviética, às vezes generalizados como os “russos”, os “comunistas”, os “vermelhos”, etc. A *mass mídia* ocidental, ou seja, filmes, músicas ou artigos midiáticos, também serviu para propagar certos estereótipos sobre os moradores da ex-União Soviética. E, hoje em dia, o estrangeiro-russo, sempre “paga”, metaforicamente falando, seja no contexto positivo ou negativo, por esse discurso publicitário, não importando se ele for pessoa que se interessa ou não por tais ideias políticas ou se sequer presenciou os eventos memorizados pela comunidade mundial. Percebeu-se claramente o tom de prestígio na frase “cultura americana”, em comparação com a frase, menos prestigiosa, “jeito russo que vem do comunismo”. Não é segredo que os EUA possuem certa superioridade econômica e tecnológica o que, muitas vezes parece funcionar como argumento de autoridade nas outras questões. Supõe-se que, neste caso, a identificação ou vinculação da identidade do seu povo e da sua cultura com a cultura americana faz o informante se sentir mais prestigioso. Esse acontecimento não é nada raro, já que o sujeito é “fruto de múltiplas identificações – imaginárias e/ou simbólicas – com traços do outro que, como fios se tecem e se entrecruzam para formar outros fios, vão se entrelaçando e construindo a rede complexa e híbrida do inconsciente” (CORACINI 2013, p.61). O sujeito enunciatador, ou seja, informante, é um sujeito social e sua subjetividade (como o indivíduo qualifica o mundo e se apropria nele) é, primeiramente, social e é sempre atravessada por discursos ideológicos que circulam na sociedade.

Respondendo à segunda pergunta da entrevista – se os especialistas russos pareciam abertos ou fechados na comunicação – os informantes brasileiros na sua maioria relataram de forma direta que os russos pareciam fechados para comunicação com o outro-estrangeiro. Explicando suas respostas e desenvolvendo o tema, os informantes evidenciaram algumas imagens sobre o outro-estrangeiro russo, que foram formadas durante o trabalho conjunto e relatadas no início deste capítulo.

¹⁴ Utilizando a frase “Cultura americana” nesse enunciado, o entrevistado quer dizer, “cultura dos EUA” (observação nossa).

Observe-se a descrição e análise dessas imagens.

Enunciado (16):

Em termos são fechados sim, alguns. Mas tiveram alguns, que se tivesse como eu falar os nomes aqui, mas não é bom. Mas, por exemplo, de 16, uns 3 são abertos à conversa, não são só limitados ao “Dobre utre”¹⁵ por exemplo. Entendeu (p.2, inf. 1, m., br.).

No enunciado acima (16) o informante mostrou seu parâmetro de avaliação, em que as pessoas pareciam abertas ou fechadas. Então, pode-se supor, que a comunicação formal de “bom dia” – entre outras formas de comunicação formal no trabalho – não satisfaz as necessidades comunicativas do informante para poder avaliar o outro-estrangeiro como “aberto”, ou seja, sem a conversa mais calorosa e menos formal, o informante brasileiro não se sente cem por cento confortável no relacionamento com o outro-estrangeiro, a quem ele gostaria de conhecer, tanto pessoal quanto profissionalmente. Será que esse enunciado (16) poderia ser considerado uma das evidências da tal diferença cultural, relatada mais de uma vez pelos informantes? Analisem-se outros enunciados para achar outras respostas.

Enunciado (17):

Creio que são fechados. Eles ficam meio com o pé atrás, desconfiados (p.2, inf. 2, m., br.).

Enunciado (18):

Acho que no geral eles são fechados. O brasileiro que é muito extrovertido (p.2, inf. 4, m., br.).

No enunciado (18) o informante evidencia que o russo é “fechado” em comparação com o brasileiro “muito extrovertido”. Nesse jogo dos discursos estereotipados sobre os russos e sobre si mesmo, o informante se identifica e fixa a sua própria identidade, a partir de oposição com a imagem que cria do outro. Analisando os enunciados, considerou-se relevante citar o autor do livro “Os russos”, Angelo Segrillo¹⁶ (2012), onde ele toca no assunto de os russos serem “introvertidos” e também

¹⁵ “*Dobroe utro*” em russo significa “bom dia” (obs. nossa).

¹⁶ Professor Doutor, de História Contemporânea, no Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Especialista em história da Rússia e ex-URSS eurásiana, autor de diversos livros e artigos sobre a história da Rússia.

menção a diferença cultural como a causa de estranhamento entre russos e brasileiros:

A primeira característica – introvertidos – foi citada por brasileiros, mas não pelos alunos europeus, por exemplo. Talvez simbolize um pouco da diferença da cultura brasileira e russa. Os brasileiros (e quanto mais para o Norte do Brasil mais essa característica vai se acentuando) costumam ser bastante expansivos e comunicativos. Um carioca, acostumado no Rio de Janeiro a falar e ter contato fácil com estranhos na rua, em Moscou achará o russo fechado ao primeiro encontro, pois os contatos com estranhos não aconteçam tão facilmente assim. Em geral, os russos são aceitos no grupo ao serem introduzidos por terceiros conhecidos comuns. Mas, uma vez que os russos consideram uma pessoa amiga, tornam-se amigos muito confiáveis (SEGRILLO 2012, p. 16-18).

Enunciado (19):

A maioria fechados. Bom, seria que são muito fechados, um país bem rústico. Mas depois que você conhece, e vê tudo que passaram na guerra, toda essa riqueza cultural do povo russo, aí você acaba entendendo o sofrimento que passaram. Assim como no Brasil, também tem muito sofrimento, pobreza. E a gente fez o curso no interior lá na Rússia, e a gente percebe que as mesmas carências que o Brasil tem a gente percebe que lá tem. A gente acaba entendendo que essa rigidez, esse posicionamento mais fechado seja por conta disso, as guerras, conflitos (p.2, inf. 8, m., br.).

Neste enunciado (19), presencia-se o discurso recorrente e já mencionado neste trabalho, o discurso publicitário dos estereótipos de que a Rússia é um “país rústico” com pessoas “rústicas”, ou seja, soviético ou país do passado, aquele país que perdeu a competição com os EUA. Além disso, pode-se presenciar mais uma vez a tentativa de identificar o outro a partir da comparação consigo mesmo, comparando as “carências que o Brasil tem” com as carências que “lá tem”. Também nesse enunciado (19), o informante está evidenciando um discurso popular no Brasil de que “tudo o que é estrangeiro (americano e europeu) é melhor” (Coracini, 2013, p. 72) em acordo com o caráter positivo do imaginário do brasileiro com relação ao estrangeiro específico, mas como a Rússia não é nem Europa, nem EUA, é um país estrangeiro que não tem o mesmo valor imaginário, ou seja, pode ser visto sem idealização.

Enunciado (20):

Os russos são bastante fechados, né. Eles não gostam de conversar com as pessoas. No geral, assim, eles são bastante fechados. Eles não gostam de conversar com as pessoas e fazer amizades. Isso não é muito bom. Eles são um povo frio, porque o país deles é frio também (p.2, inf. 13, m., br.).

Nesse enunciado (20) observe-se o discurso generalizador – “eles não gostam de conversar com as pessoas e fazer amizades”; o discurso subjetivo-afetivo de rejeição – “isso não é muito bom”; “eles são um povo frio”; e o discurso dos estereótipos – “povo frio, porque o país deles é frio”.

A terceira pergunta teve como objetivo saber quais características do comportamento ou cultura dos russos, segundo os informantes brasileiros, foram percebidas como positivas. As imagens mais recorrentes, relatadas como positivas, foram as imagens do outro-estrangeiro russo como “determinado”, “esforçado”, “guerreiro”, “patriótico”, “com independência cultural bem própria”.

A seguir, os enunciados onde encontram-se as imagens relatadas acima, com o propósito de ilustrar essas imagens e rastrear os principais discursos nas falas dos informantes.

Enunciado (21):

A determinação. Em tudo que eles fazem, eles têm um comprometimento com o que eles fazem, e eles fazem e não passam para ninguém, assim eu não posso passar o que faço aqui porque é o meu trabalho e eu só vou passar o necessário, e outra, determinação no trabalho. Quando eles colocam aquelas bandanas, aquela faixa na cabeça, sabe que vira um super-herói e vão fazer tudo. E tirei isso, quando eu fiz uma visita ao museu da guerra, da vitória lá (p.3, inf. 1, m., br.).

Enunciado (22):

Imagino que assim...em descobrir e ir atrás do problema e ir até o final para resolver. É uma cultura diferente. Nós vivemos em paz, mas os russos já viveram em muitas guerras talvez e isso demonstra um empenho maior por ter vivido por tropas de guerra, mas como o Brasil tá em paz, talvez isso influencie uma característica do brasileiro, pacífico (p.3, inf. 2, m., br.).

Nos enunciados (21) e (22), observa-se a vinculação pelos informantes do fato dos povos da Rússia terem vivido várias guerras na sua história – que se reflete muito em representações culturais do país, tais como museus e monumentos, entre outras – para a produção da imagem ou características imaginárias das pessoas que vivem na Rússia. Então, as imagens do “russo guerreiro”, “super-herói”, “determinado” avaliadas como positivas, foram bastante recorrentes nos enunciados analisados. Considerou-se relevante observar que tais imagens têm sua fonte no discurso do “povo vitorioso” ou “povo guerreiro”, com o qual os informantes entraram em con-

tato durante a sua estadia na Rússia pois, de fato, na Rússia existem muitos memoriais, museus e parques com a temática da Vitória na Guerra Patriótica (II Guerra Mundial). São organizados vários eventos e comemoradas as datas que prestigiam e saúdam as forças armadas do país e os cidadãos são incentivados a sentirem amor e orgulho da Pátria e respeito à história da Segunda Guerra Mundial.

Sem uma análise profunda, porém por experiência própria, suponho que a ideologia de que os russos são um povo forte, povo vitorioso, povo especial que sobrevive às dificuldades e é capaz de vencer qualquer inimigo, existe no discurso que circula na Rússia e que se manifesta através das datas comemorativas, paradas militares, aulas da história, literatura, museus, memoriais, parques, etc. Esse discurso ideológico, entre outros, constitui a identidade do cidadão russo que, mesmo nunca tendo participado nos eventos da guerra, se associa e se apropria com as representações criadas a partir de tais eventos.

Especialmente hoje em dia, em que parece que as representações da Rússia na mídia ocidental¹⁷ procuram deteriorar a imagem positiva do país e seus habitantes, o povo russo tem a tendência de achar apoio para a sua identificação positiva. Lembrando Woodward (2014, p. 15), “os movimentos étnicos ou religiosos ou nacionalistas frequentemente reivindicam uma cultura ou uma história comum como o fundamento de sua identidade”. A identificação de si próprio como membro do “povo vitorioso” na história e com os discursos sobre o seu “passado glorioso”, tais como a comemoração grandiosa do dia da Vitória na Segunda Guerra Mundial, ou Guerra Patriótica como passou a ser chamada na Rússia. Também na sua representação na ciência, literatura e artes no que muitos russos consideram serem “especiais e gloriosos” e que têm uma representação forte na vida cotidiana dos moradores do país, pois existem datas ou semanas comemorativas organizadas nas escolas, universidades e empresas, *banners* nas ruas e no transporte público, programas na TV e festas organizadas para os jovens nos parques e praças públicas. Supõe-se que tais atividades disseminam nas massas o discurso de que a Rússia é um país glorioso, amado e forte em todos os aspectos, independente de todos os possíveis problemas econômicos ou sociais, ou seja, ainda que se percebam as falhas, o dis-

¹⁷ O assunto sobre as representações da Rússia na mídia ocidental foi analisado no nosso artigo “Discurso sobre a Rússia nos títulos da Agência de Notícias Internacionais Thomson Reuters”, apresentado no IV Simpósio Nacional do Discurso, Identidade e Sociedade (SIDIS) em Fortaleza, 2015.

curso promovido pelos aparelhos de poder ideológico na Rússia têm o objetivo de mostrar que as qualidades se sobressaem.

Esse discurso do “povo guerreiro”, “patriótico”, “com a cultura bem própria” atravessa o imaginário dos sujeitos que entram em contato direto com os russos ou visitam o país por um longo prazo. No caso dos informantes, eles fizeram o curso na base aérea da cidade russa Torzhok, por seis meses. Aqui mais alguns enunciados, que exibem o atravessamento discursivo dos informantes em relação ao assunto do caráter “guerreiro” dos russos.

Enunciado (23):

Patriotismo. Muito bonito a história, os museus, muito amor à pátria mesmo. De realmente acreditar nas coisas russas, os russos realmente acreditam naquilo que eles fazem (p.3, inf. 6, m., br.).

Enunciado (24):

A Rússia é um país com muita guerra. Eles sempre estão em guerra com muita gente, todos os vizinhos aí praticamente, inclusive sei lá. Então, eles são povo que eles gostam de arma, de armamento. Um povo muito guerreiro. Eu acho uma qualidade, um povo guerreiro que não nega uma briga. Esse é o ponto que acho do caráter nacional russo positivo. E eles levam isso para outras coisas também. Se eles têm que fazer um negócio, eles vão se matar mas vão fazer. Em relação de manutenção de helicóptero é isso – eles quase morrem lá pra fazer. Eu acho que até morrem mesmo, é do caráter deles, ser guerreiro [...] (p.3, inf. 13, m., br.).

Observe-se os enunciados onde os informantes relatam a imagem do “russo patriótico” e “com a cultura bem própria”.

Enunciado (25):

Admiro muito assim o nacionalismo russo, eu entendo bem assim essa força que vocês tiram do país de vocês. Admiro muito essa independência, construir avião, helicóptero, e a Rússia fechada conseguiu desenvolver bastante coisa, não só a parte bélica, mas a parte da cultura da música, culinária típica. Admiro bastante a independência cultural, bem diferente, bem própria do russo (p.3, inf. 8, m., br.).

Enunciado (26):

Defender com afinco a sua cultura, depois que passa a ser amigo é amigo, a beleza de trabalhar que eu gostei (p.3, inf. 9, m., br.).

Enunciado (27):

Patriotismo. É muito sério. Eles levam bastante a sério. Achei principal esse (p.3, inf. 4, m., br.).

A próxima pergunta, a quarta, buscou saber quais foram as características no comportamento dos colegas russos que mais incomodaram os informantes nesse relacionamento e que foram avaliadas como características negativas dos russos em geral. Percebe-se que respondendo a esse tipo de pergunta, sobre características tanto positivas quanto negativas, os informantes, na maioria dos casos, generalizaram todos os russos ou utilizaram os estereótipos mais propagados sobre a Rússia para apoiar a avaliação. De fato, parece impossível escapar disso, já que vive-se no mundo das altas tecnologias que permitem fácil acesso às informações e notícias sobre qualquer país do mundo. Essas notícias que contam as histórias e acontecimentos no outro país e, especialmente, as informações turísticas, sempre contêm o discurso publicitário dos estereótipos e generalizações sobre o país em foco.

As imagens mais recorrentes relatadas como negativas, foram as imagens do outro-estrangeiro russo como “frio e fechado”, “muito direto e rude”, “orgulhoso”, “agressivo”, “parecido com brasileiro porque costuma dar “jeitinho””. Observe-se os exemplos nos enunciados.

Enunciado (28):

A introspectividade. Fechados, na maioria. Nós somos conhecidos mundialmente como simpáticos, essas coisas. A gente vai falar com o sorriso, e eles só fazem um gesto e tá bom. Entendeu (p. 4, inf. 1, m., br.).

Entre as outras dificuldades de relacionamento entre os colegas russos e brasileiros, as características do russo sendo “fechado”, “direto” e “rude”, foram as mais recorrentes nos enunciados analisados.

Então parou-se para analisar – a partir desse enunciado (28) e dos vários outros (12), (13), (14), (16), (17), (19), (20) – o que significa ser fechado ou aberto, amigável ou rude, para os informantes brasileiros. Falar com sorriso, fazer brincadeiras mesmo nos momentos difíceis no trabalho, dar uma resposta positiva para o “bom dia” mesmo se o seu dia está um pouco difícil, não se limitar à conversa sobre os assuntos de serviço, essas são as características que, segundo os informantes

brasileiros, fazem as pessoas do Brasil serem “conhecidos mundialmente como simpáticos”.

Supõe-se que aconteceu a comparação de si com o outro do jeito binário, das oposições do “eu” com o “outro”, numa identificação nacional do “eu” simpático em oposição ao outro-estrangeiro não simpático, já que necessitou-se enfatizar que o outro é diferente de “nós para confirmar a própria identidade.

Muito frequentemente, elas (identidades) estão baseadas em uma dicotomia do tipo “nós e eles”. A marcação da diferença é crucial no processo de construção das posições de identidade. A diferença é reproduzida por meio de sistemas simbólicos [...]. A antropóloga Mary Douglas argumenta que a marcação da diferença é a base da cultura porque as coisas – e as pessoas ganham sentido por meio da atribuição de diferentes posições em um *sistema classificatório* (WOODWARD, 2014, p. 40, grifos da autora).

Então, dar respostas curtas ou diretas, falar alto, deixar de participar nos eventos onde foram convidados, os gestos e tom de voz que parecem ser agressivos para os informantes brasileiros, responder que o seu dia não está bom, mostrar seu orgulho, foram as observações dos informantes para definir o jeito “fechado”, “frio” e “não amigável” do outro-estrangeiro-russo.

Enunciado (29):

Eu acho que muito, essa parte que comentei, ser muito direto às vezes, e para o brasileiro soa meio que grosso, respostas curtas, às vezes, e que nos parece uma má vontade de nos ajudar e às vezes não é, às vezes é só o jeito do comportamento mesmo. Pedir ajuda e receber uma resposta curta já finalizando o assunto, sabe. Isso aí muitas vezes acho que mais surpreende, mas foi diferente, mas foi melhorando também (p. 4, inf. 6, m., br).

Enunciado (30):

Fechados, por exemplo tem me preocupado muito os eventos do esquadrão, para que eles se aproximem mais e isso realmente melhora e muitas vezes eu convido, e eles não querem participar e isso é uma barreira, e se fosse a gente ser convidados na Rússia, com certeza a gente ia. Falta um pouco de interesse dos russos de se aproximar. O brasileiro é muito diferente, é churrasco com todo mundo junto, festa em casa para todo mundo (p.4, inf. 6, m., br.).

Enunciado (31):

E como eu já ti falei o que é dificuldade numa forma geral, como se fosse 60 a 70% dos russos são rudes, acho que é a cultura deles, serem um pouco mais frio, porque a gente é muito brincalhão. Até coisa ruim que acontece com a gente, a gente brinca com a gente mesmo (p. 4, inf. 7, m., br.)

Os “conflitos surgem das tensões entre as expectativas e as normas sociais” (Woodward, 2014, p. 33) então, se em certa sociedade está sendo esperado um sorriso ou abraço nos encontros para mostrar a sua atitude amigável e respeitosa, o outro-estrangeiro que, recorrentemente, falha em seguir essas normas, vai ter a sua imagem construída no imaginário do povo local como estranho, desviante, errado, pois sempre onde tem a dicotomia de “eu” e o “outro”, um dos elementos é sempre mais valorizado que o outro. Toda sociedade ou “campo cultural tem seus controles e suas expectativas, bem como seu imaginário; isto é, suas promessas de prazer e realização” (Woodward, 2014, p. 33).

Nas respostas sobre as características positivas que constituíram a imagem do outro-estrangeiro russo, o “patriotismo”, o “orgulho do seu país”, a sua “cultura independente e bem própria”, o jeito “guerreiro” – foram relatados como admiráveis. Nas respostas sobre as características negativas a “falta de humildade”, “fechado, quer manter a sua cultura tradicional”, “agressividade” foram relatadas como erradas e más. Ou seja, as características se espelharam como boas ou más, dependendo do contexto da pergunta:

- ✓ patriotismo, orgulho do seu país ↔ falta de humildade, orgulho
- ✓ cultura independente e bem própria ↔ fechado, quer manter a sua cultura tradicional
- ✓ guerreiro ↔ agressivo

Junto com Coracini (2013, p. 10) pode-se perguntar: “Como se vê o brasileiro na sua relação com o estrangeiro que admira e rejeita a um só tempo?” Supõe-se que a conclusão, nesse caso confuso entre a admiração e rejeição, seria que o comportamento social dos colegas russos e brasileiros, de fato, era diferente em algumas situações de comunicação e foi avaliado pelos informantes de forma contraditória, onde o discurso de admiração e rejeição se inter cruzaram de modo conflituoso e heterogêneo.

A quinta pergunta teve por objetivo convidar os entrevistados para resumir a sua experiência do encontro com o outro-estrangeiro, avaliar positivamente ou negativamente e explicar a sua resposta. Nas respostas para a última pergunta procurou-se discursos e imagens que os informantes consideraram como conclusão da situação geral. Acreditou-se que durante a entrevista completa, nas 20 perguntas, os informantes ficaram figurativamente falando, bem confortáveis para expor, de forma

mais sincera e verdadeira, as suas opiniões e impressões sobre os seus colegas estrangeiros, bem como sobre a sua experiência de conviver e trabalhar junto com o outro-estrangeiro.

Dos 13 (treze) participantes brasileiros da pesquisa, 6 (seis) avaliaram o relacionamento entre eles e os colegas russos no referido projeto como um sucesso, 2 (dois) opinaram que esse relacionamento não deu certo e 5 (cinco) relataram que houve sucesso, mas que este sucesso demandou tempo e esforço, ou seja, em alguns pontos sucesso e, em outros, fracasso.

Observe os exemplos nos enunciados.

Enunciado (32):

Imagino que tá no caminho...no começo foi difícil, mas a gente aprendeu como tratar eles, e eles aprenderam a tratar a gente. Imagino que agora tá melhorando (p.5, inf. 2, m., br.)

Enunciado (33):

Inicialmente eu achei que não fosse dar certo, por conta desse choque cultural, achei que fosse muito difícil da gente chegar num denominador comum, achei muito inicialmente eles com o pé atrás, parecia que eles não queriam mostrar o caminho correto. Assim como resolver qual pane, qual problema. Todo grupo tinha um líder, então tinha líder que ajudava e falava o problema, e outro não. Poderia ter desenvolvido um projeto melhor se a relação fosse melhor.

Enunciado (34):

Eu acho que em alguns pontos sucesso, em alguns fracasso. [...]. Se analisar bem relacionamento, é sucesso, com muito esforço, mas é sucesso, em relação do helicóptero e em relação as pessoas que estão trabalhando dia-dia. Porque o russo é com relação a todas as, como já expliquei, aqui essa questão da dificuldade da língua, dificuldade da diferença de cultura, as diferenças de aproximação de trabalho, o russo tem o jeito dele de fazer as coisas, que é diferente de um dos brasileiros (p.5, inf.13, m., br.).

Nesses enunciados (32, 33, 34), os informantes chegaram à conclusão que tiveram certa dificuldade no relacionamento com o outro-estrangeiro no campo do trabalho mas que essas dificuldades estavam sendo superadas ou foram superadas “com muito esforço” onde “a gente aprendeu como tratar eles, e eles aprenderam a tratar a gente”.

Enunciado (35):

Eu acho um sucesso. A gente aprendeu bastante também (p.5, inf. 4, m., br.).

Enunciado (36):

Eu acho que a gente conseguiu muita coisa nesses cinco anos e acho que com todos os obstáculos, a gente conseguiu fazer 12 não, 11 máquinas, 12 máquinas. E nesse mesmo na empurra, empurra de situações que a gente mesmo já passou, é um sucesso, não tenho dúvidas (p. 5, inf. 1, m., br.)

Enunciado (37):

Diria que sucesso, a gente aprendeu muito com eles, e eles muito com a gente também, a reciprocidade de aprendizado tanto cultural como do trabalho. Eles aprenderam também muito com a gente, mas eles não dão o braço a torcer né, você sabe como é. (p. 5, inf. 7, m., br.).

Nos enunciados acima (35, 36, 37), os informantes avaliam de forma positiva a sua experiência de relacionamento, aliás, todos apontaram a necessidade de aprender a lidar com o outro-estrangeiro e vice-versa.

Enunciado (38):

Posso dizer que foi fracasso, e nós estamos nos virando para conseguir que funcione, mas poderia ser muito melhor, mas tá acontecendo, tá funcionando (p. 5, inf. 6, m., br.).

Enunciado (39):

Então provavelmente a minha resposta e da maioria seria fracasso [...]. Às vezes você passa [...] e fala: “Tudo bem?” E ele diz: “Não” - “Bom dia!” E ele: “Não, meu dia não tá bom”. Porque sou brasileiro, e aqui quando algo não tá bom, não quer dizer que meu dia não tá bom, ninguém morreu, tenho saúde e não tem nada de errado. [...] (p. 5, inf. 10, m., br.).

Nos enunciados (38) e (39) os informantes relataram o relacionamento com o outro-estrangeiro como um fracasso. O enunciado (39) ilustra de forma expressiva a falha na comunicação entre o informante local e o estrangeiro. Como já foi apontado anteriormente nesse capítulo, os parâmetros entre ser simpático ou não, as normas de comunicação social, podem ser diferentes para os representantes das sociedades com culturas de comunicação diferentes.

Para as normas sociais russas – sendo russa posso afirmar com segurança – ser simpático realmente não inclui a resposta obrigatória “está tudo bem”, entre outras parecidas, se você não se sente bem por algum motivo. Ou seja, as pessoas não consideram estranha ou mal-educada a resposta “o meu dia não tá bom” e, ao contrário, podem levar isso como mostra de sinceridade ou até senso de humor. Também podemos adicionar situação semelhante que presenciamos ocasionalmente: no caso da frase comum no Brasil “Tudo bem?”, que às vezes substitui o “bom dia” e não faz sentido semântico na língua ou cultura comunicativa russa. Ainda pronunciada com a entonação da pergunta e construção frasal como se fosse pergunta, a frase gera uma confusão semântica para os russos que não conseguem entender ou não conseguem aceitar o sentido de “bom dia” nessa frase, e relatam ser estranho – e até errado – serem perguntados se está tudo bem sem expectativa de resposta objetiva, se realmente está tudo bem ou não com a pessoa. Outra questão relatada pelos informantes brasileiros como problemática, foi o costume do sorriso ser sinal de simpatia e educação. Na cultura comunicativa russa a falta de sorriso não significa falta de simpatia pela pessoa, especialmente entre os homens.

Pode-se concluir, no caso desta pesquisa, que o encontro com o outro-estrangeiro não pode ser totalmente harmonioso devido a várias razões. Geralmente vai existir a distinção, visível ou invisível, entre “nós” e “outros”, fazendo possível o surgimento de atrito ou resistência devido, entre outras possíveis razões, à questão de estabelecimento de relações de poder entre os grupos. Deve ser por isso que o relacionamento com o outro-estrangeiro leva um tempo para se estabelecer e ficar mais tranquilo, como observaram vários informantes, com o enunciado (40) como exemplo:

Enunciado (40):

Acho que foi fases, que já teve fase ruim e hoje é tranquilo (p.5, inf. 11, m., br.).

Aquele tempo parece necessário para as relações de poder se estabelecerem um pouco entre os “nós” e “eles”. Como diz Bauman ([1925] 2012, p. 240, *aspas do autor*), “nós” entendemos uns aos outros, temos os mesmos sentimentos e pensamentos, enquanto “eles” são impenetráveis, incompreensíveis, sinistros”. Ou seja,

“a ofensa do estranho consiste no fato de ele “não compartilhar ... pressupostos básicos [e] ter de colocar em questão quase todo que parece inquestionável para os membros do grupo considerado”” (Nijhoff, 1967, p. 95-96, ibid. Bauman, [1925] 2012, p. 244, aspas do autor).

3.2 imagens sobre o outro-estrangeiro brasileiro

Ao analisar-se os enunciados das imagens que os especialistas russos formaram a respeito do colega outro-estrangeiro brasileiro, obteve-se os seguintes resultados:

- a) o brasileiro é aberto para a comunicação;
- b) o brasileiro é amigável;
- c) o brasileiro é alegre e emocional;
- d) o brasileiro não tem preconceito;
- e) o brasileiro tem loucura por futebol;
- f) o brasileiro é preguiçoso;
- g) nem sempre o brasileiro cumpre suas promessas;
- h) o brasileiro conversa e discute muito;
- i) o brasileiro é verbalista no trabalho – segue só o que está escrito e nada mais, nada menos;
- j) o brasileiro não é pontual;
- k) o trabalho com o brasileiro é cansativo;
- l) o trabalho com o brasileiro é fácil;
- m) o projeto com os brasileiros é um sucesso.

As imagens relatadas foram formadas pelos informantes russos sobre seus colegas brasileiros. Analise-se agora os discursos produzidos a partir do encontro dos especialistas russos com o outro-estrangeiro brasileiro. O objetivo é observar os discursos pronunciados, procurando entender a partir de quais discursos foram formados os sentidos dos enunciados.

Mais uma vez é preciso lembrar que, conforme Orlandi (1999), tudo o que já foi dito sobre o assunto (no caso desta pesquisa, a imagem do estrangeiro russo ou brasileiro), está significando nos discursos dos participantes da pesquisa. Todos os sentidos já ditos têm efeito sobre o que foi dito pelos informantes.

Observe-se os atravessamentos discursivos e as imagens que a eles correspondem:

- a) Discurso publicitário dos estereótipos:
 - o brasileiro é aberto para a comunicação;
 - o brasileiro é sempre alegre e emocional;
 - o brasileiro tem loucura por futebol.
- c) Discurso subjetivo-afetivo de avaliação negativa e generalização:
 - o brasileiro é preguiçoso;
 - o brasileiro é verbalista no trabalho – segue só o que está escrito e nada mais, nada menos;
 - o brasileiro não é pontual.
- d) Discurso subjetivo-afetivo de aprovação:
 - trabalhar com o brasileiro é fácil;
 - o brasileiro é amigável.
- e) Discurso do preconceito – avaliação negativa do comportamento do outro-estrangeiro que pode estar vinculada à visão de outra cultura:
 - nem sempre o brasileiro cumpre as suas promessas;
 - o brasileiro conversa e discute muito.
- f) Discurso do preconceito por si, por sua própria cultura, projetado na visão do outro:
 - o brasileiro não tem preconceitos quando comparado ao russo;
 - o brasileiro é muito mais tranquilo; o russo é sempre tenso.
- g) Discurso de avaliação:
 - trabalhar com o brasileiro é cansativo;
 - o projeto com os brasileiros é um sucesso.

Ao começar a análise dos enunciados, lembre-se que, segundo Orlandi (1999, p.32), “o fato de que há um já dito que sustenta a possibilidade mesma de todo dizer, é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso, a sua relação com os sujeitos e com a ideologia”. Essa relação com outros discursos diz respeito ao interdiscurso, em que tudo o que já foi dito sobre o assunto (no caso desta pesquisa, a imagem do estrangeiro russo ou brasileiro) está, de certo modo, significando nos discursos dos participantes da pesquisa. Todos os sentidos já ditos, principalmente pelo discurso coletivo, têm efeito sobre o que esses especialistas dizem.

Observe-se as representações que foram mais recorrentes nos enunciados gravados durante as entrevistas, seguindo a ordem das perguntas.

Respondendo à primeira pergunta, se foi difícil ou fácil trabalhar com os especialistas brasileiros, os informantes russos, na sua grande maioria, responderam que foi fácil. Dos 13 (treze) especialistas russos, 9 (nove) pessoas responderam de forma direta que foi fácil, 3 (três) pessoas responderam que não foi sempre fácil, e 1 (uma) pessoa não soube responder. Os entrevistados que responderam que não foi fácil, explicaram a sua resposta pelo período de adaptação necessário e pela barreira linguística. Pode-se observar que, nessa mesma pergunta, a maioria dos informantes brasileiros relatou que para eles foi difícil trabalhar com os especialistas russos, ou seja, a imagem do encontro com o outro-estrangeiro foi diferente entre os grupos: para uns pareceu fácil e, para outros, difícil.

Estes são alguns dos enunciados em que foi relatado como foi fácil o convívio com o outro-estrangeiro.

Enunciado (41):

É muito fácil trabalhar com eles (p.1, inf. 2, f., rus., tradução nossa).

Enunciado (42):

Sim, para mim foi fácil trabalhar com eles. Mesmo que os brasileiros, por sua natureza, não sejam pontuais; mas isso não é problema, porque num certo ponto somos parecidos mas em outros pontos os brasileiros são uma nação com a qual é um prazer trabalhar (p.1, inf. 7, f., rus., tradução nossa).¹⁸

Nesses enunciados (41, 42), os informantes relataram que foi fácil trabalhar com os colegas brasileiros. Utilização do advérbio “muito” e a frase “um prazer de trabalhar” indica a sinceridade e desejo do informante de intensificar, confirmar a sua avaliação positiva de contato com o outro-estrangeiro brasileiro. Mesmo relatando algum estranhamento porque os “brasileiros por sua natureza não são pontuais”, o informante se corrige ao dizer que “isso não é problema” e adicionar que “num certo

¹⁸ Да, мне легко с ними работать. Даже если бразильцы, они в принципе по натуре своей не пунктуальны, но это не является проблемой, потому что в каком-то смысле мы в этом плане с ними похожи, но в остальном в принципе бразильцы именно та нация, с которой приятно работать (p.1, inf. 2, f., rus).

ponto somos parecidos”, terminando a sua resposta com a conclusão positiva intensa. Observa-se no enunciado (42) o discurso subjetivo-afetivo de generalização e estereótipo sobre a falta de pontualidade, já que o informante utilizou a frase “por sua natureza não são pontuais”, generalizando, então, todos os brasileiros. O discurso sobre a tal falta de pontualidade no Brasil e na outra parte da América Latina entra na mente do estrangeiro muito antes dele vir para o Brasil: já na mídia voltada para o turismo não é raro encontrar tal representação do brasileiro. Como mencionado anteriormente, as pessoas tendem a reproduzir nas suas falas os discursos que circulam no seu campo informacional.

Enunciado (43):

Inicialmente era complicado. Quando você não tem possibilidade de falar, se comunicar na mesma língua é complicado. Especialmente quando você encontra uma língua diferente do que você esperava por conta que eles sempre estavam nos preparando em falar em inglês. E aqui no norte do país, né, nós não tem muitas pessoas que falam inglês, especialmente inglês fluente por conta que geralmente pessoas falam alguma coisa ou falam nada. Esse era um problema principal. Depois, depois, né com certeza, passo por passo, gente achou os meios e caminhos pra se relacionar e trabalho como si não tava gerando problema. Tava gerando problema o entendimento (p.1, inf. 1, m., rus.).

Observe-se no enunciado (43) que o informante conta sobre a dificuldade relacionada à falta da língua comum de comunicação. Os informantes brasileiros relataram a mesma dificuldade nos enunciados (8) e (9). Pode-se ver nesse enunciado o discurso do preconceito regional que o entrevistado russo pronuncia tentando explicar a sua dificuldade com a língua inglesa, que ele acha que existe só na região do Norte: “e aqui no norte do país, né, nós não tem muitas pessoas que falam inglês”. Aliás, ele considera-se como morador dessa região, ele identifica se com a região, falando “nós não tem”.

Enunciado (44):

Por causa que no primeiro tempo não tinha parte pessoal, tinha parte de trabalho, né. Depois quando gente já se encaixou aqui e na vida daqui, daí sim, daí já a gente se adaptou. Pessoal é bastante amigáveis aqui, nunca tinha, assim, conflitos pessoais, digamos, né, conflitos relacionados com desentendimento entre pessoas (p.1, inf. 1, m., rus.).

O informante russo relata, nesse enunciado (44), que para ele “não tinha parte pessoal”, para ele o objetivo principal no Brasil foi o trabalho. Ou seja, esse

posicionamento prático de sua estadia no Brasil, ajuda a entender a parte da imagem do “russo fechado”, como foi descrito pelos informantes brasileiros. Para o informante russo também “nunca tinha, assim, conflitos pessoais, digamos, né, conflitos relacionados com desentendimento entre pessoas” (enunciado 44). É o contrário das impressões dos informantes brasileiros como, por exemplo, foi relatado no enunciado 12: “Eu achei difícil trabalhar com especialistas russos porque eles, eles parecem que gostam dos conflitos. Eles gostam de entrar em conflito com a gente”. Será que a percepção do comportamento conflituoso, percepção do conflito pessoal difere nas culturas de comunicação dos russos e brasileiros?

Enunciado (45):

Normal. Eu não trabalho pessoalmente com eles, eu trabalho com o equipamento deles. Eu encontro com eles, sim, mas acho que cada nação tem gente diferente, tanto gente boa, quanto intermediário, quanto gente difícil. Aceito isso tranquilo¹⁹ (p.1, inf. 9, m., rus., tradução nossa).

No enunciado (45) observa-se mais um informante russo que relata o trabalho como o objetivo principal dele no Brasil. Ou seja, ele não enxerga a sua função comunicativa como importante, desde que a sua função técnica esteja cumprida. E é muito provável que nem esteja ciente que, desse jeito, talvez desagrade o outro-estrangeiro brasileiro. Enquanto membro da comunidade, posso arriscar dizer que o contexto social e histórico da Rússia²⁰ molda, num certo ponto, a cultura comunicativa, cuidadosa, com o outro. Ou seja, segundo essa minha suposição e, segundo os informantes brasileiros que relataram a imagem do outro-estrangeiro russo fechado, o sujeito russo, no geral, não entra em contato leve ou facilitado com o outro; leva um pouco mais de tempo do que o sujeito brasileiro, para se sentir à vontade na co-

¹⁹ *Нормально. Непосредственно с ними не работаю, я работа с ихней техникой. Я с ними сталкиваюсь, есть в любой нации разные люди, есть хорошие, есть средние, есть трудные. Я отношусь к этому спокойно.*

²⁰ Aqui estou me referindo ao período em que o país estava, num certo ponto, fechado para mundo ocidental, devido a vários fatores. Havia a chamada guerra fria entre os EUA e a União Soviética, em que o povo do país (União Soviética), sofreu com a barreira política e ideológica com os “outros”. Um povo que já havia sofrido muito com a guerra patriótica nos anos de 1941-1945 (Guerra Mundial II), onde os “outros” (nazistas) foram os inimigos mortais e perigosos. Suponho que exista, ainda hoje, uma memória discursiva social sobre o outro-perigoso, outro com quem seria certo tomar cuidado e manter distância. Ou seja, estando no Brasil com o propósito de cumprir sua função como técnico, essa missão é levada como o que há de mais importante. A comunicação social só é buscada quando torna-se uma necessidade devido à estadia bastante prolongada (ou quando tem-se essa oportunidade) como foi relatado no enunciado (44), por um informante que, inclusive, aprendeu a língua portuguesa: “[...] no primeiro tempo não tinha parte pessoal, tinha parte de trabalho, né. Depois quando gente já se encaixou aqui e na vida daqui, daí sim, daí já a gente se adaptou” (p.1, inf. 1, m., rus.).

municação com o outro. É preciso acrescentar que, apesar de os informantes brasileiros relatarem como negativa essa característica do outro-estrangeiro russo, não houve apoio, neste trabalho, nenhuma avaliação das imagens, seja como positivas ou negativas. Apenas descreveu-se as imagens e analisou-se o processo e possíveis causas de formação delas nos enunciados, com base na teoria estudada.

Respondendo à segunda pergunta, se os brasileiros pareceram abertos ou fechados para comunicação com o estrangeiro, a maioria dos entrevistados russos relataram a imagem do outro-estrangeiro brasileiro como aberto. Dos 13 (treze) especialistas russos 9 (nove) pessoas responderam de forma direta que o brasileiro pareceu aberto, 1 (uma) pessoa respondeu que achou fechado e uma pessoa respondeu que achou que são diferentes, uns abertos e outros fechados.

É preciso observar que, nessa mesma pergunta, a maioria dos informantes brasileiros descreveram os colegas russos como fechados para comunicação com o outro-estrangeiro. Ou seja, de novo as imagens dos informantes dos dois grupos estão se espelhando nas extremidades: fácil-difícil, aberto-fechado.

Estes são alguns enunciados ilustrativos.

Enunciado (46):

Sim. Sempre tentam ajudar, mesmo quando a gente não se entende bem, eles tentam fazer algo para ajudar²¹ (inf. 5, p. 2, m., rus., tradução nossa).

Enunciado (47):

Eu acho que os brasileiros são prontos para ajudar ao estrangeiro e a todo mundo. Eles são pessoas bem abertas²² (inf. 13, p. 2, f., rus., tradução nossa).

Esses enunciados (46, 47) representam a resposta para a segunda pergunta, que contém a representação do outro-estrangeiro brasileiro aberto para comunicação e que foi a mais recorrente entre os entrevistados russos.

Enunciado (48):

Depende da região. Por causa que como eu já viajei no Brasil, no Sul são mais fechados, né. Na, no Norte, sim, por conta que aqui a vida mais sim-

²¹ Да. Пытаются, всегда, даже если не понимают, пытаются что-то делать.

²² Я думаю, что бразильцы готовы помогать иностранцу. В принципе, как и, наверное, всем окружающим, это люди довольно открытые.

ples e pessoal vive abertamente, não tem nada para perder, não tem nada para esconder, desse jeito²³ (p. 2, inf. 1, m., rus.).

Note-se que o informante 1 é recorrente na sua comparação entre o norte e o sul do Brasil (enunciados 43 e 48); note-se a presença do discurso estereotipado sobre as diferenças dos moradores dessas regiões do país. O informante 1 já tem um certo domínio da língua portuguesa²⁴ e, conseqüentemente, tem acesso aos discursos circulantes na sociedade brasileira, pois já faz parte dessa coletividade. Segundo Charaudeau (2015, p. 15), “não há ato que realizemos, nem pensamento que exprimamos que não contenha o traço de nosso pertencimento a coletividade”.

Enunciado (49):

Eles são muito amigáveis, é um prazer ficar no Brasil, eles são abertos para comunicação, eles não se fecham como fazem os russos, mas junto com isso eles não vão fazer muito para ajudar você, não²⁵ (inf. 7, p. 2, f., rus., tradução nossa)

Nesse enunciado (49) presencia-se o discurso contraditório de aprovação dos brasileiros sendo “amigáveis, abertos”, “prazer ficar no Brasil” e, ao mesmo tempo, de avaliação negativa “eles não vão fazer muito para ajudar você”. Revela-se também o discurso do preconceito por si, por sua própria cultura, projetado na visão do outro, em comparação com os russos. A informante russa, ao utilizar a terceira pessoa do plural quando fala sobre o grupo dos russos, demonstra a distância para mostrar a sua crítica, como alguém que conhece bem o povo russo e, por isso, pode emitir avaliação.

A terceira pergunta procurou saber quais características do comportamento ou cultura dos brasileiros, segundo os informantes russos, foram percebidas como positivas. As imagens mais recorrentes, relatadas como positivas, foram as imagens do outro-estrangeiro brasileiro como “aberto para comunicação”, “amigável”, “alegre e emocional”, “não tem preconceito”.

²³ O entrevistado russo está utilizando essa frase fixa da língua russa, traduzindo-a literalmente para o português. Essa frase em russo significa “ser pessoa sincera e aberta de coração para todos”.

²⁴ O entrevistado (inf.1) está nesse projeto desde 2010, sendo 6 anos em Porto Velho, Brasil.

²⁵ *Они очень доброжелательные, в Бразилии и приятно находиться, они открыты к общению, они не закрываются как россияне, но при этом они тебе не помогут* (inf. 7, p. 2, f., rus.).

Observe-se os enunciados, em que encontram-se as imagens relatadas acima, com o propósito de ilustrar essas imagens e rastrear os principais discursos nas falas dos informantes.

Enunciado (50):

Amizade, pessoal estão abertos, ausência, digamos, do preconceito. Quando cheguei pra cá, me receberam como eu é, como eu sou, né Ninguém exigia de mim, não sei (...) ser rei inglês. Por causa que pessoal, tipo assim, aqui pega você e coloca na sua vida. Não tem, não tem tanto racismo aqui. Claro, eu sei, que falam que lá no sul tem muito, tem bastante. Mas vocês não foram lá, na Rússia, por exemplo. Não viram como que é racismo, que é violento. Aqui não tem, digamos, tanto racismo violento. Aqui racismo é quando o pessoal grita “macaco” quando trata você. Digamos, isso é ruim, mas não te mata. E quando já uma banda organizada tá indo para matar você por conta que você é do outra cor do pele, essa já é outra coisa (inf. 1, p. 3., m., rus.).

O enunciado (50) é bastante informativo e, antes de tudo, contém a imagem positiva do outro-estrangeiro brasileiro como amigável, aberto e sem preconceito, que foi formada pelo entrevistado russo na sua convivência direta com os brasileiros no trabalho e no dia a dia²⁶. O informante relata que se sentiu bem-aceito e não sofreu qualquer preconceito. Recorrentemente, destaca-se o discurso sobre o sul do país oposto ao norte (enunciado 43, 48, 50): “eu sei, que falam que lá no sul tem muito (racismo)”. Discurso sobre o problema do racismo está presente nesse enunciado (50). Racismo que, no seu país de origem, o informante considera haver de verdade e quase que a ausência de racismo no Brasil, já que não é verdadeiro, “não te mata”, comparado com o da Rússia: “Mas vocês não foram lá, na Rússia, por exemplo. Não viram como que é racismo, que é violento”.

Nesse ponto, já que o informante do enunciado (50) tocou no assunto do racismo, considera-se relevante citar Dunaeva (2013) que pesquisou no seu trabalho, a dicotomia entre os grupos “nós” e “outros” na Rússia e analisou a existência e as possíveis causas do racismo e xenofobia presentes:

Por “nós”, compreendo os russos e, também, os moradores de Moscou que se posicionam como o grupo receptor dos “outros”: migrantes e moradores recém-chegados das outras regiões do país. A tensão entre estes grupos leva-nos a debruçarmos sobre a história e o uso de uma “imagem do inimigo”, ora uma idéia que persiste ao longo de séculos, ora uma referência

²⁶ Esse entrevistado (inf.1, m., rus.) veio em 2010 junto com a equipe russa temporária para fazer parte, pelo contrato, da equipe da garantia e acabou ficando em Porto Velho com intuito de morar tornando, assim, o intercâmbio em imigração igual ao da autora desta pesquisa.

emergente devido as já não tão recentes mudanças do sistema político e econômico do país a partir do fim da União Soviética. [...]

A prática de um sistema estatal burocrático e centralizado caracterizou tanto o período histórico do império russo, quanto o da União Soviética, e, atualmente, o da FR. O principal mecanismo deste sistema manifesta-se na tentativa de neutralizar as diferenças sociais, econômicas, territoriais e linguísticas entre os representantes de uma população muito diversa que habita o extenso território da formação estatal. O império russo foi organizado através do controle militar das colônias conquistadas e esta prática teve sua continuidade durante a URSS. O império russo, a União Soviética e a FR²⁷ têm em comum a preservação das fronteiras de um Estado que, sendo multiétnico, funciona e se expressa através de uma “ideia nacional”, de uma declarada superioridade, ou, no mínimo, obrigatoriedade do reconhecimento da cultura russa (DUNAEVA, 2013, p. 46).

Apresentou-se o recorte acima com o intuito de esclarecer, mesmo que brevemente, o possível contexto da produção do discurso sobre o problema do racismo na Rússia, que está presente no enunciado (50). Infelizmente, na época contemporânea, segundo T. van Dijk (2008, p. 31), “preconceito e discriminação não são inatos, mas aprendidos, principalmente por meio do discurso público”. O autor continua que assim o discurso racista circulante na sociedade, depende das elites que, em grande parte, controlam os debates políticos, notícias e artigos de opinião, programas de TV, manuais e trabalhos escolares:

No mundo contemporâneo, tanto na Europa quanto fora dela, não há alternativa para uma sociedade multicultural e multiétnica sem racismo. Somente discursos e ideologias das elites que se mostrem antirracistas e que deem suporte a uma tal sociedade podem fazê-la funcionar (Dijk, 2008, p. 47).

Retorne-se aos enunciados que contém as imagens positivas do outro-estrangeiro brasileiro.

Enunciado (51):

Eles são alegres. Quase sempre. Isso ajuda muito na parte de comunicação. Eles gostam de fazer *fiestas*, de perguntar sobre sua família, todo isso. Eles são abertos pra comunicar, pra comunicação, não sei (p. 3, inf. 2, f., rus.).

Enunciado (52):

Brasileiros são uma nação amigável, um prazer ficar no Brasil exatamente por causa das pessoas²⁸ (p.3, inf. 7, f., rus., tradução nossa).

²⁷ Federação Russa ou Rússia contemporânea

²⁸ *Бразильцы очень дружелюбная нация, и приятно находиться в Бразилии именно из-за людей* (tradução nossa).

Os enunciados (51) e (52) explicitam a imagem positiva que os informantes russos construíram sobre o outro-estrangeiro brasileiro. Essa imagem do brasileiro amigável e alegre foi bastante recorrente, pelo que se acompanhou da pesquisa. Essa imagem do “brasileiro simpático” circula na sociedade brasileira e na do exterior, inclusive na Rússia, onde muitas pessoas com quem tive as conversas sobre o Brasil, o imaginam, entre outros estereótipos, como um país onde as pessoas são felizes e amigáveis devido ao clima ensolarado e à cultura com muitas festas e futebol. Essa representação também está presente nos vários discursos publicitários sobre o povo brasileiro e um dos exemplos foi encontrado na pesquisa de doutorado de Gastaldo (2000) que analisou, em seu trabalho, as imagens dos brasileiros na publicidade durante do período da Copa do Mundo de 1998:

Diversos anúncios tratam do tema dessa conquista, construindo uma imagem do "ser brasileiro" como um "ser simpático", cativante e carinhoso, que conquista a todos por onde passa com sua calorosa afetividade (Gastaldo, 2000, p. 204).

No próximo enunciado (53) o informante descreve seus colegas brasileiros como comunicativos e abertos, baseando sua opinião na comparação com o povo russo, “mais fechado”. Relembrando Woodward (2000), Silva (2000) e Charaudeau (2015), que refletem sobre o encontro com o outro, com o diferente, com o estrangeiro quando, através de seus julgamentos, a própria identidade se afirma e se produz em relação a uma outra.

Esse encontro de si com o outro se realiza não apenas por meio de ações que os indivíduos praticam na vida em sociedade, mas também por meio de seus julgamentos sobre a legitimidade dessas ações, de si e dos outros, isto é, por meio de suas *representações* (Charaudeau, 2015, p. 21, grifo do autor).

Enunciado (53):

Comunicativos, abertos, entram em contato facilmente. Nós somos um povo mais fechado, os russos²⁹ (p. 3, inf. 4, m., rus., tradução nossa).

Enunciado (54):

²⁹ *Коммуникабельность, открытость, что идут на контакт очень быстро. Народ мы более закрытый, русский человек* (p. 3, inf. 4, m., rus)

Primeiro, que eu notei, foi que eles adoram esporte, prestam atenção para o seu estado físico. Positivo achei, que as pessoas são tranquilas e sem qualquer agressividade nas situações do dia a dia. Bastante esforçados no trabalho, pelo menos, os colegas com quem eu tinha prazer de trabalhar junto. Eles têm interesse para adquirir conhecimento, que achava atípico para a instituição militar, pois devido às frequentes transferências dos militares o especialista já sabe que não tem condições de se aprofundar em alguma especialidade³⁰ (p.3, inf. 10, m., rus., tradução nossa).

Nesse enunciado (54) notam-se várias imagens positivas do colega brasileiro e dos brasileiros no geral, que o informante relata como “eles” no início da sua resposta, como “pessoas tranquilas”, “sem qualquer agressividade”. Essas são as representações mais recorrentes. Supõe-se que, entre outras razões, essa imagem recorrente do estrangeiro-brasileiro “sem qualquer agressividade” está relacionada às normas de conduta social dos brasileiros, que tem a cultura do sorriso, da voz tranquila, da diplomacia e outras maneiras de demonstrar o respeito para com seu oponente mesmo em situações de discordância. Pelo menos era isso que experimentávamos no trabalho juntos e nas situações do dia a dia, com poucas exceções. Posso acrescentar, pela minha experiência como russa, que na cultura de relacionamentos interpessoais na Rússia o sorriso, por exemplo, não é obrigatório para as situações de assuntos considerados sérios ou de negócios. Existe espaço para a voz um pouco mais elevada nas situações de estresse, franqueza nos assuntos confusos, respostas curtas e exatas no ambiente de trabalho. Essa diferença de conduta entre os colegas brasileiros e russos pode ter sido a razão para os russos terem criado essa imagem do brasileiro amigável e tranquilo e vice-versa, pois os sinais de conduta normais no cotidiano do brasileiro tem diferente significado para os russos. As pessoas sempre tendem a aplicar os seus sentidos para dar sentido à realidade do outro (BRAWERMAN-ALBINI 2013, p.103).

Outras representações positivas nesse enunciado (54) são: “esforçados no trabalho”, “tem interesse para adquirir conhecimento”. Pode-se destacar a parte final da resposta: “achava atípico para a instituição militar, pois devido às frequentes transferências dos militares o especialista já sabe que não tem condições de se aprofundar em alguma especialidade”. O informante se refere ao fato de que alguns

³⁰ *Во-первых, что мне запомнилось, бросилось в глаза – это тяга к физкультуре, люди стараются уделять ей достаточное внимание и люди следят за своей формой. Положительное то, что люди спокойные и не агрессивные в повседневности. Достаточно работоспособные и во всяком случае среди персонала среди которого я имел счастье работать, и тяга к знаниям, что не показатель вооруженных сил, т.к. в связи с ротацией специалист не в состоянии стать специалистом* (p.3, inf. 10, m., rus.).

técnicos militares, após realizarem o curso na Rússia e após aprenderem a efetuar a manutenção no helicóptero russo, foram transferidos para outras localidades do país onde não tem essa aeronave. Assim, o informante, entre os outros informantes russos, está demonstrando o discurso de dúvida do nível da qualidade do conhecimento do especialista militar técnico brasileiro. Esse discurso passaria quase despercebido se não conhecesse o contexto desse enunciado, por fazer parte da comunidade russa nesse projeto. Acho importante observar que os técnicos civis russos às vezes trabalham a sua vida profissional inteira com um mesmo equipamento, mesma parte do helicóptero ou avião.

Enunciado (55):

Acho, que igual a todo mundo, são esforçados e positivos em frente aos desafios, posso falar mais o que? Assim é que são³¹ (p. 3, inf. 6, m., rus., tradução nossa).

Enunciado (56):

Não sei dizer. A gente não se comunica³² (p. 3, inf. 5, m., rus., tradução nossa).

Nesses enunciados (55) e (56), os informantes russos demonstraram pouco contato ou não perceberam o contato como significativo para que pudessem formar alguma imagem sobre os estrangeiros-brasileiros. Em comparação com o grupo dos entrevistados brasileiros, quando todos os participantes responderam à pergunta trazendo as suas impressões, inclusive, sobre os colegas russos mais “fechados” para a comunicação (enunciados 16, 17, 18, 19, 20, 28, 30).

Na quarta pergunta procurou-se saber quais foram as características no comportamento dos colegas brasileiros que mais incomodaram os informantes russos nesse relacionamento e que foram avaliadas como características negativas dos brasileiros em geral. Percebeu-se, ainda na parte da análise dos enunciados sobre os russos, que respondendo a esse tipo de pergunta sobre características, tanto positivas quanto negativas, os informantes muitas vezes tendem a utilizar os estereótipos mais propagados sobre o país e assim se apoiam na avaliação do outro-

³¹ Я об этом не задумывался, как и все люди, положительно относятся к работе, добросовестно, еще что сказать? Такие вот (p. 3, inf. 6, m., rus.).

³² Не знаю. Мало общаемся (3, inf. 5, m., rus.).

estrangeiro. Como já foi mencionado, parece difícil escapar da influência dos estereótipos já que vive-se no mundo das altas tecnologias que permitem fácil acesso às informações e notícias sobre qualquer país do mundo e que, frequentemente, contém o discurso publicitário dos estereótipos e generalizações sobre o país em foco.

As imagens mais recorrentemente relatadas como negativas foram as imagens do outro-estrangeiro brasileiro como “louco por futebol”, “preguiçoso”, “nem sempre cumpre as suas promessas”, “conversa e discute muito”, “verbalista no trabalho – segue só o que está escrito e nada mais”, nada menos, “não pontual”. Observe-se os exemplos nos enunciados:

Enunciado (57):

Eu acho que negativo, aqui tem uma loucura sobre um assunto. Futebol, né. Por conta que tem aqueles torcidas organizadas que bem parecidas com aquelas bandas racistas da país Rússia, ou, por exemplo, dos Estados Unidos. Por conta que se você se veste no estilo de camisa do outro time, essa turma organizada vai te achar no canto da cidade. Eles podem até matar você só por conta que eles acham que isso é certo. Por isso eu nunca visto camisa de nenhum clube (p. 4, inf. 1, m., rus.).

No enunciado (57), o informante considera negativo não o futebol em si como esporte, mas a torcida organizada radical; aliás, quando o discurso sobre racismo está perto do assunto futebol, o enunciado inteiro leva um tom da negatividade. O entrevistado vincula a imagem dessa torcida com “aquelas bandas racistas da Rússia ou, por exemplo, dos Estados Unidos”. Esse discurso sobre o racismo já foi presente no outro enunciado (50) desse informante.

Enunciado (58):

Preguiça. Por causa que como no norte do país, né, tem muita preguiça. Até no Bahia, estado mais preguiçoso – como eu ouvi. Tem aquela piada aí: “se preguiça não fosse inventada, o baiano ia inventar”. Mas já falei que esse aqui, na verdade, mas alguns traços aí também provocado pelo própria sistema de *educacion* do trabalho. [...] Mas, digamos, tem alguns fatores favoráveis que amplia esse qualidade aqui. [...] Na minha opinião, o baixo índice de *incentivacion* pelo poder público. [...] No meu bairro, por exemplo, mais falta trezentos metros de asfalto faz cinco anos. E mesmo se eu vou fazer, ninguém vai cuidar. Por conta que todo mundo acha que isso deve ser feito pelo poder público. Não tem nenhuma *programacion* da atividade popular. Isso gera tipo assim, certo caráter nacional. Porque? Por conta que durante de dez-quinze anos já o próximo *geracion* se cresce. Quando cresce nesse ambiente, já acha que é normal e comporta-se do mesmo jeito (p. 4, inf. 1, m., rus.)

Nesse enunciado (58) o informante reproduz o discurso popular do preconceito sobre a região do Norte do Brasil, repetindo uma piada sobre a Bahia, que ele conheceu devido ao seu acesso à língua portuguesa. Pode-se somente confirmar que o discurso do preconceito e comparação entre o Sul e o Norte do país está bastante recorrente na sociedade brasileira, até o ponto em que o estrangeiro que fica alguns anos no Norte e aprende a língua portuguesa, logo repara nesse discurso e o repete nas suas falas. Um outro discurso-generalizador vê-se na frase que coloca todos os brasileiros na mesma imagem de “brasileiro preguiçoso”, então: “Isso gera tipo assim, certo caráter nacional”.

Enunciado (59):

Nem sempre o que eles falam, eles fazem (p. 4, inf. 2, f., rus.).

Enunciado (60):

Negativos? Acho que a falta de pontualidade, não cumprem as suas promessas. Me incomodou um pouco, que eles prometem muito, e depois eu tenho que lembrar centenas de vezes para que eles realmente façam³³ (p. 4, inf. 7, f., rus., tradução nossa).

Enunciado (61):

Eles sugerem ajuda, mas de fato eles não ajudam, quando eu peço algo a eles. Eles vão achar mil desculpas, porque eles não conseguiram ajudar. Eu planejava participar numa pescaria turística em Manaus. Eu perguntei sobre as indicações e eles falaram que se eu precisar algo, é só chamar. Chegou o momento e eu pedi ajuda para reservar hotel e achar o guia turístico em Manaus. Todos eles já foram para Manaus e todos eram pescadores, mas eles acharam mil desculpas porque não conseguiram me indicar nem hotel nem agência de turismo – todo isso eu tive que procurar sozinha. Eu entendo que é a diferença cultural, os brasileiros são desse jeito mesmo. Tudo bem, eu consegui tudo sozinha. Assim, eu não posso chamar eles de amigos, só de bons conhecidos, que vão sorrir para mim e desejar bom dia. Porque no nosso país o amigo está pronto para vir e ajudar a qualquer hora³⁴ (p. 4, inf. 7, f., rus., tradução nossa).

³³ *Отрицательные? Все та же непунктуальность, не сдерживают обещания. Немного напрягает то, что они наобещают, а потом приходится им еще раз 100 раз напомнить, чтобы они это сделали* (p. 4, inf. 7, f., rus.).

³⁴ *Они предлагают помогать, но по факту они не помогают, даже когда я об этом прошу. Они находят 1000 причин, почему это у них не получилось. Я планировала поехать на рыбалку в город Манаус. Я спросила, при этом мои друзья сказали если тебе что-то нужно, обращайся. Я обратилась за помощью, чтобы мне нашли гида и отель в Манаусе. Все они были в Манаусе, и все были рыбаки и нашли кучу причин, почему не смогли найти ни агента тревел адженси и не смогли найти отель – все это искала сама. Я списала это на разницу культур, в этом все бразильцы, мне все равно я сама это сделала, я не называю их своими друзьями, а*

As respostas nos enunciados (59, 60, 61) são baseadas em situações com a mesma descrição de frustração no relacionamento entre colegas russos e brasileiros: “não cumprem as suas promessas”. Pela minha experiência como membro da comunidade, posso adicionar que o não cumprimento das tais relatadas “promessas” deve-se ao fato de que nem sempre eram promessas, no sentido como se entende na cultura brasileira. Eram algumas vezes atrasos ou falta de pontualidade que logo foram interpretados pelos colegas russos como um acordo não cumprido³⁵. Eram algumas vezes convites ou promessas de “pode chamar a qualquer hora”, “pode vir na minha casa a qualquer momento”, “vamos marcar algo” entre outros que, na cultura brasileira, não significam um convite real ou algum compromisso marcado com data e hora, mas palavras usadas para demonstrar respeito e disposição de um colega para com outro.

Estas observações dialogam com uma outra análise intercultural parecida, feita através das entrevistas com um grupo de professores-assistentes norte-americanos e um grupo de alunos brasileiros de inglês, onde Fernandes e Eiró (em: BRAWERMAN-ALBINI 2013, p. 104-105), relatam:

Boa convivência intercultural não é sempre tão tranquila e de fácil absorção; talvez pelo nosso jeito expansivo, caloroso, sociável de ser, tenhamos formas de nos aproximarmos, de nos cumprimentarmos, de tocarmos enquanto conversarmos, que invadem um pouco a privacidade dos estrangeiros. Outros comportamentos vistos como inadequados pelos ETAs, e que geraram certo estranhamento entre eles e os alunos, referem-se à noção de tempo e a não observância de acordos feitos em sala de aula, conforme exemplificados a seguir nos fragmentos de relatos de alguns ETAs (BRAWERMAN-ALBINI, 2013, p. 104-105).

Relembre-se da análise da imagem do colega-estrangeiro russo em que a imagem foi a de um russo demasiadamente “fechado”, “sério” e “pesado” em convívio na percepção dos especialistas brasileiros. Aqui vê-se uma imagem literalmente oposta, o brasileiro demasiadamente “leve”, “aberto” e “alegre” na percepção do russo. Em ambos os casos acontece um paradoxo de sentidos: as mesmas características podem ser relatadas como positivas numa resposta e como negativas em outra,

хорошими знакомыми, которые улыбнутся и пожелают мне хорошего дня. У нас друг готов прийти на помощь в любую минуту (p. 4, inf. 7, f., rus.)

³⁵ A noção de tempo de alguns colegas brasileiros, com certeza não todos, em relação ao trabalho e lazer ou convite para festas, chegou a ser um problema para os russos que tem outra noção a esse respeito. Esse fator estava gerando preconceito contra os colegas brasileiros, produzindo imagens associadas com a pontualidade como uma característica da pessoa que respeita seu tempo e o tempo do outro e, consequentemente, o atraso seria um desrespeito, falta de compromisso, preguiça, etc.

ou seja, a diferença cultural sempre gera a dificuldade no relacionamento entre os grupos. Considerando os relatos apresentados, percebe-se, junto com Brawerman-Albini (2013):

O encontro com outro favorece muitas trocas e aprendizados valiosíssimos, apesar de, como dito anteriormente, ainda haver certo estranhamento por parte de alguns com relação a determinadas atitudes e comportamentos praticados pelo diferente/pelo outro. No entanto, é justamente esse encontro com o diferente que se torna desafiador porque testa nossa capacidade de reflexão, de crítica e de aceitação do outro como outra possibilidade de ler e interpretar o mundo (BRAWERMAN-ALBINI 2013, p. 108).

Supõe-se que esse estranhamento com a noção do tempo e as tais chamadas “promessas/acordos/convites não cumpridos” dos colegas brasileiros são exatamente os rituais/comportamentos e atitudes sociais praticados na cultura comunicativa brasileira. Nota-se, através da pesquisa, que muitas vezes essas atitudes sociais brasileiras são confundidas pelo outro-estrangeiro com qualidades negativas tais como falta de responsabilidade e “falsa hospitalidade”. Desse jeito criam-se imagens estereotipadas do outro-estrangeiro e é possível depreender que não são imagens positivas. Aliás, esse mecanismo de criação das imagens negativas, estereotipadas, funciona tanto sobre o colega russo quanto sobre o colega brasileiro, como viu-se na primeira parte da análise.

Os enunciados a seguir (62, 63) são interessantes do ponto de vista da visão diferente sobre as tarefas no trabalho: está certa a obediência rigorosa para as regras ou o questionamento dessas regras?

Enunciado (62):

Talvez, o rigor sério nas algumas questões. Quero dizer, o rigor que vai sem análise, a obediência pura: falaram para fazer assim, e ele faz. Não questiona³⁶ (p. 4, inf. 4, m., rus., tradução nossa).

Enunciado (63):

São bem lentos, pois conversam muito, discutem antes de fazer algo. Antes de discutir na reunião da base inteira, não fazem. Nós agimos diferente, primeiro fazemos, depois se deu errado, consertamos. Rigor nos detalhes,

³⁶ *Может быть скажем так, слишком серьезная педантичность в некоторых вопросах. Я имею ввиду, скрупулезность, буквоедство, такое, которое скажем так идет не от ума человека, а просто соблюдение: сказали делать это и это, и он делает. Не особо задумывается* (p. 4, inf. 4, m., rus.).

rigor para cada letra. Se está escrito – limpe o assento com o pano, depois se senta, ele não vai limpar com a mão não³⁷ (p.4, inf. 5, m., rus., tradução nossa).

Nesses enunciados (62, 63) os especialistas russos estranham o rigor dos especialistas brasileiros com as regras escritas nos manuais ou ordens dadas por alguém da supervisão. Acredita-se que essas características descritas como negativas, seja “obediência pura” ou seja “discutir na reunião da base inteira”, não correspondem a algum traço típico do caráter do povo em geral nem das pessoas pois, sendo servidores militares, os técnicos brasileiros têm obrigação, pela própria função, de seguir rigorosamente ordens dos superiores, as regras prescritas, etc. Os entrevistados russos, sendo especialistas civis, veem diferença no modo de trabalho devido ao fato de ser militar e não por ser o outro-estrangeiro brasileiro. Aliás, é muito provável que confundam e não analisem esse contexto.

Os próximos enunciados (64, 65, 66) revelam que os informantes russos não notaram algumas características negativas expressivas para relatar.

Enunciado (64):

Negativo? Não notei nada negativo aqui³⁸ (p. 4, inf. 8., m., rus., tradução nossa)

Enunciado (65):

Não notei nada³⁹ (p.4, inf. 11, m., rus., tradução nossa).

Enunciado (66):

Quando se juntam mais de 5 pessoas, eles começam a falar muito alto. São emocionais e de som alto, isso sim, mas nada demais⁴⁰ (p. 4, inf. 12, m., rus., tradução nossa).

Nesses enunciados (64, 65, 66) vê-se que, por alguma razão, os informantes russos deixaram de relatar algumas representações negativas do outro-estrangeiro

³⁷ Медленные они какие-то, много разговаривают, много дискутируют, прежде, чем что-то сделать. Пока все не обсудят всей базой, только потом начинают что-то делать. Мы по-другому делаем, сначала ломаем и потом делаем. Пендентность – они докапываются до деталей, до буквы. Если написано – протри сидение тряпочкой, потом сядь, он его рукой не протрет (p.4, inf. 5, m., rus.)

³⁸ Отрицательные? Да я такого не заметил там (p. 4, inf. 8., m., rus.).

³⁹ Не заметил (p.4, inf. 11, m., rus.).

⁴⁰ Когда их собирается больше 5 человек они начинают очень громко разговаривать. Они очень эмоциональные, громкие, да, что еще? (p. 4, inf. 12, m., rus.).

brasileiro e, no geral, nota-se que tiveram dificuldade em relatar algo excessivamente negativo. É provável que realmente não chegaram a notar algo que seria muito estranho ou irritante para eles já que os brasileiros, por terem normas sociais de comunicação interpessoal específicas, parecem ser amigáveis acima da média em comparação com as normas sociais de comportamento entre russos. É também provável que sentindo-se hóspedes no Brasil não queriam dar abertura para alguma crítica dos colegas brasileiros que, além de clientes eram, também, representantes do país que hospedou o projeto.

A quinta pergunta convidou os entrevistados russos a avaliar sua experiência do encontro com o outro-estrangeiro de modo resumido, como relacionamento de sucesso ou fracasso e explicar a sua resposta. Nas respostas para a última pergunta procurou-se os discursos e as imagens que os informantes consideraram como conclusão da situação geral. Acredita-se que, após a entrevista completa, os informantes tiveram a oportunidade de refletir sobre o relacionamento com o outro-estrangeiro brasileiro para poder resumir suas impressões sobre o projeto no geral e sobre a sua experiência de conviver e trabalhar junto com o outro-estrangeiro.

Dos 13 (treze) participantes russos da pesquisa, 10 (dez) avaliaram o relacionamento entre eles e os colegas brasileiros no referido projeto como um sucesso, 1 (um) opinou que esse relacionamento no geral não deu certo, 1 (um) relatou que está cansado do projeto, e 1 (um) não soube responder.

Seguem os exemplos nos enunciados.

Enunciado (67):

Primeira parte: esperança. Segunda parte: neutro. Terceira parte: já é o cansaço. Por conta que essa aqui, nesta parte aqui diretamente foram o condicion de trabalho, ne. Relacionamento entre o contrato e tal. Agora como contrato já está no seu parte final e tem pessoas que já cansaram das condições de trabalho, ne, algumas faltas ai, digamos, cansaço, né. Mas essa aqui não cria clima tensa, pessoal se trata como velhos conhecidos igual você já conhece pessoa vinte anos e seja, não espera nada dele. Só fala coisas tipo “Olá” de manhã e pronto. Praticamente pode não ver ela quando ela está ficando um dia inteiro por perto. Desse estilo que são relacionamentos agora. Mas muitas pessoas ai já só se comunicam como velhos conhecidos. [...] Já não tem muito pra fazer. Já todo mundo sabe todo e tipo só trabalho na rotina (p.5, inf. 1, m., rus.).

O informante russo nesse enunciado (67) relata o seu cansaço com o projeto. Apesar de tudo, não se pode esquecer que, para os estrangeiros russos, o clima extremamente diferente do da Rússia, as tradições alimentares diferentes, a rotina

de trabalho em unidade militar estrangeira, as saudades da família, etc. podem causar tanto certo cansaço físico quanto desgaste psicológico: “tem pessoas que já cansaram das condições de trabalho, né, algumas faltas aí, digamos, cansaço”. O entrevistado também relata um certo distanciamento entre os grupos e explica isso pela redução ou escassez do interesse para com o outro-diferente, ou seja, o encantamento pela diferença, pelo exótico outro-estrangeiro, que existia no início do projeto já cedeu lugar para a rotina de trabalho: “muitas pessoas aí já só se comunicam como velhos conhecidos. [...] Já não tem muito pra fazer. Já todo mundo sabe tudo e, tipo, só trabalho na rotina”. Mais uma vez aponta-se, também, no que parece ser recorrente (enunciados 44, 45, 67) na entrevista, para o especialista russo o relacionamento pessoal com o outro-estrangeiro, colega de trabalho, não é parte obrigatória do sucesso do projeto desde que os objetivos funcionais técnicos estejam sendo alcançados.

Seguem os enunciados, que levam a ideia de que o projeto foi um “sucesso”.

Enunciado (68):

Eu acho que sucesso. E com tempo a gente conhece algumas mais coisas do caráter e assim fica mais fácil de entender (p.5, inf. 2, f., rus.).

Enunciado (69):

Sucesso⁴¹ (p. 5, inf. 3, m., rus., tradução nossa).

Enunciado (70):

Acho que sucesso. Porque eles estão satisfeitos com tudo, talvez, algumas coisas não aprenderam ainda, não fazem certinho, mas no geral é um sucesso⁴² (p. 5, inf. 5, m., rus., tradução nossa).

Enunciado (71):

Sim, se nós fazemos o nosso trabalho, e tudo está dando certo nisso, significa, que é sucesso⁴³ (p. 5, inf. 9, m., rus., tradução nossa).

Enunciado (72):

⁴¹ Успешными (p. 5, inf. 3, m., rus.).

⁴² Скорее всего успешными. Потому что они довольны всем, может чего-то не понимают, что-то не так делают, но в целом, думаю успешные (p. 5, inf. 5, m., rus.).

⁴³ Да, если мы выполняем работу, и все нормально, значит все успешно (p. 5, inf. 9, m., rus.).

Sim, acho sucesso. Cada um recebeu o que precisava⁴⁴ (p. 5, inf. 10, m., rus., tradução nossa).

Enunciado (73):

Acho, sucesso. Pois o projeto está indo em frente⁴⁵ (p. 5, inf. 11, m., rus., tradução nossa).

Enunciado (74):

Eu acho sucesso, pelo menos, os relacionamentos da minha responsabilidade e aqueles que eu observo dos colegas. Posso afirmar, sim, é um sucesso⁴⁶ (p. 5, inf. 12, m., rus., tradução nossa).

Nos enunciados acima (69, 70, 71, 72, 73) estão expressas as opiniões dos informantes russos sobre o sucesso da função técnica do projeto mas, no geral, ocultam-se as problemáticas pessoais sobre o relacionamento com o colega outro-estrangeiro brasileiro, como se fosse de pouca importância para o sucesso do projeto. Alguns enunciados (64, 78) avaliam o relacionamento com o outro-estrangeiro brasileiro como um sucesso, porém, sem maiores detalhes. Evidencia-se nesses enunciados (69-74) o fato de os entrevistados russos parecerem com menos vontade de avaliar o relacionamento com o outro-estrangeiro, generalizando como sucesso, sem explicações. No meio dessa análise (p.102) observa-se que isso poderia ser causado por algumas razões, tais como o sentimento de serem hóspedes no Brasil e, desse jeito, não sentirem-se à vontade para fazer algumas avaliações pessoais dos seus colegas brasileiros ou, ainda, o fato do grupo dos russos voltarem-se para si mesmos. Segundo Charaudeau (2015), o grupo pode sentir-se ameaçado na sua identidade pela presença de um outro grupo dominante e desse jeito pode reagir “reivindicando valores que lhe são próprios e voltando-se para si mesmo” (Charaudeau, 2015, p. 20).

A seguir, a única resposta (75) em que o informante não está satisfeito com o relacionamento construído entre os grupos russo e brasileiro.

Enunciado (75):

⁴⁴ Да, считаю успешными. Каждый получает то, что хочет (p. 5, inf. 10, m., rus.).

⁴⁵ Наверное, успешными. Да, раз все продвигается (p. 5, inf. 11, m., rus.).

⁴⁶ Я думаю, успешными, по крайней мере за те отношения, за которые отвечаю я и могу наблюдать со стороны коллег, можно сказать, что да, успешные (p. 5, inf. 12, m., rus.).

Aqui existe o fator humano. Cada lado está tentando convencer o outro de que a cultura deles é melhor; que a mentalidade, a visão das coisas são certas, melhores, do que do outro. Um simples exemplo, o grupo dos russos considera que a sopa é um prato muito bom para saúde, necessário no almoço, e se eles não acham a sopa na cantina, eles começam a se estressar. Não, não é sucesso. Diferença cultural, falta do respeito⁴⁷ (p. 5, inf.7, f., rus., tradução nossa).

Esse enunciado (75), na visão de membro da comunidade, resume bem o problema no relacionamento entre os dois grupos, russo e brasileiro: “Cada lado está tentando convencer o outro de que a cultura deles é melhor; que a mentalidade, a visão das coisas são certas, melhores, do que do outro”. Lembrando Coracini (2013):

Outra cultura, outro modo de ver o mundo e de se relacionar com os outros, que vem perturbar, confundir (o modo como vivo e penso não é o único, não constitui a única verdade) e, portanto, colocar em questão meu modo de ser, de me posicionar. [...] tal perturbação pode provocar reações que se manifestam por sentimentos que vão do medo a uma atração irresistível (Coracini, 2013, p. 153).

No Brasil de fato existe um discurso sobre o estrangeiro em que a imagem do estrangeiro (europeu e norte-americano) é extremamente positiva; esse discurso circula tanto na mídia quanto na sociedade e foi bastante pesquisado no mundo científico. Por exemplo, Coracini (2013), conclui, que:

nosso desejo não está apenas no estrangeiro (europeu) de cujos anseios e representações se originou o povo brasileiro, mas também no americano, que nos constitui por sua superioridade econômica, espírito prático, ligado a globalização e ao sucesso tecnológico, marca registrada da modernidade. Imbricada nessas vozes, não se pode deixar de ouvir a voz do colonizado, daquele que, para sobreviver, precisa aceitar o lugar que lhe é concedido, ainda que esse lugar o transforme em objeto do prazer para o outro: afinal, esse também é um modo de garantir sua existência (CORACINI, 2013, p. 76).

Vale prestar atenção a que não é qualquer estrangeiro cuja imagem é de “extrema valorização” (Coracini, 2013, p.77). Numa pesquisa regional sobre a imagem do outro-estrangeiro, Valdez (2012) pesquisa a imagem do outro-estrangeiro

⁴⁷ Тут еще присутствует человеческий фактор. Каждая из сторон пытается внушить другой стороне, что его культура лучше и его менталитет, взгляды на вещи являются верными, лучше, нежели другой стороны. Потому что российская сторона считает, что суп — это очень полезно, нужно есть в обед, и если это не происходит в Бразилии, то они начинают негодовать. Нет, неуспешными. Разница культур, отсутствие уважения (p. 5, inf.7, f., rus.).

boliviano que, em contraste com o estrangeiro europeu ou norte-americano, recebeu uma avaliação negativa e os informantes demonstraram a rejeição pelo outro-estrangeiro boliviano.

No âmbito desta pesquisa concluiu-se, também, que a imagem do outro-estrangeiro russo foi mais negativa do que positiva, com alguns traços de rejeição ativa e emocionada e o encontro com o outro-estrangeiro russo foi relatado por entrevistados brasileiros como difícil. Já a imagem do outro-estrangeiro brasileiro foi mais positiva devido à relatada “simpatia e comunicabilidade” do brasileiro, aliás, sem extrema valorização mas, inclusive, com alguns traços de rejeição passiva que demonstrou com a falta de interesse pela cultura do outro-estrangeiro brasileiro. Os entrevistados russos relataram esse encontro com o outro-estrangeiro brasileiro como fácil. Isso talvez se deva ao fato de o grupo ter-se voltado para si mesmo, por não ter dado muita abertura, o que evitou o conflito. Ambos os grupos demonstraram, nos seus dizeres, vários graus de estranhamento vividos no encontro com o outro-estrangeiro.

Considerações finais

Esta pesquisa teve como objetivo investigar a relação social dominante entre brasileiros e russos no espaço profissional. Uma inquietação decorrente da observação de situações de conflito cultural entre as equipes estrangeiras, neste caso a brasileira e a russa, que se mostrou mais claramente como uma resistência natural ao diferente, ao “outro”, motivou essa pesquisa.

Desta forma, este trabalho teve como objetivo geral investigar os desafios da convivência entre brasileiros e russos. Os objetivos específicos foram: verificar qual a imagem que se formou sobre o estrangeiro russo e o brasileiro. Verificar quais discursos sobre o estrangeiro foram formados. Avaliar quais as diferenças culturais que influenciaram na formação de relacionamento entre os especialistas brasileiros e os especialistas russos.

Buscou-se exemplificar este trabalho, conforme a problemática da pesquisa, com as imagens e discursos que os especialistas brasileiros e russos desenvolveram a respeito do outro-estrangeiro, durante o projeto conjunto, na Rússia e no Brasil.

As imagens foram:

Sobre o outro-estrangeiro russo: é fechado para a comunicação; o trabalho com ele é difícil; o russo mantém distância do estrangeiro; é determinado, guerreiro, patriótico, esforçado; tem independência cultural; é agressivo, direto, rude e orgulhoso; é parecido com o brasileiro porque costuma dar “um jeitinho”; o projeto com os russos foi, em alguns pontos, um sucesso e, em outros, um fracasso.

Sobre o outro-estrangeiro brasileiro: é aberto para a comunicação; o trabalho com o brasileiro é fácil; o trabalho com o brasileiro é cansativo; é verbalista no trabalho; não é pontual; nem sempre o brasileiro cumpre com suas promessas; é amigável, não tem preconceito; é alegre e emocional; tem loucura por futebol; é preguiçoso, conversa e discute muito; o projeto com os brasileiros foi um sucesso.

Concluiu-se que os discursos evidenciados nos dizeres dos participantes – discurso publicitário dos estereótipos, discurso da diferença cultural, discurso subjetivo-afetivo de rejeição, discurso subjetivo-afetivo de aprovação, discurso do preconceito em forma de avaliação negativa do comportamento do outro-estrangeiro – podem estar vinculados às normas comportamentais de outra cultura, discurso do pre-

conceito por si mesmo, por sua própria cultura, projetado na imagem do outro. Discurso de avaliação e generalização.

Portanto, a partir da análise das imagens e dos discursos que acompanharam a formação dessas imagens, confirmou-se que os dizeres dos participantes desta pesquisa estão carregados de conceitos pré-existentes, pré-estabelecidos na memória discursiva, influenciada pelos discursos circulantes na sociedade que forma, ideologicamente, o imaginário do sujeito.

Confirmou-se também que a fala dos entrevistados tem vinculação com os discursos publicitários propagados pela mídia sobre o país e povo estrangeiros bem como sobre o seu país de origem e seu povo. Além disso, os enunciados evidenciaram atitudes contraditórias de rejeição e admiração, avaliação positiva e negativa, identificação com o outro ou receio de assemelhar-se.

Considerou-se importante apontar que os informantes brasileiros demonstraram mais vontade de explicar suas respostas, descrever seus sentimentos e dar mais exemplos das situações vivenciadas, quando comparados aos informantes russos. Além disso, os entrevistados brasileiros explicaram mais detalhadamente as suas dificuldades de lidar com o encontro com o outro-estrangeiro. Acredita-se que o fato de os informantes brasileiros estarem no Brasil, no seu país, tenha influenciado decisivamente sobre suas atitudes. Eles se sentiram mais seguros com o interlocutor, ou seja, sentiram-se em posição de poder falar com mais sinceridade e abertura do que os colegas estrangeiros. Considera-se que os informantes russos procuraram silenciar seus sentimentos dando respostas mais sucintas. Acredita-se também que o fato deles serem hóspedes no país, ainda que a trabalho, tenha influenciado alguns deles a se sentirem menos seguros em descrever mais detalhadamente suas opiniões e impressões.

Dessa forma verificou-se, por meio das entrevistas, que os especialistas brasileiros conferiram, na sua maioria, uma avaliação negativa de contato com os especialistas russos, formando uma imagem mais negativa do que positiva dos estrangeiros russos e da cultura russa, resultando em uma avaliação do trabalho no projeto como difícil. Já os especialistas russos demonstraram, na sua maioria, uma avaliação positiva de contato com os especialistas brasileiros, formando uma imagem mais positiva do que negativa dos estrangeiros brasileiros e da cultura brasileira, resultando em uma avaliação do trabalho no projeto como fácil.

Mesmo assim, avaliando o outro como positivo ou negativo, ambos os grupos demonstraram falta de interesse pelo contato profundo, troca cultural ou aprendizagem da língua estrangeira, russa ou português. Foi observado também que alguns especialistas brasileiros têm como referência, como denominador de avaliação e comparação – estereotipada positivamente e, assim, idealizada – a cultura de trabalho nos Estados Unidos, comparando o equipamento russo, livros técnicos, procedimentos de trabalho, jeito de agir, entre outros, com os dos Estados Unidos.

Desse modo, ao notar nos grupos uma resistência ao contato com o outro, falta de interesse para conhecer a cultura ou a língua do outro, português ou russo, confirmou-se a hipótese de vinculação dessa falta de interesse à dificuldade do encontro proporcionado no trabalho em conjunto no projeto, com o outro-estrangeiro.

Contudo pode-se, nesses casos de mal-entendidos ou ainda desentendimentos, perceber como o elemento cultural se torna particularmente importante, na medida em que é – e não raras vezes – invocado em situações conflituosas. Vê-se, dessa maneira, que a cultura deixa de ser um portador de riqueza e, em última instância, um atributo humano adquirido de acordo com a filiação social de cada indivíduo, para se tornar um fator de embate e de confronto cuja materialidade na sociedade tende a se inscrever nos dizeres que circulam e cujas especificidades devem ser compreendidas, tendo em vista sua formação complexa.

Essa complexidade reflete-se, então, nos modos pelos quais os diversos dizeres a seu respeito se configuram: a cultura pode ser vista ora como um meio de demarcação entre indivíduos – manipulado para justificar a rejeição do outro – ora como uma própria construção do devir humano ou, ainda, como traços específicos que singularizam um grupo social de outro grupo. Embora num primeiro momento possa-se pensar nestes dizeres como sendo heterogêneos e independentes, pode-se observar já de início que, ao se falar de cultura, a construção de identidade parece depreendível na formulação de enunciados, visto que eles podem ser considerados como um dos lugares onde se fundem marcas de pertencimentos culturais e de identidades.

Pertencimento cultural e identidade são formados de maneira relativa às outras identidades, relativamente ao outro-diferente. A diferença pode ser enxergada positiva ou negativamente, por meio da marginalização e rejeição do outro diferente ou celebração e aceitação, sendo vista como fonte de diversidade e enriquecedora da sua própria identidade. Como não é possível falar sobre o outro estrangeiro sem

falar sobre si, seu povo e destacar as diferenças, e vice-versa, nos enunciados analisados surgiram várias imagens e discursos dos brasileiros sobre si próprios e sua cultura e dos russos sobre si e a sua cultura.

Como pode-se ver na pesquisa, os participantes do encontro com o outro-estrangeiro evidenciaram nos seus dizeres um certo dualismo de ser “nós” e “eles”, sendo o grupo “nós” mais valorizado e normal e o grupo “eles” visto como divergente da norma. Percebeu-se durante as entrevistas e análise dos dados que, na maioria das vezes, a negatividade, a insatisfação, é relacionada com os “outros”.

Em síntese, esse é o provável cerne do conflito cultural e insatisfação entre os representantes de países diferentes – medir a cultura do outro a partir das próprias referências ideológico-culturais, sem fazer o desconto, sem enxergar a diferença como acontecimento natural e necessário para sua própria existência. Como já foi dito não se está falando sobre turismo, muitas as vezes de curto prazo e contato prazeroso, que não passa da sua fase de admiração pelo desconhecido. Fala-se sobre a convivência em período longo, de um a cinco anos, como foi o caso desta pesquisa. Estereótipos sobre o povo diferente, ideologia preconceituosa, generalizações a partir da experiência individual e subjetiva, avaliação negativa ou positiva do outro-estrangeiro como antecipadamente desviante do normal, sendo normal “nós” e não os “outros”.

Todavia, nem todos estão preparados e nem todos possuem conhecimento básico sobre a diversidade cultural como um elemento normal do mundo contemporâneo. Dessa forma, para um público despreparado, o encontro com o outro-estrangeiro, convivência social e de trabalho leva a sentir um certo grau de estranhamento, insatisfação ou rejeição ou encantamento.

Com isso pode-se dizer que, no contexto do projeto entre brasileiros e estrangeiros-russos em Porto Velho, conferiram-se dificuldades para os sujeitos de ambos grupos envolvidos e não somente a de tentar aceitar as diferenças, mas a de aproveitá-las como fonte enriquecedora da sua própria identidade.

Desta forma, recomenda-se a introdução de algum curso de curta duração, ou conversas preparatórias, para ambos os grupos. Essa prática poderia ajudar a desconstruir as imagens estereotipadas sobre o outro-estrangeiro e introduzir a possibilidade de ver o outro-diferente como um fator de necessidade para o próprio desenvolvimento, no mundo contemporâneo, onde ele deve ser recebido em sua soci-

idade e respeitado como ser humano – seja ele quem for e de onde for – cada qual preservando a imagem e identidade de seu povo.

Entretanto, além das diferenças culturais relatadas pelos participantes como considerável fonte de estranhamento, houve também referência, pelos entrevistados, a que a ausência de uma língua comum para comunicação atrapalhou muito o processo de aproximação. Desde o início desse projeto foi esperado que a língua inglesa pudesse servir como a língua comum para russos e brasileiros, sendo que ambos os grupos receberam cursos de inglês de curta duração, toda a literatura do projeto em inglês e foram contratados intérpretes de inglês/russo. De fato, essa estratégia não funcionou de modo perfeito, pois na sua maioria os especialistas russos e brasileiros não dominam a língua inglesa.

Com a intenção de melhorar o contato entre os grupos e, conseqüentemente, melhorar os resultados do trabalho – ainda nesse projeto e em possíveis projetos futuros – recomenda-se, também, a introdução de curso de português de curta duração, para os especialistas estrangeiros não imigrantes. Os imigrantes geralmente sentem a necessidade ou obrigatoriedade de aprender o português e, de uma forma ou de outra, o conseguem. No entanto, aqueles que são contratados para projetos internacionais temporários, de longa duração precisam, obrigatoriamente, receber alguns ensinamentos sobre a língua.

Também no caso dos especialistas brasileiros, recomenda-se a introdução de breve curso de língua estrangeira do país com o qual pretende-se instalar o projeto de longa duração, como foi o caso do projeto de Mi-35 com a empresa russa que começou em 2008 e está acontecendo até hoje, 2016, hospedado na Base Aérea de Porto Velho, Rondônia. No período compreendido entre maio de 2009 e agosto de 2011 os oficiais aviadores e técnicos brasileiros foram hospedados nas instalações da Força Aérea da Rússia (FAR), em cidades de Torzhok e Rostov-na-Donu, Rússia.

Deste modo, o ensino de línguas estrangeiras para os grupos russo e brasileiro, poderia ser um espaço de estudo não só da língua mas, também, da cultura estrangeira. Este seria um instrumento eficaz para promover o conhecimento da sua própria cultura ao encontrar a cultura do outro-estrangeiro; para praticar empatia colocando-se no lugar do outro e se sentir um pouco o outro; para aprender com a cultura do outro, entender como superar as barreiras que dificultam a aceitação das diferenças; para reconhecer suas próprias desarmonias internas e, assim, descobrir

que aceitando o outro é que aceita-se o próprio “eu”, que sem o outro não pode existir.

Os posicionamentos aqui expressos sobre as dificuldades do encontro com o outro-estrangeiro e a maneira como essas dificuldades poderiam ser diminuídas, basearam-se nos estudos teóricos apresentados neste trabalho e na análise das entrevistas com os especialistas que, de fato, vivenciaram e vivenciam esse encontro, sem mencionar a minha própria experiência como membro de um dos grupos em foco.

Finalmente, entende-se que essas considerações não pretendem ser finais, devido à impossibilidade de esgotar o tema levantado neste trabalho, mas espera-se incentivar o debate e futuras possíveis pesquisas sobre o assunto, tão relevante no tempo atual.

Referências

- ALTHUSSER, L. *Aparelhos ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE)*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- ARENDT, H. *A condição humana*. Trad. Roberto Raposo. 5.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.
- BAKHTIN, M; VOLOCHÍNOV, V. N. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 2ª ed. trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1981.
- BAUMAN, Z. *Ensaio sobre o conceito de cultura*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- BURGEILE, O. *Um estudo Sociolinguístico dos Afro-amazônidas no Brasil. A Imigração e a Mudança de língua*. Lewinston, New York: The Edwin Mellen Press, 2009, 472p.
- BRAWERMAN-ALBINI, A; MEDEIROS, V. S. (orgs.). *Diversidade Cultural e ensino de língua estrangeira*. Campinas: Pontes Editores, 2013.
- CASSIRER, E. *Antropologia filosófica*. Trad. Vicente F. de Queiroz. São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- CHARAUDEAU, P. *Identidade linguística, identidade cultural: uma relação paradoxal*. Em: Discurso e (des) igualdade social. Lara, G.P.; Limberti R.P. (orgs.). São Paulo: Contexto, 2015.
- CHARAUDEAU, Patrick e MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. 2. ed. Trad. Fabiana Komesu et. al. São Paulo: Contexto, 2008.
- CORACINI, M. J. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução*. 2.ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013.
- COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EdUFSCar, 2009.
- DICIONÁRIO Geral das Ciências Humanas*. Direção de G. Thines e Agnes Lempeur; [tradução de Artur Morão ... et al.]. Lisboa [Portugal]: Edições 70, 1984, p.231.
- DICIONÁRIO LAROUSSE Ilustrado da língua portuguesa*. Diego Rodrigues. Fernando Nuno. Naiara Raggiotti (coordenação editorial). São Paulo: Larousse do Brasil, 2004, p. 124.
- DICIONÁRIO SESC: a linguagem da cultura*. Newton Cunha. São Paulo: Perspectiva, 2003, p. 195.
- DICIONÁRIO de Sociologia*. Organizado pela seção especializada do Departamento Editorial da Editora GLOBO, com base, principalmente, nos Dicionários de Willems E., Fairchild H.P., Bernsdorf F., Bulow W., Weber A. Porto Alegre: Editora Globo, 1967, p. 88.

DICIONÁRIO de Oxford. Disponível em: <www.oxforddictionaries.com>. Acesso em 02 jun 2016.

DICIONÁRIO Cambridge Dictionary online. Disponível em: <<http://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/culture>>. Acesso em 02 jun 2016.

DUNAEVA, C. A. *Preconceito racial e xenofobia na Rússia contemporânea: os mecanismos de categorização étnica e a dicotomia entre "nós" e "outros"*. 2013. 263p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP.

EDGERTON, Robert. Em: Lawrence E. Harrison, Samuel P. Huntington. *Culture matters: how values shape human progress*. New York: Basic Books, 2000, p. 25.

ELIOTT, T. S. *Notas para uma definição de cultura*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1988.

FÁVARO, Tatiana. *Eni Orlandi fala sobre análise do discurso e linguagem em entrevista*. Revista Globo. 28/02/2013, São Paulo. Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/globouniversidade/noticia/2012/11/eni-orlandi-fala-sobre-analise-do-discurso-e-linguagem-em-entrevista.html>>. Acesso em 02 jun 2016.

FERNANDES, Claudemar Alves. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

GABLER, Iracema. Nair F. Gurgel do Amaral. Tânia Rocha Parmigiani. *Análise do Discurso: Uma leitura e três enfoques*. Porto Velho/RO: EDUFRO, 2011.

GASTALDO, Edison Luis. *A nação e o anúncio: a representação do "brasileiro" na publicidade da copa do mundo*. Campinas: UNICAMP, 2000. Tese (Doutorado em Multimeios). Instituto de Artes. Universidade Estadual de Campinas, 2000.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. 1.ed., IS. reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GUARESCHI, Neusa Maria de Fatima. BRUSCHI, Michel Euclides (orgs.). *Psicologia social nos estudos culturais: perspectivas e desafios para uma nova psicologia social*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GULHAUMOU, J. Considerações sobre a análise do discurso: um trajeto crítico em torno de Michel Pêcheux ao final dos anos 1970. In: BARONAS, R. L. e KOMESU, F. (orgs.) *Homenagem a Michel Pêcheux*. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

HARRISON, L. E., HUNTINGTON S. P. *Culture matters: how values shape human progress*. New York: Basic Books, 2000.

HENRY, Paul. *A ferramenta imperfeita: Língua, sujeito e discurso*. Trad. Maria Fausta P. de Castro. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. Trad. Leônidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. 9.ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e análise do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MOREIRA, Antônio Flávio. CANDAU, Vera Maria (orgs.). *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX - O espírito do tempo*. Trad. Maura Ribeiro Sardinha. 8.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

PAYER O. M. *Linguagem e sociedade contemporânea. Sujeito, mídia, mercado*. Revista Rua, No. 11. Labeurb/Nudecri/UNICAMP, 2005.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As Formas do Silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.

_____. *Discurso, Imaginário Social e Conhecimento*. In: Em Aberto, n.61, ano 14. Brasília: INEP, jan./mar. 1994, pp. 53-59.

_____. *Análise de Discurso*. In: Orlandi & Lagazzi-Rodrigues (orgs.). *Introdução às ciências das linguagens – Discurso e textualidade*. Campinas: Pontes, 2006.

_____. *Papel da Memória*. Pierre Achard. [et al] José Horta Nunes (trad.) 3 ed. Campinas, SP: Pontes, 2010.

_____. *Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos*. 4ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012a.

_____. *Interpretação, autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 6ª ed. Campinas: Pontes editores, 2012c.

_____. *Análise de discurso, Princípios e Procedimentos*. Campinas: Pontes, 2013.

ORLANDI, Eni Pucinelli, e GUIMARÃES Eduardo. *Unidade e dispersão: uma questão do texto e do sujeito*. Cadernos PUC, nº 31, 1988, pp. 17-36.

ORLANDI, Eni Pucinelli, LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy. (Orgs.). *Introdução às ciências da linguagem: Discurso e textualidade*. Campinas: Pontes, 2006.

PÊCHEUX, M. & FUCHS, C. [1975]. *A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas*. In: Gadet, F. & Hak, T. (orgs.). *Por uma Análise Automática do Discurso: uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1990.

PÊCHEUX, M. [1975]. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 4 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2009.

_____. *Semântica e discurso*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1975.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997b.

_____. [1975]. *Semântica e Discurso: uma Crítica à Afirmação do Óbvio*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1988.

_____. *Análise Automática do Discurso*. Campinas: UNICAMP, 1997.

_____. *Análise Automática do Discurso*. In: GADET, F.; HAK T. (Org.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Bethânia S. Mariani [et. al.] 4ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

_____. *Língua, linguagens, discurso*. In: PIOVEZANI, C.; SARGENTINI, V. (Org.). Legados de Michel Pêcheux: inéditos em Análise do discurso. São Paulo: Contexto, 2011.

ROBIN, Regine. *História e Linguística*. Trad. Adélia Bolle, Miralda Pereira. São Paulo: Cultrix, 1977.

SCHIFFRIN, D. *Approaches to Discourse*. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1994.

SILVA, Tomaz Tadeu da. HALL, Stuart. WOODWARD, Kathryn (orgs.). 15. ed. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SKLIAR, C. & DUSCHATZKY, S. *O nome dos outros. Narrando a alteridade na cultura e na educação*. In J. Larrosa & C. Skliar (Orgs.), Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

TASSO, Rossana Dutra. *Uma desordem silenciada? O sujeito e a identidade em questão*. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

VALDEZ, D. A. *Linguagem e essência: as imagens construídas por alunos de espanhol*. Porto Velho: UNIR, 2012. Dissertação (Mestrado em Letras), Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Letras, Universidade Federal de Rondônia, 2012.

VAN DIJK, T. A. *Elite discourse and institutional racism*. Cameron McCarthy & Cathryn Teasley (Eds.), Transnational Perspective on Culture, Policy and Education. Redirecting Cultural Studies in Neoliberal Times. (pp. 93-111). New York: Lang, 2008.

WRIGHT MILLS, Charles. *Le rôle de l'histoire*. In: L' Homme et la société, N. 3. 1967, pp. 133-155.